

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM



**O FALAR DOS COMERCIANTES BRASILEIROS NA FRONTEIRA DE
JAGUARÃO-RÍO BRANCO**

Dania Pinto Gonçalves

Pelotas

2013

Dania Pinto Gonçalves

**O FALAR DOS COMERCIANTES BRASILEIROS NA FRONTEIRA DE
JAGUARÃO-RÍO BRANCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Mozzillo

Pelotas
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635f	<p>Gonçalves, Dania Pinto</p> <p>O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão – Rio Branco / Dania Pinto Gonçalves; orientadora Isabella Mozzillo. – Pelotas, 2013.</p> <p>133 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2013.</p> <p>1. Fronteira. 2. Bilinguismo. 3. <i>Code-switching</i>. 4. Atitude linguística. I. Mozzillo, Isabella, org. II. Título.</p> <p>CDD: 404.2</p>
-------	--

Aline Herbstrith Batista – CRB 10/ 1737

Biblioteca Campus Porto - UFPel

Dedico este trabalho a minha orientadora
Prof.^aDr.^a Isabella Mozzillo, pela amizade, paciência, estímulo,
competência, cumplicidade com que me acompanhou durante toda
a realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus e Santa Rita de Cássia, por terem me dado força para atravessar e finalizar esta longa jornada.

Aos professores do Curso de Mestrado em especial:

À minha orientadora, Isabella Mozzillo, pela segura orientação e produtivos debates acerca do universo fronteiriço, por todos os ensinamentos nessa jornada;

Ao professor Luis Amaral, pelas manhãs de quartas-feiras, com debates muito produtivos em sala de aula, que fizeram com que me apaixonasse ainda mais pela Linguística.

Aos meus melhores e queridos amigos Juliana, Nilzair, Renan, Roberta, Rossana, Sylvia e Victor pela amizade, carinho, força e torcida.

Agradecimentos especiais

Ao Mateus, meu amor, pelo carinho, compreensão, força e dedicação;

Às minhas irmãs Potira e Lisiane, pelo apoio;

À minha avó Neiva (*in memoriam*), por ter acreditado em mim sempre;

Aos meus pais e à minha mãe por todo o ensinamento, por todos os exemplos e por todo o apoio e suporte que sempre me deram.

Meu muito obrigada!

Resumo

GONÇALVES, Dania Pinto. **O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão-Río Branco**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A zona fronteiriça do Brasil-Uruguai é uma região plurilíngue, que contém, além das línguas nacionais - o português e o espanhol-, os Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU). Os DPU, falados pelos fronteiriços uruguaio, são dialetos de base lusitana com influência da língua espanhola, assim denominados por considerar-se essa variedade uma variedade do português padrão. Nesse âmbito, localizam-se as cidades gêmeas de Jaguarão-Río Branco, que se constituem, portanto, de um bilinguismo societal, pois é comum ver seus moradores manejarem as duas línguas nacionais. O manejo desse par de línguas se torna evidente no comércio, mais especificamente em nosso estudo no comércio jaguarense. No lado fronteiriço brasileiro a comunicação se dá com o brasileiro ou uruguaio local. Desse modo, as práticas linguísticas fronteiriças brasileiras incluem o fenômeno do *code-switching*. O *code-switching* ou alternância de códigos é um comportamento linguístico característico de indivíduos bilíngues, que são capazes de alternar seus sistemas linguísticos com interlocutores que dividam o mesmo par de línguas. Esta dissertação pretende ajudar a ampliar os estudos fronteiriços do lado brasileiro, descrevendo a prática linguística de 40 comerciantes jaguarenses, que foram entrevistados e tiveram seus estabelecimentos gravados a fim de captar as vendas com os clientes uruguaio. Controlamos nesta pesquisa três variantes: gênero, tempo de serviço e estudo de espanhol em alguma instituição de ensino. Além de descrever a prática linguística do comerciante brasileiro, também buscamos identificar qual a atitude linguística do grupo para com o seu falar, com o intuito de verificar se possuíamos uma comunidade bilíngue com ou sem diglossia.

Palavras- Chave: Fronteira, bilinguismo, *code-switching*, atitude linguística.

SUMÁRIO

Lista de gráficos.....	i
Lista de figuras	ii
Lista de mapas	iii
Lista de quadros.....	iv
Lista de tabelas	v
1. Introdução	1
2. Referencial Teórico Histórico	7
2.1 História, disputas e tratados pelas fronteiras sul-rio-grandenses.....	7
2.2 A fronteira Brasil-Uruguai: definições, demarcações e limites.....	10
2.3 A fronteira Brasil-Uruguai: as cidades gêmeas	12
2. 3.1 Santana do Livramento/Rivera.	13
2. 3.2 Chuí/Chuy.....	14
2. 3.3 Aceguá/Aceguá.....	14
2. 3.4 Quaraí-Artigas	15
2. 3.5 Jaguarão-Río Branco.	15
3. Referencial Teórico Linguístico	19
3.1 Estudos fronteiriços Uruguai-Brasil: o começo com Rona (1965)	19
3.2 Estudos fronteiriços Uruguai-Brasil: Dialectos Portugueses do Uruguai	20
3. 2.1 Elizaincín, Behares & Barrios (1987)	21
3.3 Línguas em Contato.....	25
3.3.1 Bilinguismo	26
3.3.2 Tipos de Bilíngue	27
3. 3.3 Características do bilinguismo	30

3.3.3.1 Grau	30
3.3.3.2 Função	30
3.3.3.2.1 Fatores externos.....	30
3.3.3.2.2 Fatores internos	32
3.3.4 Escolha das línguas.....	33
3.3.4.1 <i>Code-switching</i> ou alternância de códigos	35
3.3.4.2 Tipos de <i>code-switching</i>	37
3.3.5 Diglossia.....	37
3.4 Atitude linguística	41
3.4.1 Política linguística	42
3.4.1.1 Política linguística uruguaia	43
3.4.1.2 Política linguística brasileira	44
4. Metodologia	47
4.1 Dados da pesquisa	47
4.2 Informantes	47
4.3 Instrumentos de apoio à coleta de dados	49
4.4 Descrição e análise de dados	50
4.5 Variáveis.....	50
5. Descrição dos dados	51
5.1 A língua usada pelos comerciantes para atender seus clientes uruguaiois	51
5.1.1. Tempo de serviço 1 (TS1) 0-10 anos	51
5.1.2. Tempo de serviço (TS2) 11-20 anos (/1) e mais de 21 anos (/2).....	52
5.2. Grau de bilinguismo	54
5.3 Relação com a língua materna, com a segunda língua, com o português e espanhol, portunhol e misturado.....	55
6. Análise dos dados	59
6.1 Bilinguismo societal na fronteira jaguareense.....	59
6.1.1 Características do bilinguismo no comércio jaguareense.....	62

6.2 Os usos e as formas do <i>code-switching</i> na fronteira jaguareense.....	70
6.2.1 Camila TS1 x EE (Anexo 3).....	71
6.2.2 Letícia TS1x NEE (Anexo 4)	73
6.2.3 Madrugá TS1 x EE (Anexo 5).....	76
6.2.4 José TS1x NEE (Anexo 6).....	77
6.2.5 Maria da Glória TS2/2 (Anexo 3) e Maria TS2/1 (Anexo 7)	78
6.2.6 Cesar TS2/1 (Anexo 8).....	80
6.2.7 Karen TS2/2 (Anexo 9) e Negra TS2/2 (Anexo 10).....	82
6.2.8 Paulinho TS2/2 (Anexo 11) e Pablo TS2/2 (Anexo 12).....	84
6.2.9 A prática linguística da fronteira jaguareense: <i>code-switching</i> ou DPU?.....	86
6.3. Atitude linguística dos comerciantes em relação ao seu produto linguístico	87
7. Considerações Finais	93
8. Referências	96
10. Anexos	100
Anexo 1- Questionário de Identificação	102
Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	106
Anexo 3- Camila TS1 x EE e Maria da Glória TS2/2	109
Anexo 4- Letícia TS1x NEE	110
Anexo 5- Madrugá TS1 x EE	111
Anexo 6- José TS1x NEE	112
Anexo 7- Maria TS2/1	113
Anexo 8- Cesar TS2/1	114
Anexo 9- Karen TS2/2.....	115
Anexo 10 - Negra TS2/2.....	116
Anexo 11- Paulinho TS2/2	117
Anexo 12- Pablo TS2/2	118

Lista de gráficos

Gráfico 1. Frequência x Duração – TS1xEE	64
Gráfico 2. Frequência x Duração – TS1x NEE	65
Gráfico 3. Frequência x Duração – TS2/1	66
Gráfico 4. Frequência x Duração – TS2/2.....	66

Lista de figuras

Figura 1. Situação de fronteira	13
Figura 2. Bilíngue composto e coordenado	28
Figura 3. Número de informantes de acordo com as variáveis de gênero, tempo de serviço na fronteira e se estudou ou não estudou a língua espanhola.....	48

Lista de mapas

Mapa 1. As diversas linhas de Tordesilhas.....	8
Mapa 2. Município de Jaguarão	15
Mapa 3. Município de Ríó Branco	17
Mapa 4. Municípios do norte uruguaio	21

Lista de quadros

Quadro 1. Variabilidade das preposições	22
Quadro 2. Variabilidade de artigos.....	22
Quadro 3. Variabilidade de contrações preposição + artigo.....	23
Quadro 4. Variabilidade de pronomes pessoais	24
Quadro 5. Simplificação do paradigma verbal	24
Quadro 6. Situações em que a diglossia pode ocorrer	38

Lista de Tabelas

Tabela 1. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaios- TS1xEE.....	52
Tabela 2. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaios- TS1xNEE	52
Tabela 3. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaios- TS2/1.....	53
Tabela 4. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaios- TS2/2.....	53
Tabela 5. Disposição geral das línguas utilizadas	54
Tabela 6. Nível de bilinguismo por idade.....	55
Tabela 7. Relação com a língua materna- português.....	56
Tabela 8. Relação com a segunda língua- espanhol	56
Tabela 9. Atitude em relação ao modo como se fala na fronteira	58

1. Introdução

Para Cataia (2011), estudar a fronteira está na moda, é atual, seja por seus elementos integradores, seja por seus elementos separatistas. Ao consultarmos no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986: 814), a palavra fronteira, encontramos as seguintes acepções:

fronteira. [F. subst. do adj. *fronteiro*] S.f. **1.** Limite (1) de um país ou território extremo onde confina com outro: *demarcação de fronteiras*. **2.** A região adjacente a este limite: *cidade de fronteira*. **3.** Fig. V. limite (6): *está chegando às fronteiras da loucura*. **4.** Extremo, fim, termo. [V. *limite* (3).] **5.** Fís. Limite material de um sistema, separação de um sistema e seu exterior. **6.** Mat. O conjunto dos pontos-fronteira de um conjunto: contorno. **Fronteira Agrícola.** Econ. Limite da área de exploração agrícola: *A fronteira agrícola no Brasil expandiu-se para o Oeste, nas últimas décadas*. **Fronteira de acumulação.** V. *fronteira viva*. **Fronteira de tensão.** V. *fronteira viva*. **Fronteira esboçada.** Tipo de fronteira (1) simplesmente desenhada sobre um mapa, não correspondendo a seu traçado a nenhuma adaptação passiva do homem ao meio nenhuma adaptação ativa do Estado a que pertence. **Fronteira Morta.** Tipo de fronteira (1) que passou de viva à categoria das linhas tranquilas, desde que cessou a tensão existente. **Fronteira termodinâmica.** Met. Região da atmosfera, a cerca de 160 km de altitude, além da qual a rarefação da atmosfera é tão grande que o movimento de um objeto, ainda que em grande velocidade, não gera calor apreciável. **Fronteira viva.** Tipo de fronteira (1) resultante de lenta evolução histórica e fixada através de choques ou de lutas armadas; fronteira de acumulação, fronteira de tensão. **Fronteira – Faixa.** S. f. Tipo de fronteira (1) representado por fortificações ou obstáculos defensivos. [Pl.: fronteiras – faixas e fronteiras – faixa]. **Fronteira – linha.** S.f. Tipo de fronteira (1) representado por linhas geodésicas ou acidentes naturais. [Pl.: fronteiras de linhas e fronteiras – linha.]

Conforme podemos observar na explicação do dicionário, fronteira significa a separação, o limite de territórios. Certamente essa acepção dicionarizada é a que nos vem à mente quando pensamos em fronteira, uma divisão geográfica, uma linha limítrofe. Porém, este é um entendimento simples, em vista da amplitude e da complexidade que envolve uma fronteira.

Por ser um tema atual, como afirma Cataia (2011), a fronteira tem sofrido diversas ressignificações através de estudos de geógrafos como o próprio Cataia (2011), Oliveira (2011), Costa (2011), de sociólogos como Laurelli (1997), Albuquerque (2011) e de linguistas como Motta (2009), Sturza (2006), Behares (2006, 2011). Laurelli (1997:179) propõe, inclusive, que as fronteiras sejam vistas como:

Fronteras de mercado y fronteras nacionales; territorios de paso de cargas-corredores de transporte- en el interior de los territorios nacionales, que unen regiones fronterizas alejadas; fronteras que separan ecosistemas, actividades productivas, culturas comunes; iniciativas de integración fronteriza- con mayores niveles de interacción entre sociedades de las márgenes - e iniciativas de integración binacional - grandes represas, puentes – localizadas en regiones fronterizas; regiones fronterizas en las que los Estados nacionales mantienen una presencia fuerte, con superposición de jurisdicciones, y fronteras en las que los niveles locales son las que toman la iniciativa de integración; regiones fronterizas fuertemente integradas entre las márgenes – con redes y organismos de gestión binacional o trinacional fronteriza -, algunas de ellas débilmente integradas a sus respectivos territorios nacionales; ciudades “par de frontera”, algunas sobre frontera seca, otras vinculadas por puentes sobre ríos, con o sin integración de la provisión de servicios públicos e infraestructura por red.

Consoante Atx (2011), a fronteira é um constructo simbólico de combinações históricas, culturais, políticas e sociais. Um espaço permeável, um portal capaz de reter, aprisionar, libertar e integrar. Ao atravessarmos uma fronteira, podemos mudar de *status*, de leis, de idioma; ao atravessarmos uma mercadoria podemos estar exportando-a ou importando-a. Para compreender a maleabilidade e, a hibridez dos povos fronteiriços é necessário entender a dinâmica interna da fronteira onde vivem, e essa dinâmica começa, através dos limites geográficos impostos historicamente por disputas, guerras e tratados.

O Brasil é um país que faz divisa terrestre com nove países: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname. Atx (2011) salienta que a fronteira com maior número de acontecimentos históricos é a brasileiro-uruguia e a descreve:

Fronteira móvel, limites disputados com a ferro. Guerras e contendas. Mas também trânsito de gentes, de mercadorias, diálogo entre culturas. Choque e permeabilidade, sobrepondo-se, intercalando-se, entrelaçando-se. A ponto de produzir uma cultura singular, um modo de vida, com seus sabores, costumes e dizeres. (ATX, 2011: 15)

É justamente a essa fronteira Brasil-Uruguai que pretendemos nos ater. Não somente a fatos históricos, mas também ao sujeito fronteiriço e a sua prática linguística. Conforme Oliveira (2011: 64)

O fronteiriço precede a fronteira. Ou seja, se o limite é o que demarca as ações políticas de, ao menos, dois estados, e, sendo a fronteira a força que se constrói a partir da vida social ali elaborada, e, finalmente, assumindo que a vida fronteiriça é uma criação dos sujeitos, a fronteira, e toda sua vida

estabelecida, é decorrente do fronteiroço que a precede. Ou seja, pode ser visualizado através de outra representação, na qual reconhecemos que o limite não se faz presente na totalidade da fronteira, e vice-versa.

A fronteira Brasil-Uruguai possui mais de 1.000 km de extensão, segundo Kersch (2011), 600 km são de fronteiras secas, como Santana do Livramento/¹Rivera², Chuí/Chuy e Aceguá/Aceguá e, somente uma rua serve de divisa entre os dois países. Os outros 400 km são de fronteiras com acidentes geográficos como em Quaraí-Artigas e Jaguarão-Río Branco, divididos respectivamente pelos rios Quaraí e Jaguarão.

Assim, ao publicar em 1965 *El dialecto fronterizo del norte del Uruguay*, José Pedro Rona reconhece em seus estudos, sob uma perspectiva linguística, que as comunidades fronteiriças uruguaias vão além dos limites geográficos e políticos estabelecidos pelo Estado uruguaio, posto que, na fronteira uruguaia, o idioma que predomina é o português. De acordo com Elizaincín (1996), foi a partir desse momento que uma gama de estudos dentro e fora do Uruguai teve início, e, paulatinamente se começou a traçar uma perspectiva não só linguística como também social, demográfica e histórica dessa zona fronteiriça.

Consoante Behares (1996) e Elizaincín (1996), a preocupação pela situação linguística do norte uruguaio é anterior a Rona. No final do século XIX, o pedagogo José Pedro Varela, ao reformular o sistema escolar uruguaio, com a chamada *Ley de Educación Común*, já apontava que, na fronteira norte do Uruguai com o Brasil, a língua espanhola era pouco empregada pelos fronteiroços uruguaios.

Os estudiosos³ da área estão de acordo que Rona foi o fundador, na década de 50, da chamada linguística fronteiriça, que tem o intuito de pesquisar a situação das línguas, primeiro espanhol-português e depois português-espanhol, em contato na zona de fronteira brasileiro-uruguaia. Tais pesquisas têm sua continuidade com os trabalhos dos uruguaios Elizaincín, Behares & Barrios (1987) Elizaincín (1996) Behares (1996, 2003, 2011) e também com pesquisas de outros linguistas, entre eles Hensey⁴ (1972), Carvalho (1998, 2003) e Sturza (2006, 2011). Elizaincín (1996) reconhece a necessidade de incluir trabalhos brasileiros em um panorama sobre a linguística do Rio

¹ Seguindo a explicação de Couto (2011), optamos por separar algumas fronteiras por barras e outras por travessões. As barras indicaram que a fronteira entre os países é seca, já o travessão indica que a fronteira é formada por algum acidente geográfico.

² A primeira cidade representa a fronteira brasileira e a segunda, a fronteira uruguaia.

³ Elizaincín (1996), Behares (1996), Barrios (2005, 1996) e Sturza (2006).

⁴ Referenciaremos aqui a bibliografia não lida, ou da qual lemos somente os *abstracts*. HENSEY, F. G. **The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border**. Mouton: The Hague, 1972.

da Prata, para que se possa apresentar melhor o cenário da produção acadêmica regional sobre esta questão.

O presente estudo quer contribuir a inserir e a ampliar o panorama brasileiro sobre a linguística fronteiriça. Nos dezesseis anos que se passaram da afirmação de Elizaincín, ainda encontramos poucos estudos sobre o fronteiriço brasileiro. Na nossa região destaca-se Sturza, que possui ampla bibliografia na área. Há também Álvarez⁵(2009) e Mota⁶ (2009), que investigam em suas dissertações de mestrado a fronteira sobre o viés da teoria da enunciação. Couto (2009, 2011) estuda a fronteira sob a perspectiva ecolinguística.

Além disso, existem, trabalhos literários que analisam a literatura produzida na fronteira, como Cortazzo⁷ (2011). Entretanto, do lado uruguaio encontramos grande diversidade de trabalhos, pois tais investigadores têm uma inquietação muito grande com o português do Uruguai e perpassam essa temática pela culinária, *Na frontera nós fizemos assim: lengua y cocina en el Uruguay fronterizo* (2003); literatura (poesia, música, piadas), *Noite nu norte* (2008); políticas de educação, *Portugués del Uruguay y educación bilíngüe* (2007), entre outros.

Essas investigações repercutem nas políticas linguísticas uruguaias, ajudando o Estado a expandir suas políticas educacionais e recentemente reconhecendo-o como um país multilíngue. Assim, o Uruguai aplica, em suas escolas de fronteira com o Brasil, o ensino bilíngue espanhol/português, reconhecendo o DPU como língua da população uruguaia e fronteiriça.

Dentre as cidades gêmeas que compõem a fronteira Brasil-Uruguai, a saber, Santana do Livramento/Rivera, Chuí/Chuy, Aceguá/Aceguá, Quaraí-Artigas e Jaguarão-Río Branco, escolhemos para tratar nesta investigação a comunidade de fala fronteiriça do município de Jaguarão que faz fronteira com a cidade de Río Branco. A escolha por tal fronteira se dá por dois motivos.

O primeiro é que são poucos os estudos encontrados em relação a essas cidades gêmeas, alguns poucos comentários em Rona (1965), Elizaincín, Behares & Barrios

⁵ ALVAREZ, I. M. J. **Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira.** (Dissertação de Mestrado). Santa Maria, RS: [s/n], 2009.

⁶ MOTA, S. S. **Línguas, sujeitos e sentidos: O jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX início do século XX.** (Dissertação de Mestrado), Santa Maria, RS: [s/n], 2009.

⁷CORTAZZO, U. La poesía de Fabián Severo. In: CORTAZZO, U.; MOZZILLO, I. et alii.(orgs.) **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Ed. da UFPel, 2011. (no prelo)

(1987) e Couto (2011), que reintera em seu texto que são poucos os dados encontrados da fronteira de Jaguarão-Río Branco, pois os investigadores se atêm mais às fronteiras de Santana do Livramento/Rivera e Chuí/Chuy. O segundo motivo que pesou para a escolha foi a acessibilidade que a pesquisadora teria à cidade, visto que ela pertence a essa comunidade fronteiriça e sua família pertence ao grupo foco do estudo, o que facilitaria o contato com os sujeitos em potencial.

As investigações desta dissertação de mestrado objetivaram verificar como os comerciantes e os comerciários fronteiriços brasileiros jaguarenses se comunicam quando querem falar espanhol. Pretendeu-se analisar se essa prática linguística do fronteiriço brasileiro corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia descrita por Elizaincín, Behares & Barrios (1987) na qual encontraremos também os Dialetos Portugueses do Uruguai, dialetos de base preponderantemente portuguesa, por muitos considerados uma possível prática de *code-mixing* (MOZZILLO, 2011).

Os objetivos específicos do trabalho foram:

- (i) Analisar como os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros se comunicam quando querem falar espanhol;
- (ii) Analisar se a prática linguística dos comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia descrita por Behares, Elizaincín & Barrios (1987);
- (iii) Verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros identificam a existência de uma terceira língua, dialeto e/ou variedade linguística na fronteira;
- (iv) Verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros se identificam como falantes dessa terceira língua, dialeto e/ou variedade linguística da fronteira;
- (v) Verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros veem seu produto linguístico de forma depreciativa.

Tendo por base os objetivos já referidos, as principais hipóteses que norteiam esta pesquisa foram:

- (i) Supõe-se que, na prática linguística dos comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros, apareça o português em *code-switching* com o espanhol, por haver na cidade de Jaguarão um bilinguismo societal, divergindo assim da prática linguística da fronteira uruguaia analisada por Behares, Elizaincín & Barrios (1987), na qual encontraremos os DPUs, considerados como uma prática possível de *code-mixing* (MOZZILLO, 2011).
- (ii) Supõe-se, ainda, que os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros identificarão a existência de outra prática linguística na fronteira diferente das línguas nacionais, português e espanhol;
- (iii) Pensamos que a grande maioria dos comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros não se identificará como falante dessa terceira língua, dialeto e/ou variedade e, justamente por não serem falantes dessa variedade, não verão seu produto linguístico de forma depreciativa.

Neste estudo pretendemos observar a língua praticada pelos falantes, falada pelos comerciantes e comerciários da fronteira brasileira de Jaguarão-Río Branco. E, a partir do estudo dos *Dialectos Portugueses del Uruguay*, doravante (DPU), da linguística fronteiriça uruguaia, colaborar para mapear a situação linguística fronteiriça brasileira, que não é muito difundida.

Para tanto, dividimos esta dissertação em cinco capítulos: Referencial Teórico Histórico, Referencial Teórico Linguístico, Metodologia, Descrição dos dados, Análise dos dados e Considerações Finais.

2. Referencial Teórico Histórico

No presente capítulo será traçado um referencial teórico histórico na tentativa de responder como as disputas das coroas portuguesa e espanhola formaram a fronteira Brasil-Uruguai. Acreditamos que seja necessário conhecer a história, os limites e as disputas dessas terras, a fim de compreender como se configurou a situação linguística da fronteira sul-rio-grandense.

2.1 História, disputas e tratados pelas fronteiras sul-rio-grandenses.

Garcia (2011) explica que a disputa da atual América do Sul atravessou os séculos. Teve início em 1421, com a primeira bula papal, que concedia grande parte das novas terras e das navegações pelo Atlântico a Portugal, e término em 1920, com as ruas de Santana do Livramento e Rivera, fronteira do Brasil-Uruguai, respectivamente, delimitada.

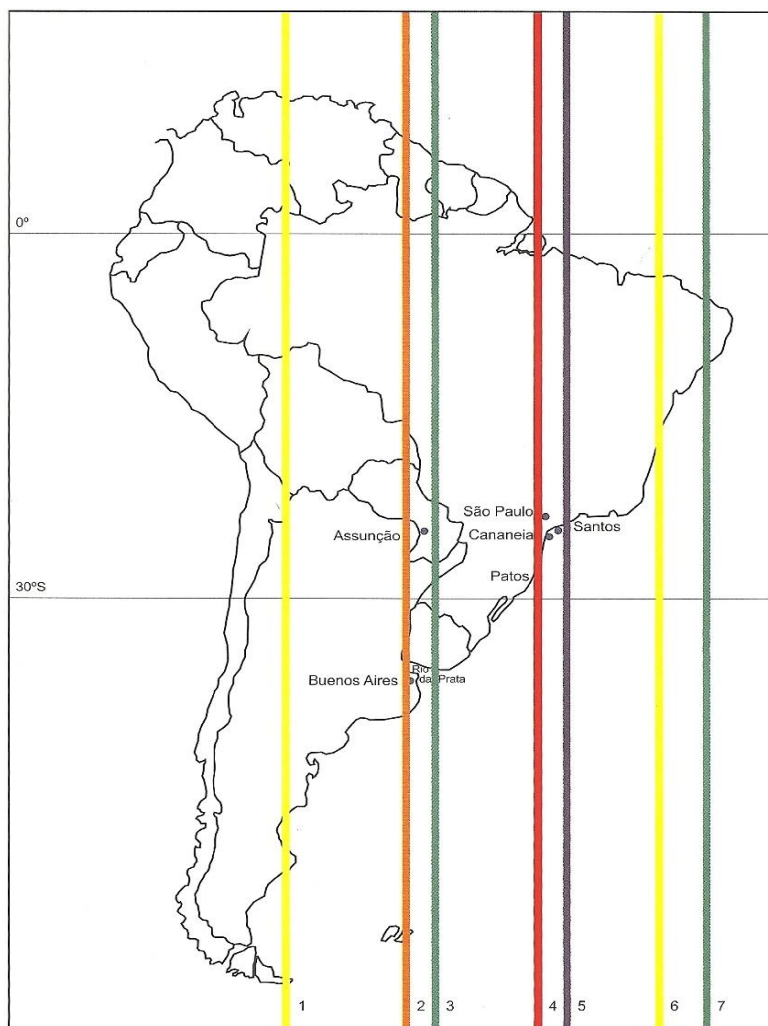
Em cinco séculos de disputa entre as coroas portuguesa e espanhola foram assinados diversos tratados e bulas que ora beneficiavam Portugal, ora Espanha. Em 1479, quando a coroa espanhola passou efetivamente a competir com as embarcações portuguesas houve, consoante Garcia (2011), os primeiros impasses e guerras entre ambos os países, o que levou em 1493 à assinatura da segunda bula papal *Inter Coetera*. Essa bula, assinada pelo papa Alexandre VI, retirava o direito de Portugal sobre a exclusividade de navegação pelo Atlântico e das terras descobertas ou que viessem a ser descobertas ao sul das ilhas Canárias, concedendo tal direito a Espanha.

Insatisfeito, D. João II, rei de Portugal, decidiu mostrar por mar sua força bélica, e passou a preparar suas embarcações para guerrear. De acordo com Garcia (2011), ao saber das movimentações do país vizinho, a coroa espanhola decidiu resolver a questão de forma harmoniosa, e, propôs, com o consentimento do papa, em 1494, o *Tratado de Tordesilhas*. Esse tratado dava posse aos portugueses de tudo o que se encontrasse até 370 léguas das ilhas de Cabo Verde. O historiador explica que a partir desse tratado começam as acusações de usurpação de terras, inclusive na América do Sul, violência e grandes batalhas por parte de ambas as coroas. O *Tratado de Tordesilhas*, conforme esclarece o historiador e diplomata, era impreciso, pois não especificava a partir de qual

ilha de Cabo Verde seria feita a contagem, como tão pouco especificava o tamanho da légua, que variava de cultura para cultura e até de navegador para navegador.

Podemos observar através do Mapa 1, elaborado por Garcia (2011), o quanto era imprevisível a linha de Tordesilhas, e dependendo do ano e do império que a mandasse traçar era possível obter diversas delimitações.

Mapa 1: As diversas linhas de Tordesilhas



- 1 — Linha antiga mais favorável a Portugal (1554) 66°W
- 2 — Linha de Martim Afonso de Souza (D. João III) (1531) 59°30'W
- 3 — Linha a cálculos atuais mais favorável ao Brasil - 55°29'15''W
- 4 — Linha de Varnhagen (1854-1857) 48°42'30''W
- 5 — Linha de Juan e Ulloa (1749) 46°22'59''W
- 6 — Linha antiga mais favorável à Espanha (1547) 39°46'36''W
- 7 — Linha a cálculos atuais menos favorável ao Brasil - 36°11'20''W

Fonte: Garcia (2011)

Independentemente da linha traçada, o que fica claro no tratado, ao visualizarmos o Mapa 1, é que parte do atual Brasil pertenceria à coroa portuguesa e as demais terras, à coroa espanhola. O reino português, explica Garcia (2011:44), tinha como fórmula de conquista das terras, o pensamento de Carlos V “Quem mais puder descobrir e povoar [terras] com elas ficará”. Por esse pensamento e pelo entendimento da divisão de *Tordesilhas*, Portugal funda, na região do Prata, em 1680, século XVII, a Colônia do Sacramento.

Para a Espanha, a criação da Colônia em um território que pensava ser seu, era uma grande afronta. Assim, espanhóis e hispano-americanos passam a disputar essas terras com portugueses e luso-brasileiros durante anos. Como ponto de apoio para futuras batalhas, a Espanha funda Montevideú, em 1724. Eventualmente, a Espanha vence as batalhas e destrói a localidade de Sacramento, outras vezes Portugal resistia bravamente, assim a Colônia permutou de uma coroa para a outra até 1737, quando foi firmado o *Tratado de Paris*. Tratado provisório, conforme explicam Garcia (2011) e Kühn (2011), que pretendia delimitar o território sul-americano entre os reinos de Portugal e Espanha.

Ainda em 1737 e com o pensamento expansionista, portugueses e luso-brasileiros criaram a Colônia do Rio Grande de São Pedro e seguiram o povoamento até o Chuí.

Em 1750, ao assinarem o *Tratado de Madri*, as coroas portuguesa e espanhola reconhecem o princípio do *uti possidetis*, ou seja, o uso pela posse, conforme Kühn (2011), garantindo a Portugal a vila de Rio Grande fundada em 1737 e os Sete Povos das Missões, permutado pela Colônia. Em 1761, consoante o autor, o *Tratado de El Pardo*, acaba anulando o *Tratado de Madri* e em 1763, a Colônia é devolvida ao reino português pelo *Tratado de Paris*. No entanto, a posse da Vila de Rio Grande e São José do Norte fica com os espanhóis.

Em 1777, é assinado o *Tratado de Santo Ildefonso*, onde se determina que Sacramento passe a pertencer à Espanha e que Portugal fica com o território rio-grandense, que passa efetivamente a ser seu em 1801, através de uma batalha.

Já em 1817, o Uruguai passa ao Brasil com o nome de Província Cisplatina, conseguindo sua liberdade em 1825. O que fica evidente entre todos esses tratados e disputas é que a região norte do Uruguai, conforme Kersch (2011) explica, foi ocupada e colonizada por portugueses principalmente depois da Grande Guerra (1839 - 1851),

tendo em vista que os preços das terras uruguaias caíram muito, dando assim oportunidade para que os luso-brasileiros as adquirissem e mantendo a região sob o domínio e a influência portuguesa.

De acordo com dados apresentados por Kersch (2011), em 1860 o governo uruguaio estimou que 36,5% de um total de 15.590 habitantes que moravam as fronteiras uruguaias eram brasileiros. Conforme Elizaincín, Behares & Barrios (1987), essa população que vivia na Banda Oriental era composta por índios fugidos das Missões Jesuíticas, desertores do exército português e bandeirantes.

Com esses dados em mãos, o Estado uruguaio começou a fundar cidades na fronteira com o intuito de impedir o avanço luso-brasileiro e assegurar e fixar a língua espanhola na região. Assim, surgiram as cidades hoje com os nomes de Artigas, Rivera, Río Branco, Treinta y Tres. No entanto, a fundação dessas cidades não foi o suficiente para formar uma barreira à língua portuguesa, e a fronteira uruguaia passou então a ser uma comunidade bilíngue espanhol/português, como veremos na seção 2.3.5.

2.2 A fronteira Brasil-Uruguai: definições, demarcações e limites.

O conceito de fronteira é muito complexo, como já pudemos observar no começo deste estudo, sendo geralmente definida pelos estudiosos como faixa ou zona que divide territórios. De acordo com Reckziegel⁸ (2000, citada por GOLIN, 2011), a fronteira de Brasil-Uruguai é “uma área compartilhada, moldada por uma história em comum”. Tal compartilhamento se dá de modo social, econômico, cultural e ambiental, pois as crises, os conflitos, absolutamente tudo é absorvido e dividido pela fronteira.

Por esse motivo, Golin (2011) justifica que uma fronteira se forma a partir de sua história e que o Itamaraty possui três maneiras de identificar e demarcar uma fronteira internacional. A primeira é o *Tratado*, um documento diplomático entre os países em questão, que estabelece a fronteira. Sabemos que os reinos de Portugal e Espanha firmaram diversos tratados com o propósito de estabelecer as fronteiras Brasil-Uruguai.

A segunda é a *Demarcação*, uma linha divisória feita geograficamente e o último é a *Caracterização*, que são os marcos adotados para a divisão. Ainda devem-se

⁸ RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. O micro e o macro: a região nas relações internacionais. In: KERN, Arno Alvarez (Org.) **Sociedades Ibero-americanas**. Reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 48.

examinar atentamente, ao se mencionar a fronteira, questões como limites, dimensões técnicas e sociais, fronteiras naturais e artificiais e frente de expansão e frente pioneira.

Conforme o autor, o limite é a linha que divide regiões limítrofes, seria o centro da fronteira. Na região fronteira de Jaguarão-Río Branco o centro da fronteira é o rio Jaguarão. Ainda discorrendo sobre o assunto, o historiador explica que o limite está orientado para dentro e a fronteira está orientada para fora, ou seja, é aquilo que está à frente e nos dias de hoje inspira atenção e cuidado, visto que os limites internacionais manifestam atualmente, segundo Golin (2011), o desajuste político e econômico entre os Estados.

Conforme as dimensões técnicas, mas ainda assim conseguindo refletir as dimensões sociais de uma fronteira, é possível, de acordo com Laurelli (1997), diferenciá-las em três tipos: a fronteira comum, a fronteira ativa, e a fronteira de trânsito.

A fronteira comum é quando há um compartilhamento econômico e identitário. Na fronteira sul rio-grandense esse compartilhamento fica a cargo da cultura e da economia, conforme explica a autora. Já a fronteira ativa ocorre quando há atividades diferenciadas de ambos os lados da fronteira, que podem se complementar ou não, conforme Laurelli (1997). Tal fronteira se caracteriza por ter um núcleo urbano em comum. Por fim, a fronteira em trânsito, como o próprio nome sugere, define aquela fronteira que não possui infraestrutura e somente faz a baldeação dos habitantes de uma cidade para outra.

De acordo com Golin (2011), a fronteira comum e a ativa são as mais encontradas entre Brasil-Uruguai. Podemos citar Chuí/Chuy, Santana do Livramento/Rivera, Aceguá/Aceguá como exemplos de fronteiras comum e ativa, pois possuem um mesmo núcleo urbano, compartilham a economia através do comércio. Entretanto, Jaguarão-Río Branco constituem uma fronteira comum, não possuem um núcleo urbano, mas compartilham sua economia através do comércio e traços culturais como o carnaval que é celebrado à moda brasileira. “Fronteiras são também elementos simbólicos carregados de ambiguidade, pois, ao mesmo tempo que impedem, permitem ultrapassar”. (GOLIN 2011: 17)

Para Golin (2011) as fronteiras podem ser *naturais* ou *artificiais*. Naturais quando há algum elemento físico fazendo sua demarcação e artificial quando há uma demarcação formal.

Outra questão importante ao se tratar de fronteira é o conceito que *frente de expansão* e *frente pioneira*. De acordo com Golin (2011), a frente de expansão foi aquela feita pela civilização indígena, que se encontrava à margem da fronteira econômica, pois ocupava o seu espaço sem modificá-lo, situando-se em uma fronteira demográfica. Já a frente pioneira foi feita pelos colonizadores, caso em que há uma modificação social do espaço, pois os colonizadores criam novas formas de viver e produzir. Está ligada à fronteira econômica. A fronteira Brasil-Uruguai teve sua colonização marcada pelas duas frentes em algumas situações houve uma mistura de frente de expansão com a pioneira, visto que, no caso dos Sete Povos, a população indígena modificou o meio em que vivia.

Para Golin (2011), a delimitação das fronteiras Brasil-Uruguai só foi estabelecida definitivamente na metade do século XIX, mas antes disso, entre os anos 1909 e 1913, houve um ajuste entre os países com linhas imaginárias que passavam pelo rio Jaguarão, a lagoa Mirim e o arroio São Miguel.

2.3 A fronteira Brasil-Uruguai: as cidades gêmeas

Couto (2009) explica que o contato de línguas é extremamente comum, pois cada vez mais o ser humano entra em contato com sujeitos que possuem línguas diferentes da sua, cada vez mais as pessoas migram de um país para o outro, sem falar nas fronteiras onde o contato linguístico pode se dar entre línguas diversas.

Podemos definir, portanto, línguas em contato, basicamente, como a interação das pessoas e suas línguas. Essa relação culmina em alguma prática linguística, seja de bilinguismo, multilinguismo, pidgin, crioulo, entre outros.

Para o ecolinguista, há uma situação específica que ocorre entre os povos de fronteira e suas respectivas línguas (PL) quando entram em contato em um território (T).

Conforme Couto (2009), a situação da Figura 1, é normalmente encontrada em áreas de fronteira que possuam um acidente geográfico, como, por exemplo, rios ou montanhas.

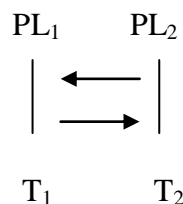


Figura 1.
Situação de Fronteira

Fonte: Couto (2009)

Podemos perceber pela Figura 1 que cada povo fala sua língua, em seu respectivo território e, ao passarem para o território vizinho, ocorrem, segundo o autor, interações interlinguísticas, que acabam convergindo linguisticamente, como é o caso do portunhol na fronteira Brasil-Uruguai.

Conforme Kersch (2011), a fronteira Brasil-Uruguai possui mais de 1.000 km de extensão, dos quais 60% são de fronteiras secas e 40% são com acidentes geográficos. Laurelli (1997) explica que essas comunidades fronteiriças também são conhecidas como cidades gêmeas ou cidades pares.

A fronteira Brasil-Uruguai possui as seguintes cidades gêmeas: Santana do Livramento/Rivera, Chuí/Chuy, Aceguá/Aceguá, Quaraí-Artigas e Jaguarão-Río Branco. Passaremos a seguir a um breve histórico de cada zona fronteiriça, detendo-nos mais no último par, Jaguarão-Río Branco.

2.3.1 Santana do Livramento/Rivera

Couto (2011) explica que a fronteira de Santana do Livramento/Rivera é fronteira de contato linguístico entre português e espanhol, mais estudada entre Brasil-Uruguai. Certamente esse interesse deve-se ao fato de tal região ser a maior fronteira seca entre os dois países, e também a maior fronteira em número de habitantes, cerca de 140 mil.

Ainda de acordo com o autor, o espanhol local é muito influenciado pela língua portuguesa, principalmente em aspectos fonológicos como o não alçamento de [e,o], e a não vocalização de [l] pós-vocálico, bem como [r] vibrante em início de sílaba.

Para mais informações da região ver os estudos de Elizaincín, Behares & Barrios (1987), Hensey (1972), Carvalho (1998, 2003), Mota (2009).

2.3.2 Chuí/Chuy

Com cerca de 20 mil habitantes, apenas um canteiro divide essa fronteira seca, onde do lado uruguaio fica a Avenida Brasil e do lado brasileiro, a Avenida Uruguai. Tal zona fronteiriça difere das demais, consoante Couto (2009), pois é a única em que a língua predominante na comunidade, inclusive do lado brasileiro, é o espanhol. Para o autor, essa situação linguística deve-se não só à colonização da região, que foi feita pelo reino da Espanha, mas também devido ao fato de o Chuí estar isolado das demais cidades brasileiras como Rio Grande que fica 150 km, ou ainda Pelotas a 254 km e, a capital gaúcha, Porto Alegre a 505 km.

A cidade brasileira mais próxima do Chuí é Santa Vitória do Palmar, cerca de 20 km que, consoante Couto (2009), era também a pouco tempo castelhanizada devido a proximidade de ambas cidades do território uruguaio, como da cidade de Rocha a 134 km ou ainda de Montevideú a 471 km.

Para mais informações ver os estudos de Espiga⁹ (2006), Amaral¹⁰ (2006, 2008) e Couto (2009, 2011).

2.3.3 Aceguá/Aceguá

Assim como as duas fronteiras anteriores, a Aceguá brasileira e a Aceguá uruguaia são separadas por apenas uma rua, onde consta um marco fronteiriço. Com aproximadamente seis mil habitantes, esse par de cidades forma a menor fronteira seca entre Brasil-Uruguai.

A influência linguística da região é o português, que abrange também a Aceguá uruguaia, visto que, há até pouco tempo, a Aceguá brasileira pertencia ao município de Bagé, considerada uma cidade maior, da qual se emancipou em 1996.

⁹ ESPIGA, J. O contato do português com o espanhol no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.) **Variação, mudança e contato linguístico no português da região Sul**. Pelotas: Educat, 2006. p. 261-280.

¹⁰ AMARAL, T. R. Identidade cultural e dialeto misto: a relevância do fator identidade para o desenvolvimento da mistura de línguas na fronteira brasileiro-uruguaia. In: **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**. Brasília: MEC, 2006. p. 169-179.

AMARAL, T. R. La producción de cambios de códigos en la frontera Chuí-Chuy y su papel en la construcción de la identidad fronteriza. In: ELIZAINCÍN, A; ESPIGA, J. (Orgs.). **Español y Portugués: um velho novo mundo de fronteiras e contatos**. Pelotas: Educat, 2008. p. 209-234.

De acordo com Couto (2011) a população local denomina sua fala como *corrupio* ou como um *portunhol* entreverado. Para saber mais sobre a comunidade, vide Elizaincín, Behares & Barrios (1987) e Couto (2011).

2.3.4 Quaraí-Artigas

Com cerca de 104 mil habitantes, esta fronteira separada pelo rio Quaraí, mas unida pela Ponte Internacional da Concórdia, de 750 metros, é também influenciada pelo português de ambos os lados da fronteira.

Até onde pudemos observar, os únicos autores que tratam um pouco da região são Rona (1965) e Elizaincín, Behares & Barrios (1987).

2.3.5 Jaguarão-Río Branco

O município de Jaguarão, também conhecido como Cidade Heroica, possui, de acordo com o IBGE, uma área de 2.054 Km². Situado no sudeste rio-grandense, o pampa jaguarenses possui limites com os municípios brasileiros de Herval e Arroio Grande, com a Lagoa Mirim e com o país vizinho Uruguai, através da cidade de Río Branco, os municípios fronteiriços são separados pelo rio Jaguarão, mas são ligados pela Ponte Internacional Mauá, de 450 metros. Observe a localização no Mapa 2.

Mapa 2. Município de Jaguarão



Fonte: <http://maps.google.com>

A cidade de Jaguarão pertenceu em seus primórdios, bem como os atuais municípios de Arroio Grande e Herval, à coroa espanhola. Segundo Franco (1980), o *Tratado de Santo Ildefonso* de 1777, em seu artigo número quatro dava posse dessas terras à Espanha. Ainda de acordo com o autor, entre as constantes guerras que marcam a disputa pelo território sul-americano, há uma em especial, a guerra de 1801, na qual Portugal passa a expandir seu território se apossando dos territórios onde atualmente se encontram o Taim e o Chuí e fixando a Guarda do Cerrito, atual Jaguarão, em terras portuguesas.

Consoante Franco (1980), o comércio jaguarense se estabeleceu entre 1802 e 1811 através da agricultura e pecuária, comercializada entre os próprios moradores e os vizinhos uruguaios. O autor explica que, logo após o crescimento econômico, Cerrito foi elevado a povoado e a seguir a freguesia, quando finalmente, através de um decreto de Dom Pedro II, em 1832, passou a se chamar Vila Jaguarão.

Franco (1980) expõe que a partir do decreto de Dom Pedro II, a vila começa a tomar proporções maiores estabelecendo seus limites geográficos, elegendo seus vereadores e juízes, para legislar e cuidar da população que, em 1833, contava com 5.457 habitantes. Vejamos a interessante descrição que Franco (1980: 97) relata da população jaguarense:

Toda essa população de procedências diversas misturou-se intensamente sem maiores restrições, salvo talvez com referência aos negros. Pela condição de guarda fronteiriça, porto fluvial e empório de comércio, assinalou-se Jaguarão por ter tido uma considerável população flutuante, donde resultava uma tendência exogâmica muito acentuada. Outrossim, nada impediu que, ao longo dos anos, se verificassem ligações intensas e profundas entre o grupo étnico brasileiro e os vizinhos uruguaios. Nem a tênue linha fronteiriça nem as guerras serviram de obstáculo.

De acordo com o IBGE, a população jaguarense em 2010 era de 27.931 habitantes. A economia jaguarense gira em torno da agropecuária e do comércio diversificado. Na agricultura, consoante Cechin (1979), o município se destaca pela plantação de arroz e pelo começo da cultura de soja. Ainda de acordo com a autora, a pecuária é outro forte do município, além da criação de gado os fazendeiros investiam e investem muito na ovinocultura, visto que um dos eventos anuais que constam no

calendário da prefeitura é a *Exposição Internacional de meia-lã* realizada sempre no mês de março.

Cechin (1979) relata que a base do comércio jaguarense são suprimentos de primeira necessidade tais como alimentos, roupas e calçados para a população brasileira e a uruguaia. Atualmente, os comerciantes jaguarenses têm focado mais o público uruguaio, visto que muitos desses empresários investem em viagens à capital uruguaia para compra de roupas e de calçados com o intuito de revendê-los na fronteira.

Na educação, conforme a Secretária municipal (em conversa particular), a cidade conta com 33 estabelecimentos de ensino, entre escolas municipais (21), escolas estaduais (8), escolas particulares (3), Universidade (1) e até o fim do ano de 2013 deverá estar funcionando uma extensão do Instituto Federal Sul-rio-grandense em parceria com o país vizinho, o Uruguai, estabelecendo a 2ª Escola Binacional do Instituto no estado.

Apesar de fazer fronteira com um país hispano-falante, a Secretária de Educação explica que o ensino de língua espanhola nas escolas é recente, menos de 15 anos. No entanto, esse contato tem se intensificado desde a instalação do curso de Letras Português-Espanhol ofertado pela Universidade Federal do Pampa desde 2005. A instituição tem feito parceria com a prefeitura e, através de projetos de extensão, vem levando a língua espanhola à comunidade e às escolas.

O município de Río Branco, pertencente ao departamento de Cerro Largo, possui, segundo o INE¹¹ de 2011, uma população de 14.604 habitantes, distribuídos por seis mil habitações. Observe a localização no Mapa 3.

Mapa 3: Município de Río Branco



Fonte: <http://maps.google.com.uy>

¹¹ O INE é o Instituto nacional de estatística uruguaia, correspondente à função do IBGE no Brasil.

Fundada em 1792, a então Vila Artigas, passou-se a chamar Ríó Branco em homenagem ao Barão de Rio Branco, diplomata brasileiro, que negociou os atuais limites do município, que posteriormente em 1952, foi elevado à cidade.

Considerado um dos principais centros agroindustriais do Uruguai, Ríó Branco tem sua economia baseada no cultivo de arroz e no gado de corte. Atualmente, o turismo e o comércio têm colaborado na crescente economia dos riobranquenses, com o advento dos *Free Shops*, que atraem brasileiros de todas as regiões.

De acordo com o Ministério de Desenvolvimento Social uruguaio (MIDES), a cidade de Ríó Branco conta com sete escolas, todas públicas. Assim como as demais fronteiras entre Brasil-Uruguai, exceto a de Chuí/Chuy, há em Ríó Branco um predomínio do português, como podemos observar no excerto extraído de Elizaincín, Behares & Barrios (1987:120)

Rio Branco é uma cidade pequena que tien duas características. Por un lado tem a característica de cidade **encuanto a** população, **en** estensão territorial. Por outro lado tien característica di **povo** ainda, porque como senhor **puede** ver **ahí más, casi muy pocas estan afaltadas y en esse aspecto ainda pobo.**

A história de disputas e colonização de Brasil-Uruguai mostradas neste capítulo se mescla e se funde com o seu povo. O fronteiriço, como menciona Oliveira (2011), precede a fronteira, por isso, Jaguarão e Ríó Branco, municípios separados pelo rio Jaguarão, mas *unidos* pela Ponte Mauá, são considerados cidades gêmeas.

Fronteira comum, como menciona Laurelli (1997), por compartilharem uma economia, uma cultura fronteiriça e duas línguas, português e espanhol. Idiomas que fazem dessa localidade de Jaguarão-Ríó Branco, por sua história passada e presente, uma comunidade com um bilinguismo social como veremos no próximo capítulo.

3. Referencial Teórico Linguístico

Este capítulo procura traçar algumas considerações a respeito dos estudos fronteiriços, bilinguismo e políticas linguísticas, sob o ponto de vista de diferentes autores que serão utilizados posteriormente para a análise dos dados.

3.1. Estudos fronteiriços Uruguai-Brasil: o começo com Rona (1965)

Rona (1965), em seu livro *El dialecto 'fronterizo' del norte del Uruguay*, dedica-se ao estudo fonético e fonológico do *dialecto fronteiriço* que é, segundo o autor, “resultado de la mezcla del castellano hablado en el Uruguay y del portugués hablado en la parte meridional de Rio Grande do Sul”(1965:5), que, no entanto, “no es ni portugués, ni español, y resulta con frecuencia ininteligible tanto para los brasileños como para los uruguayos” (1965:7).

Assim, o autor propõe a existência de dois dialetos fronteiriços, um de base portuguesa e um de base espanhola. O de base portuguesa, de acordo com Rona (1965:7) “tiene un sistema fonológico, si no total, al menos principalmente portugués y un léxico en el cual predominan los elementos portugueses. Se trata, en consecuencia, de un dialecto evidentemente portugués con influencia castellana”. Já o de base espanhola “no se diferencia casi del resto del Uruguay, y las influencias léxicas, morfológicas y sintácticas portuguesas, aunque numerosas, no llegan a predominar” (1965: 7-8).

Em suas considerações sobre o dialeto fronteiriço, o linguista salienta que o mesmo não se trata de uma influência do português sobre o espanhol, mas o contrário, uma influência do espanhol sobre o português, já que a colonização do norte uruguaio se deu primeiramente por luso-brasileiros e portugueses por volta da década de 30 a 50 do século XVIII. Só posteriormente, no século XIX, na década de 60, foi que o Estado uruguaio encaminhou hispano-falantes da região sul para as fronteiras ao norte do país.

Desse contato de povos e línguas podemos, consoante Rona (1965), distinguir três tipos de mesclas, a primeira é entre falantes de espanhol e falantes de português, a segunda são de grupos bilíngues (a maioria, segundo o autor) e a terceira é um dialeto misto. O linguista evidencia o fato de um mesmo conjunto de indivíduos poderem pertencer a mais de um grupo.

Com base nesses três tipos de mesclas que ocorreram em cada região fronteiriça do Uruguai, foi possível que Rona (1965) percebesse que havia variedades do dialeto fronteiriço, mais precisamente quatro: a variedade *artiguense*, a variedade *tacuareboense*, a variedade *melense* e a variedade *yaguaronense*. A última é a que nos interessa, por tratar de nossa zona de investigação.

Consoante Rona (1965: 14) a variedade *yaguaronense*

bordea el río Yaguarón hasta su desembocadura en la Laguna Merín y, luego, la costa de dicha Laguna. Por su extensión es la menor de todas. Tiene escasos vocablos castellanos, pero los modos morfológicos castellanos son abundantes. Es voseante. Los rasgos fónicos portugueses se extinguen a pocos kilómetros de la frontera.

Por fim, o autor conclui que um bilíngue da fronteira Uruguai-Brasil fala um espanhol genuíno e um português espanholizado ou um português genuíno e um espanhol aportuguesado.

3.2 Estudos fronteiriços Uruguai-Brasil: Dialectos Portugueses do Uruguai

De acordo com Behares (2010), a sociedade fronteiriça uruguaia é uma comunidade bilíngue em espanhol, idioma uruguaio, e em português, na sua variante do Uruguai.

Quando um falante percebe que seu falar difere do da comunidade em que está inserido, ele passa a nomeá-lo de uma forma distinta. Conforme Elizaincín, Behares & Barrios (1987), a população fronteiriça uruguaia, ao perceber que não produz o espanhol da capital ou o espanhol regional, passa a nomear sua fala de diversas formas entre elas: *basano*, *carimbão*, *corrupio*, *brasileiro*. Há também as formas *portuñol* e *fronterizo*. *Portuñol*, segundo os autores, seria a forma neutra com que os membros cultos da sociedade nomeiam o seu falar, já o *fronterizo* é mais utilizado por investigadores linguistas do assunto como Rona (1965), mas visto de modo depreciativo por ser um vocábulo de ampla significação.

O termo Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU), cunhado por Elizaincín, Behares & Barrios (1987), surge com o intuito de neutralizar as denominações de fala do fronteiriço uruguaio. A terminologia dialectos é utilizada no plural, de acordo com os autores, por uma questão de variabilidade, pois o português do Uruguai falado em

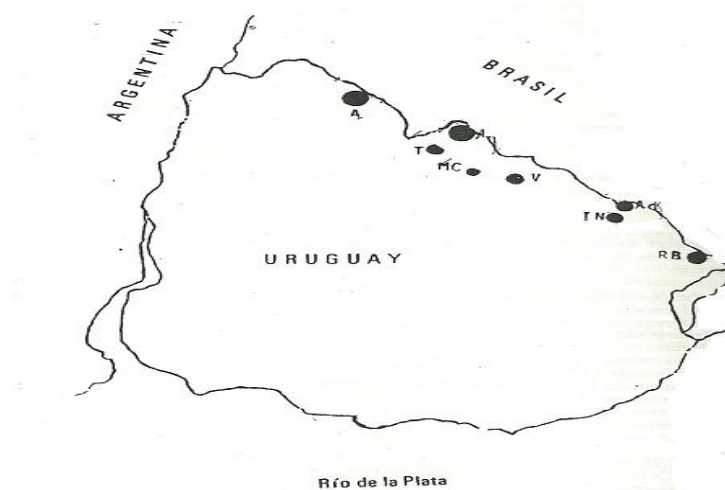
Rivera não é o mesmo falado no Chuy, que por sua vez não é o mesmo utilizado em Río Branco, pois não há uma língua homogênea, e sim, vários dialetos da mesma.

Segundo Elizaincín, Behares & Barrios (1987:14), os DPU são “formas mixtas o dialectos bilingües de base preponderantemente portuguesa, las que, sin embargo, evidencian fuerte influencia del español”. Ainda tem-se como definição de dialeto bilíngue “un sistema intermedio que surge como consecuencia de una situación en contacto” (ELIZAINCÍN, BEHARES & BARRIOS 1987: 20).

3.2.1 Elizaincín, Behares & Barrios (1987)

No estudo *Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguay* de Elizaincín, Behares & Barrios (1987), que tomamos como base para verificação de nosso estudo. Os autores mapeiam as variantes dos DPU através de coletas feitas nos municípios de Artigas (A), Rivera (R), Tranqueras (T), Vichadero/Minas de Corrales (V/MC) e Río Branco (RB), como podemos examinar no Mapa 4 retirado de dito estudo.

Mapa 4. Municípios do norte uruguaio



Fonte: Elizaincín, Behares & Barrios (1987: 112)

A investigação proposta pelos linguistas tem por objetivo estudar os DPU sob o aspecto da morfossintaxe. Dentro da morfossintaxe, eles se dedicam a dois fenômenos especificamente, a variabilidade e a simplificação.

A língua é uma estrutura dinâmica, por isso apresenta variabilidade, conforme Elizaincín, Behares & Barrios (1987). Ao se trabalhar com dialetos bilíngues é perceptível ver pelo contato linguístico, no caso em questão da língua portuguesa e da língua espanhola, que há essa variabilidade. Os autores trabalham com dois tipos de variabilidade, a interna e a externa.

A variabilidade interna está relacionada à instabilidade gramatical dos DPU. Os autores exemplificam essa instabilidade através das preposições *con*, *de*, *en*, *para*, *per* como podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1. Variabilidade das preposições

con ~ cum ~ com ~ cun ~ co ~ cu (~ = alterna con)
de ~ d ~ e ~ di ~ da
en ~ in ~ em ~ e
para ~ pra ~ pa ~ pur ~ per ~ po
por ~ per ~ pur ~ po
“Hay una comisión vesinhal cum us pai” (31 R)
“Muita cosa, asi, di sacra” (90 RB)
“De vez e cuando” (10 A)
“Us puntero tan pa faser gol” (51 V/MC)
“Moraba per lá” (109 T)

Fonte: Adaptado de Elizaincín, Behares & Barrios (1987)

No uso dos artigos definidos e dos artigos indefinidos também é possível observe a instabilidade gramatical produzida nos DPU. Veja o Quadro 2:

Quadro 2. Variabilidade de artigos

u, o, el (e), us, os, los, lus a, la, as, las	Artigos Definidos
un, um, uns, unos uma, una, ua, umas, unas	Artigos Indefinidos
“ U costo de vida” (28 R)	
“Para os alumnu” (45 T)	
“ que fase o gol” (104 R)	
“ A atividadi du comersio” (56 V/MC)	
“ La importação de automóviles” (129 RB)	
“ As pesoas segan” (56 V/MC)	

“Rio branco é **uma** sidade piquena” (129 RB)
 “Vo fase **ua** aclarasão” (129 RB)
 “Tein **umas** vaca para tirá leiti” (79 R)

Fonte: Adaptado de Elizaincín, Behares & Barrios (1987)

Outra instabilidade apontada pelos autores ocorre na contração das preposições *en*, *de*, *a*, *para*, e *por*. Em seus dados, Elizaincín, Behares & Barrios (1987) observam que a variabilidade se dá na combinação da contração das preposições + artigo. Na língua espanhola, de acordo com a gramática normativa, há somente duas contrações com as preposições *a* e *de* e o artigo *el*, formando *a+ el= al* e *de + el = del*. Observe no Quadro 3 as contrações dos DPU:

Quadro 3: Variabilidade de contrações preposição + artigo

“ Nos anos anteriores” (129 RB)		Preposição EN
“Meu mai trabaja nas casa” (82 RB)		
“Boto nun himbro” (40 T)		
“Sofria da visícula” (86 RB)		Preposição DE
“Não tenho quesada dus visinhos” (91 RB)		
“Por esemplu a bola dum ladu que cai” (98 A/IN)		
“ Ao final no fase nada” (104 R)		Preposição A
“Vo pa escola as duse” (35 R)		
“Esta vai au industrial” (10 A)		
“Quando vin pru bairro” (8A)		Preposição PARA
“Fui pra B” (15 A)		
“(não sei) como será prus outro” (115 A)		
“Eu ía viasá pelu tren” (129 R)		Preposição POR
“Ele pode pasá pela alfândega” (129 R)		

Fonte: Adaptado de Elizaincín, Behares & Barrios (1987)

A variabilidade interna está relacionada, também, aos pronomes pessoais, segundo os autores, os pronomes podem variar conforme o Quadro 4:

Quadro 4: Variabilidade de pronomes pessoais

1ª pessoa singular – yo, ió, eu
2ª pessoa singular – tu, você, vos, usted, o/a senhor (a)
3ª pessoa singular- él, ella, ele, ela
1ª pessoa plural- nosotros, nos
2ª pessoa plural- vocês
3ª pessoa plural- ellos, eles, ellos, elas

Fonte: Adaptado de Elizaincín, Behares & Barrios (1987)

A variabilidade externa está relacionada à variação geográfica, regional, ou seja, é uma variação diatópica da variabilidade interna em suas formas e estruturas. O critério para a variabilidade externa foi observar em qual localidade se dava a variação e em que quantidade ocorria.

Quanto à simplificação, os autores observam que há dois traços de nítida simplificação da língua nos DPU. Primeiramente, a grande quantidade de verbos no modo indicativo, cerca de 84% em relação à pouca utilização de outros modos como o subjuntivo, cerca de 0,86%. Elizaincín, Behares & Barrios (1987) explicam que o fato de os verbos no modo indicativo serem mais empregados que os demais modos, deve-se ao tipo de coleta feito, já que nas entrevistas era pedido aos informantes que relatassem situações cotidianas. Esses relatos, segundo os autores, não requerem o uso da probabilidade ou hipótese que supõem o uso do modo subjuntivo.

Secundariamente, encontramos a redução dos morfemas à 3ª pessoa do singular, neutralizando as oposições com 1ª pessoa do singular e 2ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural. Observe o Quadro 5:

Quadro 5. Simplificação do Paradigma Verbal

<p>Simplificação 1º sing. > 3ª sing. a- [Eu] vein aqui n' Uruguay a comprá (83 RB) b- [Eu] tein qu'irme imbora (97 A)</p> <p>Simplificação 3º plur. > 3ª sing a- Se va tudu us gurí (102 A) b- Elas brinca aí (97 A)</p> <p>Simplificação 2º plur. > 3ª sing a- Nos trabaiaba junto aqui (15 A)</p>

Fonte: Adaptado de Elizaincín, Behares & Barrios (1987)

Elizaincín, Behares & Barrios (1987) concluem seu estudo mencionando que dependendo dos traços analisados por eles é perceptível uma oscilação, que por vezes tende ao português e por vezes tende ao espanhol.

3.3 Línguas em Contato

De acordo com Appel & Muysken (1996) e Wei (2000), há entre cinco e seis mil línguas no mundo distribuídas por cerca de 190 países e, assim sendo, o contato linguístico é inevitável. Logo, formamos parte de comunidades, em sua grande maioria, multilíngues, nas quais pessoas, culturas e línguas entram em contato a todo instante de forma espontânea ou às vezes imposta. Para Wei (2000), alguns dos principais motivos para que haja línguas em contato são políticos, desastres naturais, religião, cultura, economia, educação e tecnologia.

Os motivos políticos envolvem atos políticos e militares como anexações, colonizações que podem, segundo Wei (2000), ter efeitos linguísticos imediatos, como foram as colonizações feitas na América pelas coroas portuguesa e espanhola, onde a língua e a cultura europeia foram impostas aos índios.

Os desastres naturais como fome, erupções vulcânicas, enchentes, terremotos podem causar a traslado de uma população para outro território e foi o que ocorreu, consoante Wei (2000), com a população irlandesa e chinesa que migrou para a América do Norte. Outro exemplo é uma pequena colônia de 100 haitianos que migraram para Santa Cruz do Sul- RS, Brasil, após 2010, quando um terremoto de grande magnitude destruiu o Haiti, como mostra a reportagem exibida pela RBS Santa Cruz de 25 de abril de 2013.

Quanto à religião, o autor explica que muitas pessoas decidem ir para um país por causa de sua religião ou sair dele por conta da opressão religiosa. Em quaisquer dos casos é necessário às vezes que se aprenda a língua da nova comunidade. Como exemplo, o autor cita os russos em Israel.

Sendo a língua um dos bens culturais mais preciosos de qualquer nação, para manter uma cultura, grupos minoritários tentam protegê-las da imposição dos Estados, como é o caso dos fronteiriços uruguaios que não deixam de falar o DPU, mesmo com a imposição do espanhol pelo governo. Também por se identificar com alguma cultura é possível que um grupo queira aprendê-la.

Conforme Wei (2000), a economia é um dos fatores da diversidade linguística dos Estados Unidos e Europa: em busca de melhores condições de vida e de emprego, grupos de pessoas vão para esses territórios, estabelecendo pequenas comunidades nesses países, como no caso dos mexicanos nos Estados Unidos.

Através da educação, do conhecimento de outro idioma temos acesso a diversas informações e oportunidades e assim foi na idade média quando a língua franca era o latim, depois veio a ser o francês e atualmente é o inglês.

A tecnologia é, conforme o autor, a responsável pela expansão do inglês, visto que grande parte da tecnologia encontra-se exclusivamente nesse idioma.

Com a lista elaborada por Wei (2000), percebemos que estamos sempre propensos a contatos linguísticos e que deles podem derivar sujeitos e/ou comunidades bilíngues e até mesmo sujeitos e/ou comunidades plurilíngues.

Appel & Muysken (1996) e Wei (2000) compartilham a ideia de que uma a cada três pessoas do mundo é bilíngue, pois usa outra língua para fins de trabalho, de lazer, em casa, a aprende na escola, entre outras situações.

3.3.1 Bilinguismo

O termo bilinguismo é utilizado para denominar uma comunidade que se expressa em duas ou mais línguas ou um sujeito que também se comunica em dois ou mais idiomas. Por esse motivo, Romaine (1997) compreende que não há como separar a definição de bilinguismo societal da de bilinguismo do indivíduo. Complementando a autora, temos Mackey (2000), que explica que o bilinguismo não é um fenômeno da linguagem, mas sim uma característica de sua utilização na mensagem enunciada.

Consoante Appel & Muysken (1996), há algumas concepções sobre o que seja um indivíduo ou sociedade bilíngue. Os autores explicam que para Bloomfield¹² (1933), bilíngue é o sujeito que domina o par de línguas que fala como nativo. Já para Macnamara¹³ (1969, citado por APPEL & MUYSKEN, 1996), são considerados bilíngues os indivíduos que dominem, em qualquer grau, uma das quatro habilidades da

¹² BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, 1933.

¹³MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: **Description and measure of the bilingualism**. Toronto: University of Toronto Press, 1969.

segunda língua (falar, entender, escrever e ler). E na concepção de Weinreich¹⁴ (1953) é compreendido como bilíngue todo sujeito que alterna entre duas línguas.

Para esta dissertação, utilizamos a concepção de Macnamara e Weinreich (1969, 1953, *citado por* APPEL & MUYSKEN, 1996) por acreditar que suas ideias se complementem e contemplem a configuração da fronteira sul brasileira - norte uruguaia, que se estabelece nos moldes descritos pelos autores. Outro fator importante de salientar, consoante os autores, é que nem toda sociedade bilíngue produz falantes bilíngues, pois há sujeitos monolíngues dentro dessas comunidades.

3.3.2 Tipos de Bilíngue

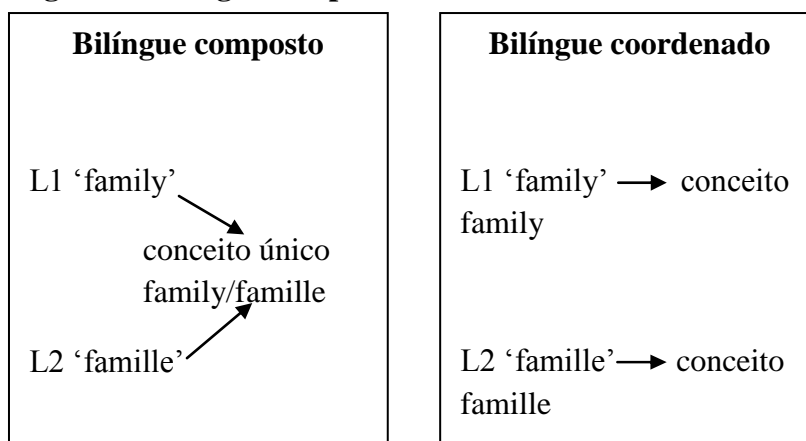
O acesso aos idiomas é, conforme explicam Hamers & Blanc (2000: 25), multidimensional, apresentando seis dimensões importantes: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; exogeneidade; *status* social e cultural da língua e identidade cultural.

A partir das dimensões citadas os autores elaboraram uma classificação dos tipos de bilíngues.

a- A competência relativa está relacionada ao domínio que os falantes possuem de suas línguas, podendo ser bilíngues equilibrados ou bilíngues desequilibrados. Os bilíngues equilibrados ou equilíngues são aqueles que dominam seus dois ou mais sistemas linguísticos de forma idêntica, como falantes nativos dos mesmos. Já os bilíngues desequilibrados são aqueles que não dominam de igual forma seus dois sistemas, um sempre será sobressaliente, podendo inclusive interferir no sistema linguístico em que o falante possui menos domínio.

b- A organização cognitiva faz referência à aquisição dos códigos, podendo assim um sujeito ser bilíngue composto e/ou bilíngue coordenado. O bilíngue composto é aquele que possui uma representação mental para os dois códigos, enquanto que o bilíngue coordenado faz uma separação, representando cada código isoladamente, como mostra o exemplo abaixo na Figura 2:

¹⁴ WEINREICH, U. **Languages in contact**. The Hauge: Mouton, 1953.

Figura 2: Bilíngue composto e coordenado

Fonte: Hamers & Blanc (2000: 28)

Ainda de acordo com os autores, um bilíngue pode ser mais composto para alguns conceitos e mais coordenado para outros.

c- A idade de aquisição está relacionada, segundo Hamers & Blanc (2000), a outros aspectos do desenvolvimento do bilíngue como a organização cognitiva e o desenvolvimento sociocultural. Ligados à idade de aquisição também se encontram outros fatores como local de aquisição, tempo de exposição, frequência. Cruzando esses fatores chegamos a três classificações de acordo com a idade: bilinguismo infantil, bilinguismo adolescente e bilinguismo adulto.

Consoante os autores, o bilinguismo infantil divide-se em bilinguismo infantil simultâneo e bilinguismo infantil sucessivo. O primeiro é aquele sujeito que desenvolve duas línguas maternas, caso o contato tenha ocorrido em situação natural, chegando a ser normalmente um equilíngue. Por exemplo, a criança adquire as línguas em casa, pelo pai e pela mãe possuem línguas maternas distintas. Já o segundo é o indivíduo que adquire o segundo sistema linguístico entre os três e os dez anos de idade, podendo chegar a ser equilíngue caso mantenha contato prolongado com falantes nativos deste segundo sistema. Por exemplo, a língua materna falada em casa não é a mesma do país no qual vive. Assim, a criança fala a língua materna em casa e aprende a segunda língua na rua, na escola. Cabe ressaltar que em ambas as situações, caso o contato seja em situação artificial, por exemplo, nas escolas, a criança provavelmente desenvolverá um bilinguismo desequilibrado.

O bilíngue adolescente, por sua vez, adquire o segundo código entre os 11 e 17 anos, aproximadamente. Nessa idade, já é mais difícil alcançar o equilíngue, mas o

sujeito pode obter um alto grau de fluência sem se passar por um nativo. Exemplo disso são os aprendizes de uma língua estrangeira em cursos de línguas.

Por fim, temos o bilíngue adulto que adquire o segundo código linguístico após os 18 anos, sendo muito mais raro alcançar um equilíbrio entre os dois sistemas.

d- Os bilíngues ainda podem ser classificados em endógenos ou exógenos. São bilíngues endógenos aqueles que convivem com seus idiomas em suas comunidades de fala, não podendo ser utilizado para fins institucionais. Por exemplo, no norte do Uruguai, onde se falam o espanhol e os DPU, não utilizados para fins institucionais. Os bilíngues exógenos são aqueles que não possuem uma das línguas da comunidade, sendo ela adquirida por meios oficiais e institucionais, como é o caso do inglês e do francês em alguns países da África.

e- Em relação ao *status* social e cultural que as línguas desenvolvem em suas comunidades, podemos distinguir o bilíngue aditivo do bilíngue subtrativo. No primeiro caso, as línguas do indivíduo são bem quistas na comunidade, fazendo com que o bilíngue desenvolva uma harmonia com ambos os idiomas. Consoante Mozzillo de Moura (1997), o mesmo ocorrerá no ambiente familiar: se a língua falada em casa for prestigiada, a língua falada pela sociedade também gozará de elevado prestígio. No entanto, no bilinguismo subtrativo, temos uma língua valorizada e outra desprestigiada, o que pode acarretar problemas na aquisição. Como exemplo, podemos citar a comunidade norte do Uruguai, na qual o espanhol é valorizado em detrimento dos DPU, o que faz com que muitos fronteiriços se transformem em bilíngues passivos de DPU, ou seja, só compreendem o idioma e não conseguem produzi-lo.

f- Por fim, temos a identidade cultural dos sujeitos bilíngues que, conforme Hamers & Blanc (2000), podem ser quatro: bicultural, monocultural, aculturado e deculturado.

O bilíngue bicultural, como o próprio nome explica, é aquele sujeito que se identifica culturalmente com os grupos sociais dos dois idiomas que fala. Por sua vez, o bilíngue monocultural se identifica culturalmente com só um dos grupos, geralmente o de sua língua materna.

O bilíngue aculturado é assim denominado, pois ele abdica de sua cultura em detrimento da cultura de sua segunda língua. Quando o sujeito abandona a sua cultura, mas não adota plenamente a cultura de sua segunda língua, ficando numa espécie de entre-cultura, o chamamos de bilíngue deculturado.

3.3.3 Características do bilinguismo

Segundo Grosjean (1982), Appel & Muysken (1996), Hamers & Blanc (2000) Mackey (2000), para se discutir o termo bilinguismo é necessário debater três de suas características: o grau, a função e o *code-switching*.

3.3.3.1 Grau

Para os autores citados, o grau de bilinguismo é muito relativo e está relacionado à competência linguística que o sujeito bilíngue desenvolve em cada uma das quatro habilidades: falar, compreender, ler e escrever. Sabemos que há sujeitos que compreendem (leem e entendem) muito bem uma determinada língua, mas não conseguem produzi-la, são os chamados bilíngues passivos. Contudo, há aqueles que além de compreender conseguem expressar-se em outro idioma, esses são os chamados bilíngues ativos.

Mackey (2000) salienta que um equilíngue não possui o mesmo nível de proficiência em ambas as línguas, por vezes domina mais alguns quesitos como léxico, gramática da língua A e vocabulário e fonética da língua B, por exemplo.

3.3.3.2 Função

Mackey (2000) explica que o grau de proficiência do bilíngue está diretamente relacionado à função, ou seja, em quais condições, situações, fatores, o falante utiliza seus idiomas. Esses fatores podem ser de ordem externa ou interna.

3.3.3.2.1 Fatores externos

As motivações externas são, segundo Mackey (2000), o ambiente onde se dá o bilinguismo, a variação, a duração, a frequência e a pressão.

O bilinguismo está suscetível a ocorrer em diversos lugares e situações, Mackey (2000) cita quatro em especial: a casa, a comunidade, a escola e os meios de comunicação. Em casa o bilinguismo pode ser mantido ou porque os pais falam uma língua diferente da comunidade em que vivem, ou porque os pais possuem línguas

maternas diferentes, ou pela contração de uma empregada que fale um idioma distinto do da família.

A comunidade se subdivide em outros pequenos grupos como a vizinhança, na qual a criança entrará em contato com uma língua diferente da utilizada em casa. Há também a língua utilizada no grupo ocupacional: por vezes um indivíduo tem de utilizar uma língua, diferente da sua língua materna, para fins de trabalho. Por vezes, o sujeito tem que se reorganizar linguisticamente, pois frequenta um grupo religioso em que a língua falada nos cultos e sermões não é a praticada por ele no seu dia a dia.

A escola pode estabelecer duas relações com o idioma: em uma primeira se faz uso de duas línguas para instruir seus alunos, são as chamadas escolas bilíngues. Em uma segunda relação é utilizada apenas uma língua para instrução e a outra língua é ensinada como língua estrangeira.

Os meios de comunicação, tanto os televisivos quanto os impressos são de grande importância na ajuda de manutenção e desenvolvimento do bilinguismo. Segundo Mackey (2000), através da televisão, filmes, jornais ou revistas é possível que o sujeito bilíngue aperfeiçoe uma de suas línguas.

O autor menciona ainda a variação do bilinguismo e explica que a variabilidade do mesmo está diretamente relacionada à duração, frequência e pressão. A duração e frequência também estão ligadas, tratam do tempo em que o bilíngue tem contato com seus idiomas. No entanto, ressalta Mackey (2000), a frequência, ou, a quantidade de horas em que o bilíngue é exposto a cada uma das línguas é mais importante.

A pressão diz respeito ao que influencia o sujeito bilíngue a utilizar um idioma em detrimento do outro. De acordo com o linguista, essas influências podem ser de ordem econômica, administrativa, cultural, política, militar, histórica, religiosa ou demográfica.

Por motivação econômica é possível que um indivíduo tenha que falar uma língua diferente da de casa no trabalho ou ainda tenha que aprender uma língua de prestígio comercial para o trabalho.

Por motivação administrativa um país bilíngue pode querer que seus funcionários dominem as duas línguas oficiais. O mesmo ocorre com as questões culturais, há países que incentivam o bilinguismo através da educação, disponibilizando aos discentes o contato com as línguas estrangeiras mais utilizadas. Antigamente eram o

grego e o latim, atualmente os países tem investido no ensino do inglês, alemão, francês e espanhol.

A motivação política implica nas políticas linguísticas adotadas pelos Estados bilíngues, que podem privilegiar a língua A ou a língua B ou ambas as línguas. As manobras militares feitas pelos governos impõem às vezes que soldados tenham que aprender uma determinada língua. Foi o que ocorreu com as alianças formadas na 2ª Guerra Mundial, quando os militares se viram obrigados a aprender outras línguas para poderem atuar conjuntamente nos campos de batalha.

A história pode ser um dos grandes motivos de se privilegiar o ensino de determinada língua em uma comunidade. Essa língua ensinada pode não ser a de maior prestígio na sociedade, mas é passada de pai para filho por ser uma língua de herança, por ter um valor sentimental, além de histórico.

A religião pode ser outro motivo para que o bilíngue atinja um alto nível de proficiência em um determinado idioma, por exemplo, os padres católicos são obrigados a estudar grego e latim.

O fator demográfico entra na questão de manutenção do bilinguismo, visto que, consoante Mackey (2000), uma língua falada por 500 milhões de pessoas tem mais influência e faz mais pressão do que uma língua falada por apenas alguns milhares de pessoas.

3.3.3.2.2 Fatores Internos

Conforme Mackey (2000), não são somente os fatores externos que influenciam os bilíngues, há também fatores internos que podem influenciar em suas comunicações, na função que cada idioma exerce na vida do indivíduo. De acordo com o autor, um bilíngue pode rezar, contar, amaldiçoar, sonhar e fazer anotações pessoais, nas duas línguas, em uma delas, ou realizar determinadas ações em um idioma e outras em outro. Cabe salientar, segundo o linguista, que nem sempre a língua escolhida para realizar determinada ação é a dominada pelo bilíngue.

Essas aptidões do falante bilíngue em utilizar uma ou outra ou ambas as línguas estão relacionadas aos fatores internos, conforme explica Mackey (2000). Os fatores elencados pelo autor são seis: sexo, idade, inteligência, memória, atitude linguística e motivação.

Mackey (2000) explica que o sexo é um fator importante no desenvolvimento da linguagem, e que pesquisas indicam que é um fator importante também para o bilinguismo, mas não entra no mérito.

A idade é outro elemento importante, porque, dependendo da idade de aquisição do segundo idioma, mais fluente poderá ser o nosso bilíngue. Retomando a classificação proposta por Hamers & Blanc (2000), podemos ter um bilíngue infantil simultâneo, um bilíngue infantil sucessivo, um bilíngue adolescente e um bilíngue adulto.

Embora o autor reporte a inteligência como um dos fatores internos importantes para o bilinguismo, ele não discorre muito sobre o assunto, visto que, de acordo com o linguista, as pesquisas existentes ainda não conseguiram descobrir a sua relativa importância.

A memória está diretamente relacionada à capacidade de aprender línguas. Segundo Mackey (2000), a memória é um fator de imitação, por isso está ligada ao bilinguismo e à capacidade de imitar sons e guardar léxico aprendido.

A atitude linguística de uma falante bilíngue pode, conforme explica o autor, influenciar na escolha na hora de utilizar um dos idiomas. O falante pode se sentir mais à vontade em falar a língua A, pois é mais aceita pela sociedade ou falar a língua B, pois marca sua identidade.

A motivação é um traço muito forte do bilinguismo. No caso de bilíngues infantis simultâneos e sucessivos em ambiente natural a motivação também se dá de forma natural, a criança aprende os dois idiomas sem esforço. Contudo, no caso de bilíngues infantis, adolescentes e adultos em ambiente artificial é necessária uma motivação maior para que eles se dediquem à aprendizagem do segundo idioma, como por exemplo, viagem para o exterior, uma promoção no emprego, entre outros.

3.3.4 A escolha das línguas

Grosjean (1982) explica que, assim como os falantes monolíngues podem escolher qual variedade linguística querem utilizar, os falantes bilíngues também podem eleger em qual idioma querem se pronunciar. Ainda de acordo com o autor, essa escolha depende de quatro fatores: os participantes, a situação, o tópico e a função da interação.

Grosjean (1982) explica que não é um fator, mas sim, um conjunto de fatores que influência na escolha da língua.

a- Participantes

Os participantes são, segundo Grosjean (1982), o fator de maior influência na hora da escolha linguística. De acordo com o autor, o bilíngue geralmente opta por utilizar a língua em que possui maior fluência ou pelo seu idioma preferido, visto que as limitações linguísticas podem impedir a comunicação.

A idade dos participantes (locutor e interlocutor) também tem um papel importante. Por exemplo, em comunidades de imigrantes, os mais jovens utilizam entre si a língua local, já para se dirigirem aos mais velhos como pais e avós, esses jovens empregam a língua de origem da família.

O status socioeconômico, bem como a ocupação do falante influenciam também na escolha da língua; o bilíngue optará por aquele idioma que tiver maior prestígio ou que for compatível com seu cargo.

A intimidade entre os participantes, a relação entre eles, auxilia também na eleição de uma língua ou de outra.

b- A situação

Consoante Rubin¹⁵ (1968, *citado por* GROSJEAN, 1982), o fator situacional mais importante é o *lugar* em que ocorre a interação, a partir do ambiente, o sujeito bilíngue faz a escolha de qual idioma deverá usar. Além do ambiente, fatores como se há monolíngues no lugar e o grau de formalidade e intimidade da conversação, são fundamentais para que se estabeleça a comunicação em um determinado idioma ou em outro.

c- O tópico do discurso

O conteúdo da conversação também é capaz de influenciar na escolha da língua. Como dito anteriormente (HAMERS & BLANC, 2000), nem mesmo um equilíngue domina exatamente igual seus idiomas. Assim, qualquer bilíngue está sujeito a desenvolver melhor determinado assunto em um idioma ou em outro, por sentir-se mais

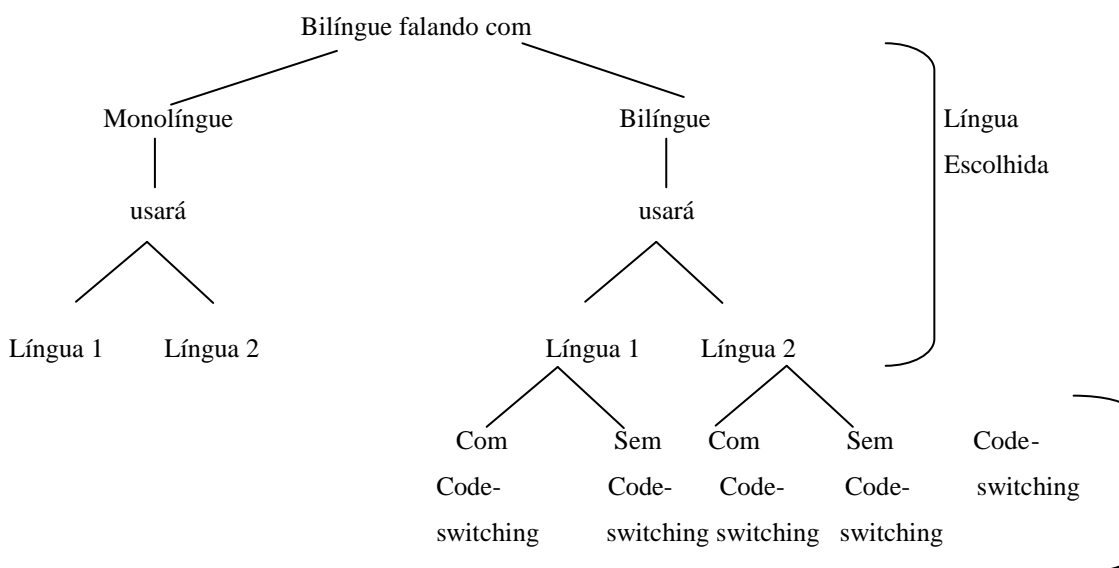
¹⁵ RUBIN, J. **National bilingualism in Paraguay**. The Hague: Mouton, 1968.

confortável linguisticamente. Por exemplo, falar de culinária em português, por dominar o léxico gastronômico nesta língua e não em sua segunda língua, o espanhol.

d- Função da interação

Através da língua eleita para a conversação, pode-se, conforme Grosjean (1982), dar maior status ao participante, criar uma distância social, incluir ou excluir um monolíngue, pedir auxílios ou dar ordens.

Assim, de acordo com esses fatores, um bilíngue poderá falar conforme o esquema abaixo:



Fonte: Adaptado de Grosjean (1982: 129)

3.3.4.1 *Code-switching* ou alternância de códigos

O *code-switching* ou alternância de códigos, de acordo com Appel & Muysken (1996), começou a ser estudado na década de 1970, por três viéses: o psicológico, o linguístico e o sociolinguístico. O primeiro se preocupa em desvendar quais são as capacidades linguísticas necessárias para realizar a alternância, o segundo se limita a verificar se há realmente uma alternância de códigos e não apenas a introdução de uma palavra no outro idioma dominado, e o último investiga por que os falantes realizam o *code-switching*. Para este estudo, optamos por seguir o viés linguístico e

sociolinguístico, por crer que eles se complementaram no decorrer do trabalho, dando sustentabilidade a nossa análise.

Milroy & Muysken (1995), definem o *code-switching* como a alternância de duas ou mais línguas na mesma conversação.

Tanto Milroy & Muysken (1995) quanto Appel & Muysken (1996) advogam que o *code-switching* não é uma mistura de idiomas ou um conhecimento deficiente da língua por parte dos bilíngues, não se trata de uma incapacidade linguística dos falantes. Pelo contrário, a alternância é um recurso adicional dos bilíngues, para que possam expressar-se nas mais diversas situações, tratando-se de “una parte central del discurso bilíngue” (APPEL & MUYSKEN, 1996: 176)

Segundo Grosjean (1982), os falantes bilíngues fazem a alternância de códigos quando encontram dificuldade de se expressarem em um tópico da língua em particular. Assim, acabam alternando uma palavra ou expressão que não tem uma tradução adequada para o idioma que estão falando. O autor exemplifica essa situação com os mexicanos americanos que fazem o *code-switching* quando querem falar sobre dinheiro “La consulta era *eight dollars*” (GROSJEAN, 1982:151)

Grosjean (1982: 157) defende que o *code-switching* “é uma estratégia comunicativa utilizada para transmitir informação linguística e social”. Justamente por ser uma estratégia linguística, a alternância não ocorre de forma aleatória, há razões para que os falantes a utilizem, como elenca o linguista (1982: 152):

- preencher uma necessidade linguística lexical ou de marcadores do discurso;
- continuar com a última língua utilizada;
- citar alguém;
- especificar o destinatário;
- qualificar a mensagem: ampliando-a ou enfatizando-a;
- especificar o envolvimento do falante;
- marcar a identidade de um grupo;
- transmitir confidencialidade, irritação;
- excluir alguém da conversa;
- mudar o papel de falante: elevando seu status, adicionando autoridade.

3.3.4.2 Os tipos de *code-switching*

A literatura menciona diversos tipos de *code-switching*, no entanto, dois tipos são muito recorrentes entre os linguistas Milroy e Muysken (1995), Appel & Muysken (1996) e Dabène & Moore (1995), o *intersentencial* e o *intra-sentencial*.

O *code-switching* intersentencial ocorre quando a alternância da língua A para a língua B se dá de uma sentença, de uma oração, para a outra.

O *code-switching* intra-sentencial, acontece quando há a alternância do idioma A para o idioma B numa mesma sentença. Esse tipo de alternância possui ainda uma subdivisão em intra-sentencial unitária e intra-sentencial segmental. A primeira ocorre ao se introduzir um termo da língua A na oração que está sendo falada na língua B, ou vice-versa, e a segunda quando integramos uma expressão, um segmento de palavras da língua B, por exemplo, na língua A, que está sendo utilizada para a comunicação.

Dabène & Moore (1995) ainda mencionam um terceiro tipo de alternância, o *code-switching entre enunciados*. Esta troca de códigos consiste em que depois de algum tempo utilizando a língua A, os participantes passam a utilizar a língua B ou vice-versa.

3.4 Diglossia

Quando tratamos de bilinguismo ou plurilinguismo em um mesmo território, se faz importante, segundo Fasold (1996), estudar a relação entre a forma linguística e a função social. O termo diglossia surgiu em 1959, em um artigo de mesmo nome publicado por Ferguson e que teve sua definição revista e ampliada em 1967 por Fishman.

Começaremos pelo mentor do termo. Para Ferguson (1959: 111), a diglossia é:

uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita, quer de um período anterior, quer de

outra comunidade linguística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual.

Essa definição é mais bem explanada nas nove características propostas pelo autor, são elas: a função, o prestígio, a tradição literária, a aquisição, a estandarização, a estabilidade, a gramática, o léxico e a fonologia.

A *função* é uma das principais características da diglossia. Consoante Ferguson (1959), as línguas de uma comunidade assumem papéis, funções diferentes. Há uma variante que o autor denomina de *alta* (A) e uma variante denominada de *baixa* (B), ou seja, existem lugares em que é adequado utilizar A e em outros B. Veja na Tabela 1 as possíveis situações em que cada uma das variedades podem ser empregadas.

Quadro 6. Situações em que a diglossia pode ocorrer

Situações	A	B
Sermão em igreja ou mesquita	X	
Instruções a criados, garçons, operários, funcionários		X
Carta pessoal	X	
Discurso em parlamento, discurso político	X	
Conferência universitária	X	
Conversa com familiares, amigos e colegas		X
Notícias radiofônicas	X	
Novela radiofônica		X
Editorial de jornal, notícia de jornal, legenda de filme	X	
Legenda de caricatura política		X
Poesia	X	
Literatura popular		X

Fonte: Ferguson (1959: 103)

O *prestígio* das línguas está diretamente ligado à função. A é a língua que possui alto prestígio e valor na sociedade, por isso é utilizada em lugares públicos, nas igrejas, discursos, jornais, poesia. Já B é uma língua marginalizada pela sociedade, falada somente em situações e em ambientes domésticos, em conversas com amigos, ordens para serviçais, literatura popular. Cabe ressaltar, no entanto, que pode acontecer de as

duas variantes A e B coexistirem em harmonia, sem rechaçarem ou diminuírem uma à outra.

A *tradição literária* é explicada pela própria Tabela 1: a literatura escrita em A é considerada padrão, a literatura dos cânones, enquanto que a poesia popular escrita em B é pouco ou nada valorizada.

A *aquisição* é, segundo Ferguson (1959), outra característica fundamental da diglossia, já que, conforme o autor, as crianças aprendem B de modo natural e A geralmente é aprendida no ensino formal, o que pode acarretar dificuldades na escola e corroborar para um maior preconceito com B.

A *estandarização* diz respeito ao estudo gramatical da língua, que geralmente é feito na língua A. Tópicos como a pronúncia, a ortografia e o léxico são demarcados, podendo variar somente dentro daquele limite. A língua B geralmente não possui estudos gramaticais e possui uma ortografia incerta.

Consoante Ferguson (1959), há uma certa *estabilidade* nos casos de diglossia. Às vezes chegam a durar séculos, ou ainda, havendo situações de tensão (colonização, políticas linguísticas nacionalistas), pode ocorrer o seu desaparecimento.

A *gramática* de A e B possuem, segundo Ferguson (1959), grande diferenças entre si, desde a ausência de classes gramaticais à flexão de verbos distintas.

Quanto ao *léxico*, conforme Ferguson (1959), a maior parte do vocabulário em ambas as variantes é compartilhada.

A *fonologia* depende de qual seja a origem das línguas A e B, pois podem ser muito parecidas como o espanhol e os DPU, ou diferentes como o alemão e o alemão suíço.

Em seu estudo sobre diglossia, Fishman¹⁶ (1972a, citado por FASOLD, 1996) explica que, faz-se necessário assinalar a diferença de diglossia e bilinguismo. Para o autor, o bilinguismo é um tema a ser discutido por psicólogos e psicolinguistas, enquanto que a diglossia é um tema para sociólogos e sociolinguistas. O bilinguismo trata, na concepção do autor, de indivíduos ou sociedades que manejam duas línguas, ao passo que a diglossia é a existência de mais de uma variedade linguística que cumpre papéis distintos no âmago da sociedade.

¹⁶ FISHMAN, Joshua. **Sociología del lenguaje**. 3ed Madrid: Cátedra, 1972a. Fasold faz uma nota explicando que o livro utilizado é uma tradução para o espanhol do original publicado em 1967.

El bilingüismo es esencialmente una caracterización de la versatilidad lingüística individual, mientras que la diglosia es una caracterización de la ubicación social de las funciones para diferentes lenguas o variedades (FISHMAN, 1982, *citado por* BARRIOS, 2008: 147)

Fishman (1982, *citado por* BARRIOS, 2008) também defende a existência de comunidades bilíngues diglósicas e não diglósicas. As primeiras são comunidades em que seus falantes assumem e reconhecem que há duas variedades linguísticas no seio da comunidade e que elas cumprem funções distintas. As segundas são comunidades em que não se restringe o uso de qualquer uma das línguas, onde elas são faladas indistintamente. Esse fator ocorre quando há uma mudança social repentina na vida do indivíduo. Ainda consoante o autor, é possível observar nas comunidades que apresentam o bilinguismo sem diglossia uma mescla das variedades A e B, principalmente se as línguas em questão são semelhantes, próximas, como por exemplo, o português e o espanhol.

Para Ferguson (1959) e Fishman (1982, *citado por* BARRIOS, 2008), toda comunidade linguística possui uma variante padrão A, usada em situações formais, e uma variante regional B, usada em situações informais. Como exemplo de uma comunidade bilíngue diglósica temos Río Branco, no norte do Uruguai, que considera o espanhol como língua padrão, a variedade A, e o português do Uruguai, língua de herança (BEHARES, 2011), língua vernacular, a variedade B.

A divergência entre Ferguson e Fishman a respeito da diglossia, conforme Fasolf (1996), fica a cargo do número de línguas envolvidas no processo. Enquanto que para o primeiro só há diglossia com duas línguas, o segundo advoga que a diglossia é possível entre mais de duas línguas.

Para nossa investigação tomamos como norte concepções de ambos os autores acerca da diglossia. De Ferguson (1959), as características como função e prestígio nos pareceram bem pertinente para explicar o falar do comerciante jaguarense. De Fishman (1982, *citado por* Barrios, 2008), de igual modo, tomamos a característica da função, mas principalmente a ideia de comunidades bilíngues diglósicas e bilíngues não diglósicas, bem como, dessa última, a mistura entre as variantes A e B que podem surgir desse contato linguístico. Isso nos interessa para explicar posteriormente a prática linguística da fronteira brasileira de Jaguarão.

3.4 Atitudes Linguísticas

Para Sturza (2011: 93), a síntese de fronteira, línguas e sujeito é que “a fronteira é um espaço de ir e vir”. Por esse motivo, conforme a linguista, a relação do indivíduo com a língua e a sua identidade está intrinsecamente ligada à condição histórico-social do sujeito.

Sabemos que a língua de um sujeito, de uma comunidade é a expressão cultural mais forte de identidade, de origem, de ligação a uma terra, a uma nação. Fato incontestável, que faz com que alguns governos criem leis, implementem políticas e imponham o uso de determinada língua a de uma minoria, alegando a busca de uma unidade linguística e nacional.

Conforme Behares (2006, 2011) e Carvalho (2007), no norte do Uruguai há uma situação de bilinguismo diglótico vivido pela comunidade fronteiriça uruguaia com o Brasil. O fato de muitos uruguaiois considerarem o espanhol como a variedade padrão, faz com que os mesmos escamoteiem o uso da variedade baixa, o português, aos lares, quando não o barram até em casa.

Kersch (2011: 397) ressalta que “a língua é a expressão de identidade, é o meio pelo qual o falante demonstra o seu pertencimento a determinado grupo.” Ou seja, falar o portunhol pode ser uma demonstração de ser fronteiriço, querer eliminá-lo de seu repertório linguístico demonstra certo desconforto em ter que pertencer ao grupo.

A autora explica que quando uma das línguas utilizadas pela comunidade se restringe ao lar é comum o desenvolvimento de atitudes negativas para com a língua. Ainda de acordo com Kersch (2011: 398), “as atitudes linguísticas são avaliações subjetivas (e muitas vezes inconscientes) feitas em relação às variedades em questão e, na maioria das vezes, são estendidas também aos seus falantes”.

O que se deve buscar, consoante Kersch (2011), em um estudo de atitudes linguísticas, é o significado social que uma língua possui para uma pessoa ou para uma comunidade. No caso de nosso trabalho, fica claro que o valor do portunhol está associado à necessidade de os nossos comerciantes jaguarenses comercializarem, venderem seus produtos. Como veremos na análise dos dados, pela resposta de nossos informantes, a avaliação do grupo para com o portunhol está condicionada às vendas.

Claro que entendemos que esse tipo de avaliação é subjetiva e que está sujeita a mudanças, visto que esses discursos são aprendidos e moldados pela própria sociedade fronteiriça, estando sujeitos a políticas linguísticas implícitas ou explícitas.

3.4.1 Política Linguística

De acordo com Oliveira (2007), o termo política linguística é recente, surgiu na segunda metade do século XX, no entanto a sua prática é bem antiga. Segundo o linguista, o termo está ligado ao plurilinguismo e a seu funcionamento, sendo, portanto, “mudanças políticas que levaram a alterações no estatuto das diversas comunidades linguísticas que integram a cidadania” (2007: 7). Podemos citar como exemplo a descolonização da África e da Ásia a partir da década de 50 do século passado.

Para Calvet (2007), a política linguística está intrinsecamente ligada ao planejamento linguístico. Assim, nas palavras do autor (2007: 11), política linguística é a “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade” e o planejamento linguístico é a “sua implementação”. Behares (2009) ressalta que as políticas linguísticas não estão intrinsecamente relacionadas ao âmbito educacional e que elas podem reger também a variedade linguística de um estado, indivíduo ou sociedade.

Dialogando com Behares (2009), Barrios (2009) menciona que as pesquisas no campo das políticas linguísticas podem tomar diversos rumos, no entanto a sua função principal é regular a diversidade linguística. Ainda de acordo com a autora, a diversidade linguística é um fator inseparável de qualquer comunidade de fala, inclusive daquelas que se julgam monolíngues.

As políticas linguísticas versam sobre temáticas como o reconhecimento linguístico de grupos minoritários, a determinação de uma norma linguística que será aprendida e usada pela comunidade, para proibir o uso de estrangeirismos, para determinar quais línguas estrangeiras serão ensinadas nas escolas, para instrumentalização de campanhas de alfabetização.

Barrios (2009) explica que há políticas linguísticas do tipo purista, nacionalista e imperialista e que a maior ou menor visibilidade que ganham, depende do cenário histórico e político que cada comunidade vive. O purismo linguístico, consoante a autora, promove a variedade estándar de uma língua, seu modelo de correção, por

exemplo, será utilizada a variedade de português B como norma padrão, não a variedade A ou C.

Uma política de nacionalismo linguístico refere-se à escolha da língua nacional de um determinado povo, foi o que ocorreu no Brasil na época do Estado Novo em que ficou determinado que todos os que aqui viviam deveriam falar o português. Fato idêntico passou-se com o Uruguai, onde foram veiculadas campanhas afirmando que a língua nacional era a língua espanhola, que essa era uma língua divina, o idioma com que se chegava a Deus.

O imperialismo linguístico, de acordo com Barrios (2009), promove uma determinada língua internacional, com o intuito de que uma determinada comunidade atinja uma ampla comunicação com o mundo.

É perceptível que qualquer que seja a política linguística adotada, o seu planejamento, o seu objetivo é regularizar a diversidade linguística das comunidades. Consoante Behares (2009), essas regularizações linguísticas são políticas públicas e cabe a cada Estado estabelecê-las explicita ou implicitamente.

3.4.1.1 Políticas linguísticas uruguaias

Segundo Behares (2009), as políticas linguísticas do Uruguai existem no âmbito educacional. A primeira política linguística do país desse tipo foi a *Ley de Educación Común* de 1877, elaborada por Pedro Varela. Na ocasião o redator da lei advogava que o ensino deveria ser feito no idioma nacional e alertava que na fronteira entre o Uruguai e o Brasil a língua mais falada pelo fronteiriço uruguaio era o português.

Percepções desse tipo, que depois se confirmaram com os estudos de Rona (1965), só aumentaram a fiscalização e a imposição da língua espanhola. Conforme Barrios e Pugliese (2005), na ditadura militar uruguaia (1973-1985) havia discursos xenófobos e puristas, acompanhados por campanhas idiomáticas que procuravam defender o espanhol frente à “ameaça” do português e a preservar a sua pureza frente à contaminação de expressões incorretas.

Discursos do tipo “importa el habla correcta de un país como uno de los mayores atributos de su cultura, vale como un patrimonio esencial de la nacionalidad” circulavam pelo jornal *El país*, mostrando que língua e identidade andavam juntas.

Por isso, em pesquisas recentes, Sturza (2006) levanta o olhar sobre o modo como o fronteiriço uruguaio vê a sua língua. Os DPU são vistos de forma depreciativa, tudo leva a crer que essa visão é intrínseca à campanha feita pelo Estado uruguaio na época da ditadura no sentido de formar um país monolíngue, no qual falar um “bom espanhol, um espanhol correto” era motivo de orgulho.

Na verdade, o Uruguai é um país multilíngue, pois possui várias línguas, além do espanhol, os DPU são considerados uma língua de herança, uma língua hereditária, falada nas comunidades fronteiriças do norte do país, existindo também a Língua de sinais uruguaia.

3.4.1.2 Políticas linguísticas brasileiras

No Brasil, o Projeto de Nacionalização formulado pelo Estado Novo, entre 1930-1937, de Getúlio Vargas, visava uma base central forte e o uso exclusivo da língua portuguesa. De acordo com Bresciani (2006: 13), um dos discursos veiculados na época era o do político e advogado, aliado do Estado Novo, Nereu Ramos:

Não pode, portanto, surpreender a quem quer que seja, tome o Estado Novo, de vez e definitivamente, providências para reintegrar dentro da alma do Brasil os que, nele tendo nascido, dela se acham na realidade apartados pela língua, pela educação, pelos costumes, pelas tradições.

Pensamentos como esse circulavam, pois uma das metas do Projeto de Nacionalização era impor a língua portuguesa e barrar as línguas estrangeiras. Conforme Bresciani (2006), nessa época o Brasil contava com uma parcela significativa de imigrantes, principalmente em estados como o de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Logo, aos olhos do governo era necessário tomar medidas drásticas, pois tínhamos uma unidade nacional frágil.

Consoante Bresciani (2006), o Projeto de Nacionalização visou principalmente às regiões de imigração alemã, no sul do país, visto que os imigrantes italianos eram mais facilmente aceitos. Segundo Campos (2006: 18), para aplicar a nova política linguística, o Estado Novo investiu “na rede escolar oficial, para referenciar a educação de jovens nos princípios da brasilidade e estender o espírito de nacionalidade a todos os cidadãos. Editou textos científicos ou de propaganda oficial difundidos entre as populações”. Esse planejamento linguístico atingiu todos os seguimentos da sociedade:

familiar, escolar, trabalhista, entre outros, tudo com o “intuito de forjar uma identidade homogênea para a população de um país” (CAMPOS, 2006: 19).

De acordo com Altenhofen (2004), falta uma política linguística que estabeleça condições educacionais para as línguas de imigrantes e para as amplas situações de bilinguismo no país.

As fronteiras entre Brasil-Uruguai parecem que foram esquecidas pelo Projeto de Nacionalização, provavelmente porque a língua predominante na fronteira inclusive do lado uruguaio era o português. Em fronteiras com acidentes geográficos como Jaguarão-Río Branco, a ponte Mauá que liga os dois países ficou pronta somente no final de 1930 e a ponte de Concórdia em Quaraí-Artigas foi inaugurada bem após o término do Estado Novo, em 1968. Assim, para o governo, o risco de uma castelhanização da população brasileira era pouco provável.

Por esse fato, acredita-se que os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros não encarem seu produto linguístico de forma depreciativa, pois a fronteira brasileira não sofreu represália alguma pelo idioma lá falado, não era uma comunidade de imigrantes que representasse risco ao resto do Brasil, era apenas uma comunidade que mantinha e mantém um contato linguístico com outra língua.

No que tange à educação, atualmente, no Brasil, há a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, que regulamenta algumas das temáticas citadas acima. Os artigos 26 e 32 tratam do ensino fundamental, o primeiro regulariza o ensino de uma língua estrangeira, mas sem especificar qual, já no artigo 32 fica explícito que o ensino escolar deve ser feito na língua portuguesa e assegura os direitos dos índios à aprendizagem em sua língua materna.

Art. 26

§ 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Art. 32.

§ 3º o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O artigo 36 trata de regulamentar o ensino médio. Assim como os artigos que tratam do ensino fundamental, fica claro que no ensino médio deve ser utilizada a língua

portuguesa para fins educacionais, a língua estrangeira é de ensino obrigatório, mas com a opção de oferta de uma segunda língua estrangeira moderna, também não especificada.

Art. 36

I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; **a língua portuguesa como instrumento de comunicação**, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

III – será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição;

Podemos citar aqui como uma dessas demandas da língua estrangeira opcional, inclusive cláusula do MERCOSUL, firmado em 1991, que o Brasil deveria investir no ensino de língua espanhola.

Desde então o ensino de espanhol no Brasil vem crescendo paulatinamente, nas fronteiras do Brasil-Uruguai, em especial na de Jaguarão-Río Branco, sobre a qual estamos tratando nesta dissertação.

O ensino de língua espanhola vem sendo aplicado em toda a rede municipal de ensino desde 1999, há também o curso de Letras Português-Espanhol que vem sendo ministrado na Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão desde 2005. E por fim, em fase de implantação, prevista para começar a funcionar no primeiro semestre de 2014, a 2ª Escola Binacional do Instituto Federal Sul-rio-grandense, visando à preparação de mão de obra técnica. Prevê-se o ingresso de 50% de alunos brasileiros e 50% de alunos uruguaios para todos os cursos ofertados.

Em suma, os governos e estados, tentam, através de políticas linguísticas e educacionais regularizar a diversidade linguística de sua população. No Brasil mesmo, a constituição determina que a língua oficial brasileira seja o português e recentemente foi acrescida também como língua oficial a Libras. Embora nossa constituição estabeleça que temos duas línguas oficiais, sabemos, conforme Oliveira (2002), que no Brasil se falam cerca de 200 línguas como língua materna, sendo 170 línguas indígenas e 30 línguas de comunidades descendentes de imigrantes.

Justamente regulamentações como essas é que constroem ideologias e fazem com que os falantes formem discursos, bem como formem suas atitudes linguísticas, muitas vezes equivocadas e preconceituosas contra certos idiomas e variedades.

4. Metodologia

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o método de análise empregado na pesquisa, os instrumentos de apoio, os procedimentos adotados para a coleta de dados, os critérios para a escolha dos informantes e as variáveis utilizadas no processo de pesquisa.

4.1. Dados da pesquisa

O corpus foi coletado na fronteira do Brasil e Uruguai, na cidade de Jaguarão, com comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros. Para a construção deste corpus foi utilizado como base à disciplina de Variação e Mudança Linguística cursada pela pesquisadora no programa de Mestrado em Letras da UFPel, no segundo semestre de 2011.

Os temas abordados nessa disciplina foram fundamentais para dar os primeiros passos na elaboração do corpus, como os principais pressupostos da Sociolinguística de Labov (1994, 2008). A pesquisadora teve acesso a vários textos, teses e dissertações a fim de preparar o questionário de identificação a ser aplicado nos sujeitos escolhidos, bem como construir as variáveis utilizadas nesse estudo. Entre os textos lidos, ressaltamos Silva (2003), Gomes & Souza (2003), Omena & Duarte (2003), Gryner & Omena (2003), Braga (2003), Amaral (2003), Guy & Zilles (2007).

Uma vez definidos os instrumentos utilizados, conforme o item 4.3, foram realizadas gravações individuais com os comerciantes e comerciários. Procuramos obter a melhor qualidade possível de gravação com a utilização de gravadores digitais Panasonic, que possuem *zoom* vocálico integrado ao microfone, e a produção mais natural possível por parte dos sujeitos.

Primeiramente, foi gravado um pequeno questionário com cada indivíduo; após a seleção dos informantes, o gravador foi deixado no estabelecimento do comerciante para gravar suas vendas diárias.

4.2. Informantes

De um total de 107 informantes entrevistados, foram selecionados para a presente pesquisa 40 comerciantes e comerciários da cidade de Jaguarão. Todos os comércios escolhidos ficam próximos da ponte Mauá, ponte esta que faz a divisa entre os países Brasil e Uruguai. Os estabelecimentos são lojas de roupa, lojas de sapato e lojas de roupa e sapato. Alguns desses comércios também possuem uma parte de bazar como brincos, correntes, enfeites de cabelo, óculos, bonés e brinquedos. Optamos por escolher lojas de roupa e sapatos, pois são a grande maioria no comércio jaguareense, assim o corpus ficaria mais ou menos homogêneo.

Os fatores como gênero, tempo de serviço na fronteira e o fato de terem ou não estudado a língua espanhola constam como variáveis desta investigação. Na Figura 3 é possível verificar como se dá a distribuição dos informantes de acordo com as variáveis propostas.

	Informantes por célula	Gênero	Tempo de serviço na fronteira	Estudou, não estudou a língua espanhola
Informantes=	5	x (Masc. + Fem.)	x (TSF 1 + TSF 2)	x (Est. + Nest.)
Informantes=	5	x 2	x 2	x 2
Informantes=	40			

Figura 3- Número de informantes de acordo com as variáveis de gênero, tempo de serviço na fronteira e se estudou ou não estudou a língua espanhola.

A distribuição dos sujeitos de acordo com nossas variáveis escolhidas busca uma forma equilibrada. Temos um total de 40 informantes, 20 do sexo masculino e 20 do sexo feminino; 20 informantes estão dentro da faixa 1 de tempo de serviço que corresponde a 0- 10 anos de serviço na fronteira e 20 informantes estão dentro da faixa 2 de tempo de serviço que corresponde a + de 11 anos de serviço na fronteira.

Em nosso último fator deveríamos encontrar 20 informantes que estudaram a língua espanhola e 20 informantes que não estudaram formalmente a língua espanhola. No entanto, temos 10 informantes que estudaram a língua espanhola e 30 que não estudaram a língua espanhola pela dificuldade de encontrar informantes com mais de 11 anos de serviço na fronteira que a tenham estudado. Segundo a Secretária de Educação do Município de Jaguarão, a língua espanhola é ofertada no município há menos de 10 anos.

4.3. Instrumentos de apoio à coleta de dados

Foram utilizados quatro instrumentos de apoio para a coleta de dados, a fim de identificar quais os comerciantes e comerciários que fariam parte da pesquisa.

- A) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; (anexo 1)
- B) Questionário de Identificação; (anexo 2)
- C) Gravações diárias das vendas efetuadas por eles.

Procedeu-se, primeiro, à aplicação de um questionário contendo perguntas com os dados pessoais, profissionais e linguísticos a respeito da língua materna dos comerciantes e comerciários e a respeito do conhecimento sobre o dialeto fronteiriço, qual seu pensamento sobre ele, com dois objetivos: o de selecionar o grupo participante do estudo e para, posteriormente, analisar os dados.

A seleção dos comerciantes e comerciários obedeceu aos seguintes critérios: ter somente como língua materna o português e ter nascido no município de Jaguarão ou ter fixado residência na cidade até adolescência.

Após a realização do questionário, que foi elaborado pela pesquisadora, foram realizadas gravações das vendas de cada informante por três dias, sendo que todos os informantes foram gravados no mínimo uma sexta-feira ou um sábado, pois são os dias de mais movimento no comércio. Essa medida foi adotada para se obterem dados significativos de cada sujeito, a fim de verificar se na prática brasileira aparece o português como língua de base ocorrendo *code-switching* com o espanhol.

Após essa coleta, a pesquisadora selecionou trechos da venda de cada indivíduo com o intuito de mostrá-los em outra etapa da investigação aos informantes da pesquisa. Nessa etapa seria pedido para que os sujeitos classificassem a língua que estava sendo enunciada no trecho apresentado. Essa fase da pesquisa não se concretizou, tendo em vista a não confirmação de nossa hipótese iii de trabalho em que se pensava que a grande maioria dos comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros não se identificaria como falante de uma terceira língua, dialeto e/ou variedade e que, justamente por não serem falantes dessa variedade, não veriam sua prática linguística de forma depreciativa. Nossos informantes se identificaram como falantes de portunhol,

como veremos no Capítulo 5 de descrição dos dados, não sendo assim necessário apresentar trechos de suas falas para que eles identificassem a língua falada.

4.4. Descrição e análise dos dados

Como forma de análise de dados, elegi os métodos qualitativos e quantitativos por acreditar que eles se complementem. A pesquisa qualitativa tem características claras e definidas, quais sejam: é mais descritiva, há mais interesse pelo processo e o significado é de importância vital.

Foram descritas e analisadas somente as abordagens que o comerciante e comerciário fronteiriço brasileiro efetuaram com falantes do espanhol, para analisar se a realidade linguística da fronteira brasileira corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia de dialetos bilíngues estudada por Behares, Elizaincín & Barrios (1987).

Foram descritos e analisados também toda a parte do questionário que faz menção ou que traz comentários acerca do produto linguístico desses falantes, a fim de verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros veem seu produto linguístico de forma depreciativa.

4.5. Variáveis

São critérios da pesquisa: o informante ter nascido no município de Jaguarão ou ter estabelecido residência na cidade ainda criança, o sujeito ter somente o português como língua materna e o espanhol como língua de contato por viver e trabalhar na fronteira.

Esses critérios e variantes de gênero, tempo de serviço no comércio fronteiriço e se estudou ou não estudou a língua espanhola são de importância para que se possa comprovar que o produto linguístico dos fronteiriços brasileiros é um *code-switching* devido a um bilinguismo societal existente na fronteira brasileiro-uruguaia. São úteis para se ver se, com o passar dos anos de serviço na fronteira, esse bilinguismo deixou de ser incipiente evoluindo ou não.

5. Descrição dos dados

Este capítulo destina-se à descrição dos dados considerados para a análise na presente pesquisa. Subdivide-se em três seções, todas com alguma relação com as variáveis de gênero, tempo de serviço no comércio e se estudou ou não estudou a língua espanhola na escola e a respostas dadas por nossos entrevistados.

5.1. Língua utilizada pelos comerciantes para atender seus clientes uruguaios

Nesta primeira seção tratamos da língua utilizada pelos comerciantes para atender seus clientes uruguaios de acordo com um quadro demonstrativo das variáveis de gênero, tempo de serviço, se estudou ou não estudou a língua a espanhola.

Obtivemos cinco tipos de nomeação para a pergunta (Anexo 1) “Em que língua você fala com seus clientes uruguaios?”. As respostas foram: português, espanhol, português e espanhol, portunhol e misturado. Cabe lembrar que o questionário não contava com alternativas e que em momento algum a pesquisadora induziu os informantes a uma resposta.

Os informantes, ao nomearem as línguas, deixam explicitamente dito que línguas utilizam para falar com seus clientes. Assim, quando a nomeiam de português é porque falam sua língua materna, se a nomeiam de espanhol é porque falam sua língua segunda, se a nomeiam de português e espanhol, portunhol e misturado é porque utilizam ambas as línguas, em *code-switching*. Embora a nomeação dada por eles seja distinta, o fenômeno linguístico é o mesmo.

5.1.1. Tempo de serviço 1 (TS1) 0-10 anos

Com 20 informantes, 10 homens e 10 mulheres, 5 homens e 5 mulheres que estudaram a língua espanhola (EE) e 5 homens e 5 mulheres que não estudaram a língua espanhola (NEE), podemos observar na Tabela 2 que as respostas do gênero masculino para o gênero feminino divergem. No entanto ambos convergem no mesmo ponto. Os 10 informantes entrevistados que estudaram a língua espanhola e têm alguma noção da mesma, dizem não utilizar somente o português para atender seus clientes uruguaios.

Contudo, 40% dos homens admitem utilizar só a língua espanhola com seus clientes, contra 0% das mulheres. A grande maioria dos homens, 60%, e 100% das mulheres falam português e espanhol, portunhol e ou misturado, leia-se linguisticamente que fazem *code-switching*, alternância de códigos.

Tabela 1. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaiois -TS1xEE

Gênero	Estudou espanhol	Português	Espanhol	Português e espanhol	Portunhol	Misturado
Masculino	5	0	2	1	2	0
Feminino	5	0	0	0	4	1
Total	10	0	2	1	6	1

Na Tabela 2 podemos observar que as respostas também se diferenciam de um gênero para o outro. Dos homens que não estudaram a língua espanhola, 20% falam somente português com seus clientes uruguaiois. Note-se que estamos tratando de uma faixa inicial de tempo de serviço na fronteira de 0-10 anos. Já 20% dos homens e das mulheres admitem falar somente a língua espanhola. Veja-se que há uma diminuição em relação aos homens que não estudam espanhol na mesma faixa de tempo de serviço e um aumento entre as mulheres. Entre os que fazem a alternância de códigos, 60% são homens e 80% são mulheres.

Tabela 2. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaiois - TS1xNEE

Gênero	Não estudou espanhol	Português	Espanhol	Português e espanhol	Portunhol	Misturado
Masculino	5	1	1	1	1	1
Feminino	5	0	1	0	4	0
Total	10	1	2	1	5	1

5.1.2. Tempo de serviço 2 (TS2) 11 -20 anos (/1) e mais de 21 anos (/2)

Neste tópico também contamos com 20 informantes, 10 homens e 10 mulheres sem estudo da língua espanhola. Nessa célula não conseguimos encontrar sujeitos que tenham estudado a língua espanhola, pois, segundo a Secretária de Educação do município, a língua espanhola é ofertada nas escolas da cidade há menos de 15 anos. Sendo os informantes que integram este grupo de pessoas com mais de 30 anos, foi impossível encontrar algum sujeito que tenha passado pelo ensino formal do espanhol.

Para uma melhor visualização, dividimos o grupo em dois, um com 5 homens e 5 mulheres de 11-20 anos de serviço na fronteira e outro também com 5 homens e 5 mulheres com mais de 21 anos trabalhando na fronteira.

Como podemos observar nas Tabelas 3 e 4, depois de mais de 11 anos de serviço ou mais de 21 anos, nenhum comerciante diz se relacionar somente em português com seus clientes uruguaios. Já 40% das mulheres, justamente pelo tempo de serviço na fronteira, consideram falar somente espanhol com seus clientes em TS2/1 e TS2/2, contra 20% dos homens em TS2/2. No TS2/1 100% dos homens e 60% das mulheres e no TS2/2 80% dos homens e 60% das mulheres admitem fazer *code-switching* ao atenderem os uruguaios.

Tabela 3. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaios -TS2/1

Gênero	Não estudou espanhol	Português	Espanhol	Português e espanhol	Portunhol	Misturado
Masculino	5	0	0	2	3	0
Feminino	5	0	2	0	3	0
Total	10	0	2	2	6	0

Tabela 4. Línguas utilizadas para atender os clientes uruguaios-TS2/2

Gênero	Não estudou espanhol	Português	Espanhol	Português e espanhol	Portunhol	Misturado
Masculino	5	0	1	0	4	0
Feminino	5	0	2	1	2	0
Total	10	0	3	1	6	0

Em linhas gerais, percebemos um número maior de mulheres em relação ao TS1 que diz comercializar somente em espanhol com seus clientes, mesmo não tendo estudado formalmente o idioma. Esse número é de 40% nos TS2/1 e TS2/2. Entre os homens que não estudaram o espanhol no TS1 e TS2/2, a porcentagem se mantém em 20%.

Independentemente de os comerciantes terem ou não estudado a língua espanhola, estarem dentro do TS1 ou TS2, serem homens ou mulheres, a grande maioria 75%, diz utilizar o português e o espanhol, o portunhol e o misturado para atender seus clientes como podemos observar na Tabela 5.

Tabela 5. Disposição geral das línguas utilizadas

	Português	Espanhol	Português e espanhol/ portunhol/ misturado
Informantes	1	9	30
%	2,5%	22,5%	75%

5.2. Grau de Bilinguismo

Nesta segunda seção encontramos tabelas referentes ao grau de bilinguismo dos sujeitos entrevistados, bilíngue infantil sucessivo, bilíngue adolescente e bilíngue adulto de acordo com a idade em que tiveram contato com a língua espanhola. Essas respostas também estão organizadas segundo as variáveis utilizadas.

Consoante classificação adotada por Hamers & Blanc (2000), é possível definir o nível e o grau de bilinguismo de acordo com a idade em que os sujeitos aproximadamente tiveram contato com a segunda língua. Um bilíngue infantil sucessivo é o sujeito que teve acesso à segunda língua a partir dos 3 anos de idade até aproximadamente os 10 anos, tendo grande chances de se tornar um equilíngue, ou seja, tem condições de se passar por nativo de ambos os sistemas que domina se o contato for prolongado e com nativos. Um adolescente bilíngue é aquele que entra em contato com a língua segunda entre os 11 e 17 anos, tendo chances consideráveis de alcançar a proficiência de um nativo em sua segunda língua nas mesmas condições. Já o bilíngue adulto é aquele que entra em contato com seu segundo idioma a partir dos 18 anos mais ou menos, tendo poucas chances de alcançar o equilinguismo.

Numa sociedade de bilinguismo societal como a de Jaguarão, era de se esperar que todos os indivíduos tivessem contato significativo com a língua espanhola desde crianças, mas não é o que ocorre.

Ao responderem a questão do Anexo 1 “Quantos anos você tinha quando entrou em contato com a língua espanhola?”, as respostas obtidas foram: desde pequeno, desde criança, quando comecei a trabalhar na fronteira com x anos, na escola com x anos, desde os x anos. Com esses dados foi possível montar a Tabela 6, de acordo com os pressupostos teóricos que seguimos.

Como podemos observar, 32,5% da população estudada se enquadram em bilíngues infantis sucessivos, 27,5% em bilíngues adolescentes e 40% em bilíngues adultos. Isso significa que 60% dos nossos informantes teria um grande potencial de chegar à proficiência de um nativo na segunda língua, no entanto não é o que ocorre.

Tabela 6 . Nível de bilinguismo por idade

Bilinguismo/p idade	Bílingue Infantil sucessivo 3-10 anos		Bílingue Adolescente 11-17 anos		Bílingue Adulto + 18 anos	
	Inf. p/gen.	% p/ gen.	Inf. p/ gen.	% p/ gen.	Inf. p/ gen.	% p/ gen.
Homens	7	35%	6	30%	7	35%
Mulheres	6	30%	5	25%	9	45%
Total por gênero	13	32,5%	11	27,5%	16	40%

5.3. Relação com a língua materna, com a segunda língua, com o português e espanhol, portunhol e misturado.

Esta última seção traz uma classificação da relação dos entrevistados com a língua materna, com a língua espanhola e com o portunhol, a fim de verificar se há ou não diglossia com alguma variedade da língua. Para essas respostas também foram utilizadas as variantes da investigação.

O material desta seção é importante de ser analisado para que tenhamos consciência de qual a relação dos entrevistados para com os sistemas linguísticos que coexistem na fronteira de Jaguarão-Río Branco. É importante registrar que, mesmo que alguns informantes tenham dito que se dirigem aos seus clientes uruguaios em português e em espanhol, 100% dos nossos informantes, ou seja, os 40 informantes, ao responderem a pergunta do anexo 1 “Para você que língua se fala aqui na fronteira de Jaguarão-Río Branco?”, disseram: português e espanhol, portunhol, misturado e brasiguaiio.

Fizemos duas perguntas para nossos sujeitos. A questão “Qual a sua relação com a língua portuguesa? O que você pensa a respeito de falar essa língua?” e “ Qual a sua relação com a língua espanhola? O que você pensa a respeito dela?”. Em cada pergunta havia as classificações dispostas nas tabelas 7, 8 e 9, no entanto, a própria pergunta nos remetia a essas respostas. Assim, foi possível estabelecer uma pequena classificação do sentimento de cada indivíduo ao se expressar em determinado sistema linguístico. É perceptível pela Tabela 7 que 32,5% e 50% acham respectivamente a relação com a língua materna ótima e boa. Em uma análise por gênero é possível perceber que a aceitação da língua portuguesa é maior no gênero feminino, onde 95% acham ótimo ou

bom falar o português enquanto somente 70% dos homens têm a mesma posição. Em ambos os gêneros é notável uma alta percentagem, no entanto o fato de o gênero feminino apresentar quase que uma unanimidade positiva em relação a sua língua materna, deve-se ao fato de a mulher ser considerada, de acordo com a Sociolinguística Laboviana, a guardiã da língua, aquela que tem o dever de passá-la adiante, assim fica clara a sua aceitação ao seu idioma materno.

Os elevados padrões de porcentagem se mantêm em relação à língua segunda conforme a Tabela 8, na qual 70% dizem que sua relação é boa, para 12,5% é ruim e para 5% é péssima. Em uma leitura por gênero, observamos que tanto homens quanto mulheres possuem uma relação boa ou ótima com sua segunda língua, atingindo 75% cada. A mesma homogeneidade não é percebida na má ou péssima relação com a língua espanhola: percebemos que este é o posicionamento de 20% das mulheres comerciantes fronteiriças, enquanto que somente 15% dos homens compartilham do pensamento de seus pares.

Tabela 7. Relação com a língua materna - português

Relação com a língua materna- português	Ótimo Maravilhoso		Bom Gosta		Neutro Tranquilo		Ruim Não gosta		Péssimo Difícil	
	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.
Homens	3	15%	11	55%	5	25%	1	5%	0	0%
Mulheres	10	50%	9	45%	0	0%	1	5%	0	0%
Total dos gêneros	13	32,5%	20	50%	5	12,5%	2	5%	0	0%

Tabela 8. Relação com a segunda língua- espanhol

Relação com a língua segunda- espanhol	Ótimo Maravilhoso		Bom Gosta		Neutro Tranquilo		Ruim Não gosta		Péssimo Difícil	
	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.
Homens	0	%	15	75%	2	20%	2	10%	1	5%
Mulheres	2	10%	13	65%	1	5%	3	15%	1	5%
Total dos gêneros	2	5%	28	70%	3	7,5%	5	12,5%	2	5%

Outra questão feita a nossos sujeitos foi a: “Qual seu pensamento sobre o modo de se falar na fronteira?”. Também não foi fornecido na questão nenhum tipo de classificação, mas as percebemos pelas respostas.

Em relação ao português e ao espanhol, podemos perceber na Tabela 9 que há uma queda da aprovação, da boa relação, do modo de ver a forma falada na fronteira. Apenas 7,5% acham ótimo:

Felipe¹⁷ TS1xNEE: “Melhor maneira que tem de se comunicar, porque se fala o português clarinho o uruguaio não entende, então o melhor é enrolar.”

Já 60% dos nossos sujeitos acham bom:

Bruna TS1xEE: “É um enredo do português com o espanhol. Aqui mesmo pra se cumprimentar a gente já chega falando *Buenos dias*, é uma mistura. É bem legal, distrai”,

Juan TS1xNEE: “É bom pra comunicação, fica fácil. Não entendo o espanhol, misturando a gente chega lá”

Cinderela TS1xNEE: “Ajuda bastante, a comunicação, eles (uruguaios) nos entendem, nós entendemos eles. Me sinto à vontade falando.”

João TS2/2: “Bom. Eu gosto porque é uma mistura do português com o espanhol. Os dois lados se entendem é bom pra mim e pro cliente, porque eles falam meio enrolado também.”

Julia TS1xNEE: “A gente precisa deles aqui (clientes uruguaios), e a gente tem que se adequar a essa mistura, a esse conhecimento deles. Conversando com eles, dando espaço pra eles, que tu vai acrescentando mais em ti.”,

Pablo TS2/2: “Acho uma boa, porque mesmo que tu não consigas falar o espanhol fluente alguma coisa tu consegue. Ter contato com as pessoas, assim, o uruguaio quando fala contigo, ele vem arrastando um português também”.

Já 20% dos nossos sujeitos não têm uma opinião formada, que o modo de falar na fronteira seja bom ou ruim:

Patricia TS2/2: “É uma língua que tu não fala perfeito o uruguaio e nem o brasileiro.”

¹⁷ Os nomes usados são fictícios e escolhidos pelos próprios sujeitos.

Paulo TS1/1: “Normal. Nada demais”.

E para 12,5% dos nossos informantes, é ruim, e essa porcentagem se encontra entre o TS1, ou seja, os que estão há menos tempo trabalhando na fronteira:

Madruga TS1xEE: “ É mais fácil para entender, mas cada um tem que falar a sua língua”

Stefane TSExEE: “Não me sinto a vontade, ah sei lá... Eu acho que vou errar alguma palavra, vou alguma coisa que... eu não gosto”.

Tabela 9. Atitude em relação ao modo como se fala na fronteira

Relação com o portunhol/ misturado/ port. e esp. brasiguaião	Ótimo Maravilhoso		Bom Gosta		Neutro Tranquilo		Ruim Não gosta		Péssimo Difícil	
	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.	Inf. p/gen.	% p/gen.
Homens	1	5%	14	70%	3	15%	2	10%	0	0%
Mulheres	2	10%	10	50%	5	25%	3	15%	0	0%
Total dos gêneros	3	7,5%	24	60%	8	20%	5	12,5%	0	0%

Em suma, pode-se concluir que não há diglossia em relação a nenhuma forma de falar, em especial à que nos interessa nesta investigação, ao modo como os comerciantes brasileiros atendem seus clientes uruguaios. É perceptível que há um desconforto por parte de uma parcela dos informantes. No entanto, esse número é irrisório, visto que, em linhas gerais, os falares dessa população coexistem de forma positiva, sem desprestígio.

6. Análise dos dados

Com base na análise crítica do corpus desta investigação, formado pelo questionário (Anexo 1), respondido por nossos 40 informantes e das gravações de suas vendas com clientes uruguaios (a partir do Anexo 3), consideramos pra este estudo todas as vendas. Nos anexos temos uma representação da comercialização por dez protótipos, sendo uma de cada combinação das variáveis analisadas.

Dessa forma foi possível estruturar a análise dos dados da seguinte forma: bilinguismo societal na fronteira jaguareense, o uso e as formas do *code-switching* nas vendas levando em consideração as variáveis de gênero, tempo de serviço e se estudou ou não estudou a língua espanhola de maneira formal e a atitude linguística dos comerciantes em relação ao seu produto linguístico.

6.1 Bilinguismo societal na fronteira jaguareense

Habitamos um mundo com cerca de seis mil línguas divididas entre aproximadamente 190 países e formamos parte, portanto, de comunidades bilíngues ou multilíngues. Cabe lembrar que Appel & Muysken (1996) e Wei (2000) afirmam que uma a cada três pessoas no mundo são bilíngues, seja por situações naturais de aquisição, - vivem em uma sociedade bilíngue, se mudaram para outro país, os pais possuem línguas maternas distintas, seja por situações artificiais de aquisição como aprendizagem de uma língua estrangeira na escola. Contudo, Appel & Muysken (1996) ressaltam que nem toda comunidade bilíngue produz sujeitos bilíngues.

Há vários países que apresentam um bilinguismo societal, ou seja, países que convivem com duas ou mais línguas no âmago de sua sociedade. Sabemos que o Brasil possui uma grande diversidade linguística, pois são falados no país, consoante Oliveira (2002), cerca de 200 idiomas como maternos: 170 autóctones, línguas indígenas e 30 alóctones, línguas de imigração.

Temos em nosso país vários exemplos como o das comunidades bilíngues formadas pelos imigrantes que aqui chegaram em busca de uma vida melhor, como é o caso dos imigrantes alemães que se instalaram na cidade de Blumenau- SC, conforme Campos (2006), formando uma comunidade bilíngue em português/alemão ou ainda

comunidades bilíngues em português/italiano, que encontramos na cidade de Nova Roma do Sul-RS, segundo Paniz¹⁸ (2005).

Há no Brasil também, outro tipo de bilinguismo societal que se estabelece nas nossas zonas fronteiriças, nas quais seus habitantes têm contato com a língua de ambos os países, como é o caso de Brasil e do, Uruguai que se constituem, como dito anteriormente, por cinco pares de cidades gêmeas: Chuí/Chuy, Santana do Livramento/Rivera, Aceguá/Aceguá, Quaraí-Artigas e Jaguarão-Río Branco.

A literatura comprova desde Rona (1965), passando por Elizaincín, Behares & Barrios (1987), Behares (1996, 2010), Barrios (1996), Elizaincín (1996) e Carvalho (2003, 2011), que a comunidade fronteiriça do norte do Uruguai é composta por um bilinguismo societal em espanhol e em DPU. Esse bilinguismo societal é confirmado através da história de ocupação do norte uruguaio por luso-brasileiros, bem como por pesquisas de campos dos autores citados acima.

A fronteira sul-rio-grandense não difere na questão do bilinguismo societal da fronteira norte uruguaia, em especial o município de Jaguarão do qual tratamos neste estudo. A história de diversas disputas e tratados assinados entre a coroa portuguesa e a espanhola só colaboraram para a situação de bilinguismo na cidade.

No princípio dessas disputas, Jaguarão pertencia ao império espanhol, como consta no *Tratado de Santo Idelfonso*. Conforme Franco (1980), os portugueses, em 1801, passam a dominar a região que tinha então por nome Guarda do Cerrito.

Oliveira (2011) esclarece que o fronteiriço precede a fronteira e é justamente esse fator que Franco (1980) explica ao remontar as origens de Jaguarão. Fatos como a demarcação dos territórios e o rio Jaguarão separando os Estados brasileiro e uruguaio, não eram tidos como impedimento de convívio entre as duas comunidades, pois há registros de que desde 1802, segundo Franco (1980), a guarda do Cerrito e a então vila Artigas já comercializavam entre si alguns produtos agrícolas, além do comércio de gado.

A economia é, conforme Wei (2000), um dos motivos de contato linguístico. No comercializar de um povoado para outro já percebemos que, além da inter-relação, da inter-comunicação de pessoas, havia e segue havendo até os dias de hoje o contato de línguas, como o historiador Franco (1980: 97) explicita: “nada impediu que, ao longo

¹⁸ PANIZ, Silvio. *A fonologia do talian, o vêneto-rio-grandense falado na cidade de Nova Roma do Sul, sob a luz da Teoria da Otimidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pelotas, 2005.

dos anos, se verificassem ligações intensas e profundas entre o grupo étnico brasileiro e os vizinhos uruguaios. Nem a tênue linha fronteiriça nem as guerras serviram de obstáculo.”

A educação, consoante Wei (2000), também é uma característica que proporciona o contato linguístico. Cada vez mais, o ensino formal de espanhol é incentivado na cidade de Jaguarão. Primeiro o idioma passou a ser ofertado nas escolas municipais e estaduais do município, posteriormente, com a instalação da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), passou a ser ofertado o curso de Letras Português-Espanhol, o que demonstra o interesse por parte do governo brasileiro em expandir o conhecimento formal da língua espanhola nessa localidade.

A cultura é outro ponto que une jaguarenses e riobranquenses, além do carnaval, que é comemorado pelos uruguaios à moda brasileira e do lado brasileiro com o tradicional trio elétrico *Los Tuercas*, que atravessa a Ponte Internacional Mauá para comemoração. Há também eventos ao longo do ano como a *Motofest* e a *Feira Binacional do Livro*, que reúnem brasileiros e uruguaios no coração de Jaguarão, na praça *Dr. Alcides Marques* situada na rua *27 de Janeiro*.

Entendemos por bilinguismo os casos de um indivíduo ou de uma sociedade que se comunicam em dois ou mais idiomas. Assim como Macnamara (1969, citado por APPEL & MUYSKEN, 1996), compreendemos que bilíngues são aqueles que dominam em qualquer grau uma das quatro habilidades da segunda língua (falar, entender, escrever e ler). Existem bilíngues passivos, aqueles que só entendem ou leem na língua e bilíngues ativos, aqueles que conseguem, além de compreender, produzir o idioma.

Os bilíngues ativos dominam a língua em variado grau: desde um bilíngue incipiente, como um aprendiz recente de uma língua estrangeira, passando por um bilíngue com alto nível de proficiência, mas que não se passa por nativo, já que, conforme Selinker (1972), apenas 5% dos aprendizes de uma língua estrangeira possuem a capacidade de atingir o ponto de se passarem por nativos da mesma, sendo, portanto, bilíngues desequilibrados, até os bilíngues equilibrados, que dominam seus idiomas de tal forma que as comunidades de fala desses idiomas os identificam como nativos de ambas as línguas.

Por esses motivos históricos, econômicos, educacionais, culturais e linguísticos apresentados, consideramos que a comunidade jaguarense se configura por um bilinguismo societal, pois maneja dois códigos linguísticos, a saber, as línguas

nacionais, português e espanhol. O fato de haver um bilinguismo societal, nos leva a crer que os comerciantes e os comerciários estão mais sujeitos a esse bilinguismo por tratarem com clientes de ambas as nacionalidades.

6.1.1 Características do bilinguismo no comércio jaguareense

Conforme a literatura, as características do bilinguismo são o grau, a função, que pode ter fatores externos ou fatores internos, e o *code-switching*.

a- Grau

O grau determina o domínio que o bilíngue possui de suas línguas, podendo ser o bilíngue desequilibrado ou equilibrado. Levando em consideração que um bilíngue desequilibrado vai desde o sujeito com um domínio incipiente até aquele com um alto nível de proficiência em sua segunda língua, podemos considerar que todos nossos informantes são bilíngues desequilibrados nos mais variados graus.

Nossos informantes, principalmente mulheres e homens com pouco tempo de serviço na fronteira e que não estudaram espanhol, os TS1xNEE, falam com sotaque brasileiro, nota-se nitidamente que preferem falar em português, pois se sentem mais à vontade, começam a atender em espanhol em um primeiro momento e na sequência já fazem o *code-switching* para o português. Já nas mulheres e homens da mesma faixa de serviço e que estudaram espanhol, os TS1xEE, percebe-se que eles se arriscam mais ao falar espanhol, mas, mesmo assim, notamos que não são nativos da língua espanhola. Além do mais, esse último grupo possui algum conhecimento gramatical e também lê um pouco em espanhol, visto que tiveram acesso a, no mínimo, dois e, no máximo, quatro anos de ensino formal nas instituições jaguarenses.

As mulheres e homens de TS2/1 parecem ter um domínio do espanhol bem aproximado ao grupo de mulheres e homens de TS1xEE. Cabe lembrar que os primeiros não estudaram a língua espanhola como os segundos, contudo, como trabalham na fronteira entre 11 e 20 anos, já possuem mais facilidade e habilidade em vender do que os iniciantes.

Entre os informantes do grupo TS2/2, aqueles que têm mais de 21 anos de serviço na fronteira, chama a atenção a volta de um maior uso da língua portuguesa em

detrimento da língua espanhola, com três exceções. As primeiras são de Pablo e Leandro, que trabalham há 23 anos e 25 anos, respectivamente, na fronteira e utilizam muito mais o espanhol para atender seus clientes uruguaios e, na direção oposta, o caso de Negra, com 48 anos de serviço na fronteira, que é o que podemos chamar de bilíngue passiva, pois 100% de seu atendimento aos clientes uruguaios são feitos em português. Como podemos observar no anexo 10, há uma perfeita compreensão entre Negra e seu cliente.

b- Função – Fatores externos

A função está intrinsecamente ligada ao grau, tanto os fatores externos quanto os fatores internos, ajudam a identificar o grau de bilinguismo dos indivíduos.

Um dos fatores externos que estimulam o bilinguismo é o ambiente. O ambiente de nossa investigação é propício ao bilinguismo: um centro comercial com diversas lojas de roupas, sapatos, brinquedos, eletrônica, mecânica, entre outros, contando também com diversos restaurantes e bares, além de três supermercados. Essa estrutura se localiza ao lado da Ponte Internacional Barão de Mauá, pela fronteira brasileira. É nessa localidade que trabalha nosso grupo ocupacional, que, para efetuar suas vendas com os clientes uruguaios, usam um idioma distinto do materno.

Os meios de comunicação são outro fator externo que podem estimular o bilinguismo: até onde a pesquisadora pôde verificar em suas gravações, muitos comerciantes trabalham ouvindo rádio. Alguns sintonizam a rádio uruguaia, percebemos que são uruguaios por causa do idioma usado pelos locutores. Nessas estações se toca músicas em espanhol e em português. Outros optam pelas rádios brasileiras, que também tocam músicas de ambas as nacionalidades. Não é possível inferir até que ponto ouvir uma rádio uruguaia e músicas em espanhol ajude nossos sujeitos a manter o bilinguismo, mas o fato é que eles estão expostos, recebendo mais *input*.

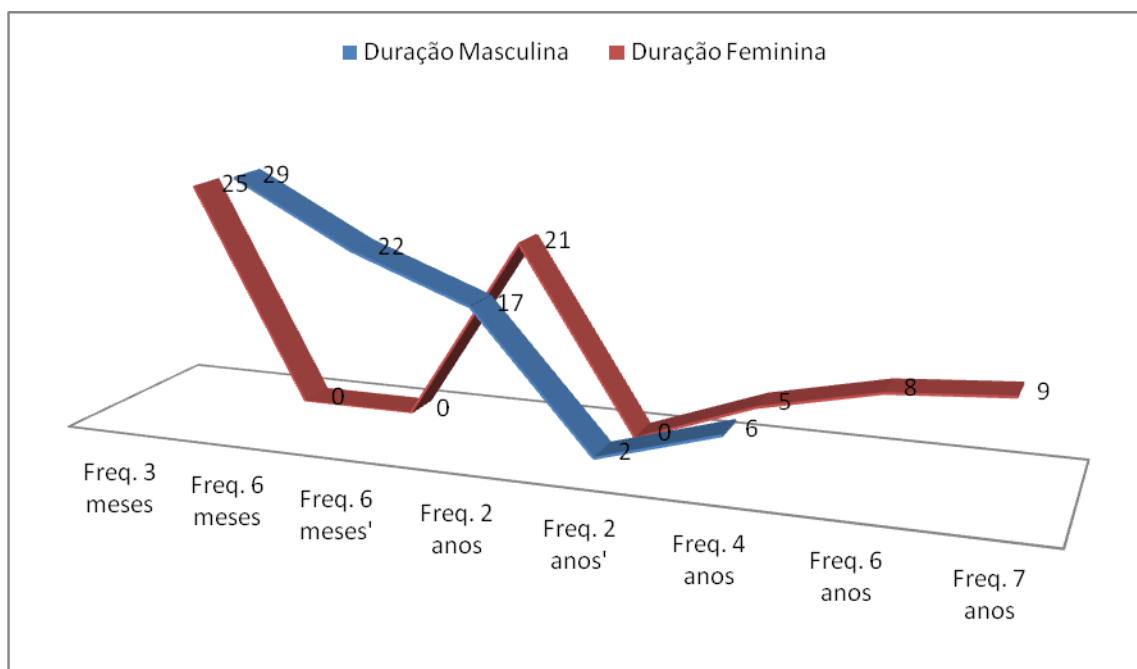
Para Mackey (2000) a variação do bilinguismo está diretamente relacionada à duração, frequência e pressão.

A duração tem relação com desde quando o indivíduo possui contato com seus dois idiomas e a frequência relaciona-se com a repetição na utilização das duas línguas. Para Mackey (2000), a frequência é mais importante que a duração, pois diz respeito ao contato direto que os bilíngues têm com suas línguas. Por trabalharem no comércio,

nossos sujeitos estão expostos a seis dias da semana com, pelo menos, oito horas diárias à língua espanhola.

Pensando nesse tempo de exposição, consideramos a frequência de nossos informantes com a língua espanhola equivalente ao tempo de serviço deles na fronteira. Já a duração foi medida através da questão 30 (Anexo 1) “Quantos anos você tinha quando entrou em contato com a língua espanhola?”. Cruzando essas duas informações foi possível construir quatro gráficos, que nos dão a dimensão dessa variabilidade do grau do bilinguismo na fronteira. Observe o Gráfico 1:

Gráfico 1. Frequência x Duração - TS1xEE¹⁹

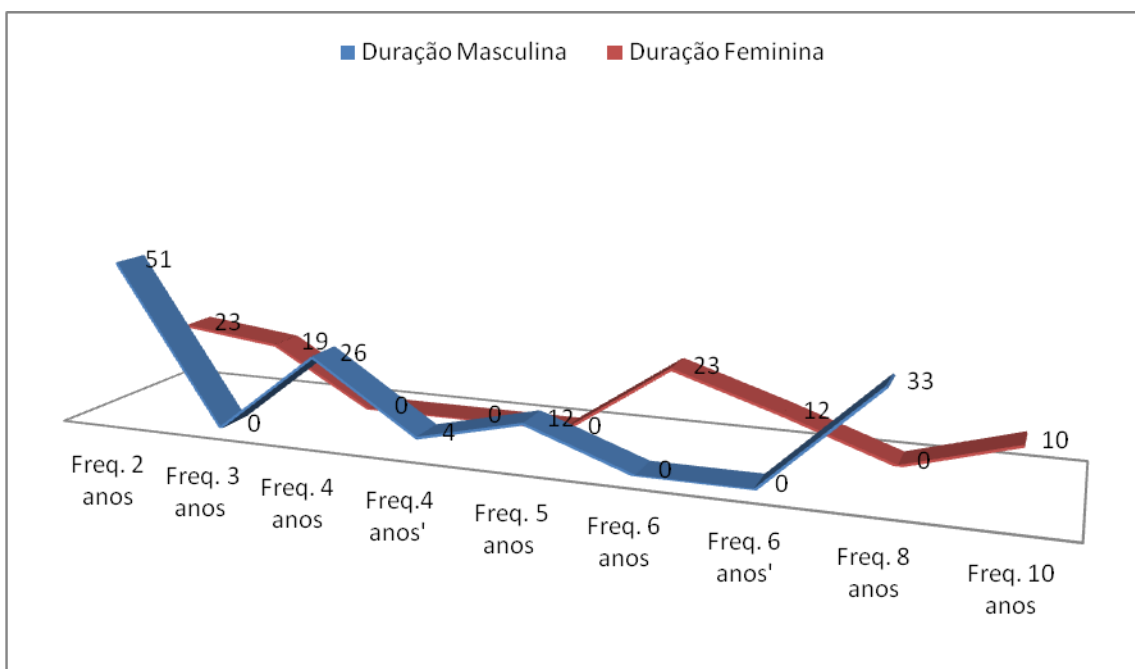


No primeiro gráfico, podemos notar que as frequências são baixas, vão de três meses a sete anos, justamente por estarmos tratando de um tempo de serviço inicial, TS1, ou seja, entre 0 e 10 anos de serviço. A duração varia muito: na linha em azul, representando os homens, temos um contato linguístico prolongado de 29, 22 e 17 anos, tempo equivalente à idade do informante, que considera estar em contato com o idioma espanhol desde o nascimento. De igual modo, na linha vinho, as durações de 25 e 21 anos fazem menção à idade das participantes.

¹⁹ Utilizamos nos gráficos Freq. x anos e Freq. x anos'. A Freq. x anos' representa que temos mais de um sujeito do mesmo gênero, com a mesma frequência, mas com durações diferentes. Sendo impossível representar distintas durações sobre o mesmo eixo de frequência, optamos em utilizar o apóstrofo para diferenciá-las.

Quando a duração equivale à frequência, como na linha azul, Freq. 2 anos' duração 2 anos, significa que nosso informante considera ter entrado em contato com a língua espanhola no momento em que começou a trabalhar no comércio. As demais durações em vinho de cinco, de oito e de nove anos e em azul, de seis anos, mostram que o sujeito considera que seu contato com a língua espanhola iniciou-se na escola e todos os quatro apreenderam o idioma formalmente antes de trabalharem na fronteira. Esse é um grupo mais jovem, também as idades das mulheres variam entre 21 e 30 anos e a dos homens, entre 16 e 29 anos.

Gráfico 2. Frequência x Duração - TS1 x NEE

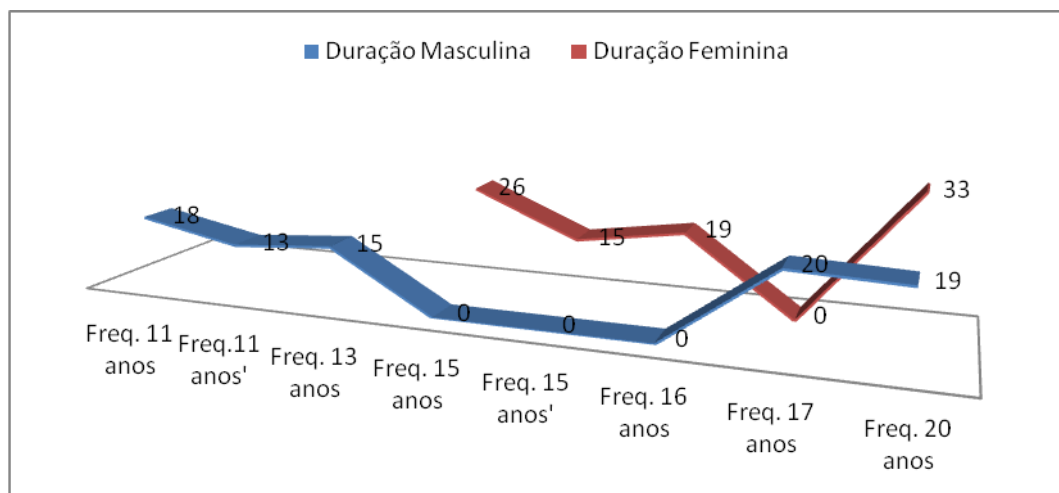


No segundo gráfico, ainda temos um grupo iniciante no comércio. Contudo, os indivíduos são aqueles que não estudaram espanhol formalmente. Note-se que a frequência, isto é, o tempo de serviço, é mais bem distribuído que no Gráfico 1 e que a variação da duração, ou seja do início do contato com a língua espanhola, alcança níveis maiores, já que o grupo, embora seja iniciante no serviço na fronteira, é composto por informantes mais maduros. A idade das mulheres varia de 23 a 43 anos e a dos homens fica numa faixa de 27 a 51 anos.

Nesse grupo temos três indivíduos que consideram seu contato inicial com o espanhol desde o nascimento com durações de 51 e 33 anos na faixa azul e 23 anos na

faixa vinho. Ainda temos dois sujeitos em que a frequência é igual à duração, são Freq. 4 anos' na duração masculina e Freq. 10 anos na duração feminina.

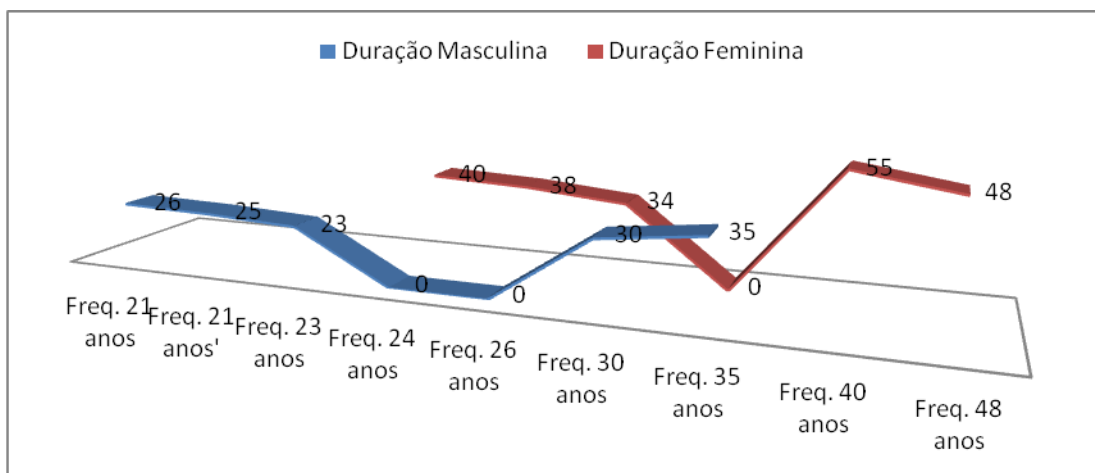
Gráfico 3. Frequência x Duração - TS2/1



No terceiro gráfico, nossos sujeitos já trabalham há mais tempo na fronteira, entre 11 e 20 anos. Podemos perceber pela disposição das linhas, que tanto a frequência quanto a duração possuem anos aproximados, o que indica que todos nossos comerciantes tiveram contato com a língua espanhola ainda adolescentes ou adultos.

Entre as mulheres do grupo há uma na Freq. 15 anos', que teve contato com o espanhol no mesmo período em que começou a trabalhar no comércio, pois possui uma duração de 15 anos. Ainda no grupo feminino, cabe salientarmos que temos duas informantes na Freq. 20 anos com 33 anos de duração de contato. Nesse grupo a faixa etária das mulheres está entre 30 e 53 anos e a dos homens de 28 a 41 anos.

Gráfico 4. Frequência x Duração TS2/2



No último gráfico, que possui trabalhadores com mais de 21 anos de serviço na fronteira, percebemos que os homens selecionados para o estudo trabalham há menos tempo no comércio, entre Freq. 21 anos e Freq. 35 anos, do que as mulheres, entre uma Freq. 24 anos a Freq. 48 anos. No grupo encontramos homens e mulheres mais maduros: entre os homens há uma exceção, que é Leandro com 33 anos, que começou o trabalho na fronteira ainda muito novo, com 8 anos. O mais velho é Santinho com 59 anos e 35 anos de trabalho na fronteira. Ainda na análise de frequência e duração masculina, notamos que nas Freq. 23 e 35 anos equivalem ao período de contato com o idioma espanhol e que o restante considera que seu contato foi um pouco anterior.

Entre as mulheres, a mais nova possui 40 anos e a mais velha, 66 anos. Ainda na linha feminina, na Freq. 24 e 40 anos, encontramos informantes que consideram seu contato com a língua espanhola desde o nascimento e na Freq. 48 anos há uma informante que entrou em contato com o espanhol na mesma época que deu início ao seu trabalho na fronteira jaguareense.

Em nosso entendimento, a frequência é importante, muito mais que a duração como explica Mackey (2000). Contudo, a nosso ver, a frequência está intrinsecamente ligada à pressão e ao grau. Nossos informantes estão em um ambiente natural de contato, com falantes nativos do espanhol, trabalham de três meses a 48 anos na fronteira e muitos não conseguem aumentar seu grau de bilinguismo por causa da pressão.

A pressão que leva nossos sujeitos a se comunicarem em uma língua distinta de seu idioma materno é o fator econômico. O poder monetário está com o cliente uruguaio, é ele que decide se irá empregar seu dinheiro em determinada mercadoria ou não. Na tentativa de vender, de se comunicar melhor com seu cliente, o comerciante brasileiro acaba mudando o código linguístico para o atendimento e efetuando a venda em portunhol, modo como nossos informantes denominam sua prática comunicativa.

Independentemente da frequência de uso da língua espanhola de nossos informantes, é o valor econômico que comanda a troca de códigos. Inclusive pode-se dizer que é o fator econômico que faz com que Negra, nossa informante do TS2/2, há 48 anos no comércio, fale exclusivamente português com seus clientes: ela é a dona de seu estabelecimento, uma loja ampla e imponente, onde o fator econômico se inverte, pois compra no estabelecimento dela quem pode pagar.

c- Função- Fatores Internos

Consoante Mackey (2000), não são somente os fatores externos que influenciam os bilíngues, há também fatores internos que podem influenciar em suas comunicações, na função que cada idioma exerce na vida do indivíduo, são eles: sexo, idade, inteligência, memória, atitude linguística e motivação.

O referido autor menciona que o sexo é uma variante importante na fala e também importante no bilinguismo, mas que não há muitas pesquisas que comprovem sua real relevância. Em nossas investigações notamos sempre uma semelhança da fala entre os gêneros. Inclusive no grupo com mais tempo de serviço na fronteira, há uma tendência ao uso maior do português, no entanto, não encontramos nesse grupo nenhum homem que atenda exclusivamente em português. Entretanto, acreditamos que o fato de não encontrar esta situação não se deva ao fator gênero e sim à combinação de frequência e idade.

No Gráfico 4, fica claro que a frequência masculina é menor do que a feminina, pois os homens são mais jovens que as mulheres nesse grupo, ou seja, tiveram contato com a língua espanhola mais novos do que as mulheres.

Quanto à memória, infelizmente não contamos com uma estrutura para verificar a memória de nossos participante nem tempo, o ideal seria uma pesquisa longitudinal, com um método específico.

Quanto à atitude linguística e à motivação, colocamos esses dois tópicos juntos por acreditar que eles se relacionem. Como vimos na Tabela 10, página 58, nossos sujeitos possuem uma atitude linguística positiva tanto para com o português, como para com o espanhol e para com o portunhol.

A questão que fica é: Se nossos informantes vivem em um ambiente natural fronteiriço, em contato linguístico natural, por que não é perceptível em nossos dados uma progressão do bilinguismo na língua espanhola? Uma das possíveis respostas é a motivação. Sabemos que as duas comunidades são bilíngues nos mais variados graus e que, portanto, se entendem. Os comerciantes não têm nenhum estímulo para aperfeiçoar seu espanhol, pois se fazem entender, e o salário está garantido no fim do mês vendam ou não vendam. Talvez a configuração linguística da fronteira mude com o passar do

tempo, quando as pessoas com mais de 21 anos de trabalho na fronteira tenham estudado espanhol, mas aí esbarramos no tempo e são apenas hipóteses.

d- Tipos de bilíngues

Os tipos de bilíngues, segundo Hamers & Blanc (2000), classificam-se segundo seis dimensões: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; exogeneidade; status social e cultural da língua e identidade cultural. De acordo com os dados obtidos através dos questionários de nossos 40 informantes e da análise de suas vendas, podemos afirmar o que segue.

A competência relativa está ligada às características do bilinguismo, tais como grau e função externa e interna. Com base em tudo o que foi discutido sobre essas características, podemos dizer que nossos comerciantes formam um grupo de bilíngues desequilibrados nos mais variados graus.

É evidente que esta análise referente à competência relativa é muito subjetiva, pois, para se poder medir a fluência de cada informante, seria necessário aplicar-lhes um teste de proficiência, o que foge aos objetivos desta investigação. O que podemos afirmar com certeza é que todos nossos sujeitos têm um bom nível de compreensão da língua espanhola, perceptível pela análise das vendas. Há um diálogo entre cliente e vendedor, eles compreendem as necessidades um do outro.

Quanto à organização cognitiva de nossos sujeitos, nenhuma pergunta ou teste foi feito para verificar se são bilíngues coordenados ou compostos ou os dois, pois este não é o foco de nossa investigação.

A idade de aquisição nos permite também uma classificação dos bilíngues. Partindo da pergunta 30 do questionário “Quantos anos você tinha quando entrou em contato com a língua espanhola?”, montamos a Tabela 7 da página 55, chegando à conclusão de que 32,5% de nossos indivíduos são bilíngues infantis sucessivos, ou seja, começaram a adquirir a língua espanhola entre os 3 e os 10 anos de idade, 27,5% são bilíngues adolescentes, pois passaram a adquirir seu segundo idioma entre os 11 e os 17 anos e, por fim, 40% são bilíngues adultos, pois entraram em contato com o espanhol após os 18 anos.

Pelos idiomas português e espanhol conviverem na nossa comunidade de fala investigada, consideramos nossos informantes bilíngues endógenos, no comércio o

espanhol não cumpre nenhum papel institucional, indicando assim a endogenia de nossos sujeitos.

Em relação ao status social e cultural que as línguas desenvolvem em nossa comunidade de fala de fronteirões brasileiros, podemos perceber que atitudes linguísticas em relação à língua materna, à segunda língua e ao produto linguístico de nossos informantes os torna bilíngues aditivos: respectivamente 83,5%, 75% e 67,5% de nossos informantes dizem se relacionar bem com seus idiomas, como vimos nas Tabelas 8, 9 e 10 nas páginas 56 e 58.

Quanto à identidade cultural de nossos sujeitos, não podemos afirmar que eles sejam biculturais ou monoculturais ou aculturados ou deculturados, já que nossa investigação não vai nessa direção. Embora a fronteira Jaguarão-Río Branco seja uma zona de integração, não formulamos nenhuma pergunta em nosso questionário que nos desse esse tipo de informação. O que é perceptível pelas gravações é que nossos colaboradores escutam a rádio uruguaia local e que a rádio brasileira toca músicas em espanhol.

6.2. Os usos e as formas do *code-switching* na fronteira jaguareense

O *code-switching* ou a alternância de códigos pode ser encontrado em praticamente todas as comercializações transcritas com exceção das efetuadas por Negra. As alternâncias aparecem sob as formas *intersentencial* e o *intra-sentencial* apresentadas por Milroy e Muysken (1995), Appel & Muysken (1996) e Dabène & Moore (1995), sendo pouco recorrente, mas presente em algumas situações, o *code-switching entre enunciados*, denominação de Dabène & Moore (1995).

Por uma questão didática e inclusive para uma posterior comparação, selecionamos dez protótipos de venda a fim de representar os 40 informantes distribuídos nos oito grupos formados pelas três variantes analisadas, gênero, tempo de serviço e se estudou ou não estudou a língua espanhola. Os dados serão apresentados na seguinte ordem: Camila TS1 x EE, Letícia TS1x NEE, Madruga TS1 x EE, José TS1x NEE, Maria TS2/1 e M^a da Glória, Cesar TS2/1, Karen TS2/2, Negra TS2/2, Paulinho TS2/2 e Pablo TS2/2.

Nessas transcrições, analisaremos os tipos de *code-switching* e seus usos e motivações conforme as variáveis controladas.

6.2.1 Camila TS1 x EE (Anexo 3)

Camila representa o grupo de mulheres que está trabalhando na fronteira há pouco tempo, entre zero e dez anos, e também representa quem estudou a língua espanhola. Esse grupo toma a iniciativa, tenta manter a conversação em espanhol, mas sempre acaba fazendo o *code-switching* com o português.

É possível encontrar nessas alternâncias, *code-switching* do tipo intra-sentencial, quando a alternância se dá do português para o espanhol ou vice-versa na mesma sentença. Começamos pelas alternâncias intra-sentenciais do tipo unitário, quando há a inserção de apenas um elemento na oração, podendo ou não sofrer uma adaptação.

Camila- Quieres te provar este también (um tempo depois) ¿Cómo quedó?²⁰

Aqui nossa comerciante fala ‘provar’, palavra pertencente ao léxico espanhol, mas de forma aportuguesada, e passa o pronome para frente do verbo enclítico, caso corriqueiro em português, contudo não em espanhol, pois os verbos no infinitivo atraem o pronome para depois do verbo. Provavelmente a informante não percebeu que fez esta alternância, o vocábulo ‘provar’ existe em ambos os idiomas, mas a fonética e a estrutura do verbo foram utilizadas em português.

Passemos agora às alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário, quando fragmentos, expressões se alternam dentro de uma mesma oração.

Camila- Vaquero, quinientos y noventa tem de todo preço

Nossa informante começa o seu atendimento em espanhol e ao final passa para o português, numa tentativa de enfatizar a mensagem, de chamar a atenção que há calças de todos os preços, ela acaba alternando para o português. Percebemos também uma interferência na oração da língua materna da vendedora, pois em espanhol não usamos a conjunção aditiva ‘y’ entre os numerais (centena e dezena) como utilizamos em português, em espanhol seria ‘quinientos noventa’.

²⁰ As falas não estão em ordem de enunciação, veja no anexo a transcrição.

A alternância intersentencial, ocorre como o próprio nome explica, entre sentenças, quando do espanhol se passa para o português ou vice-versa.

Cliente- Sí, ¿no tienes más chico? (um tempo depois) a ver cómo queda...

Camila- Só tem uma coisinha no bolso só (tempo depois). ¿Cómo quedó?

Nesta situação a vendedora começa falando em português, pois algo lhe causou estranheza na calça e, ao expressar esse sentimento, Camila naturalmente evoca sua língua materna. Após a cliente experimentar a calça, ela volta a falar espanhol para verificar se a compradora gostou do produto.

A alternância entre enunciados ocorre quando depois de falar certo tempo em espanhol, por exemplo, passa-se ao português ou ao contrário, o que significaria uma atitude de aproximação.

M^a da Glória- Não serviu esse aí, muchacha?

Camila- Sólo éste.

M^a da Glória para Camila- Quanto tu fez pra ela?

Camila- Quatro e noventa

No primeiro caso, Camila e a cliente vêm mantendo a conversação em espanhol, quando chega M^a da Glória, proprietária do estabelecimento e também nossa informante, falando em português. Temos aí uma alternância do tipo entre enunciados: Maria, que não estava por dentro da conversação, então chega falando sua língua materna ao que há uma nova alternância, pois Camila responde em espanhol na tentativa de especificar que o destinatário é uruguaio.

Na sequência, M^a da Glória, volta a falar em português, pois está dirigindo-se a sua funcionária. Esta, que até então mantinha a comunicação em espanhol, responde em português ‘quatro e noventa’ em solidariedade à companheira de trabalho.

Independentemente do tipo de *code-switching* e da motivação que leve as participantes à alteração de códigos, esse grupo tem uma característica que é arriscar o

espanhol, tentar manter o diálogo na língua do cliente, que é quem detém o poder econômico, controla a conversação.

6.2.2 Letícia TS1x NEE (Anexo 4)

Para reproduzir o grupo feminino ainda iniciante no comércio fronteiriço entre zero e dez anos, e que não tenha estudado espanhol formalmente, elegemos Letícia. Nota-se nesse grupo, um uso maior de alternância de códigos do que o primeiro, aquele que estudou espanhol. É uma preferência dos fronteiriços brasileiros pela língua espanhola.

Alternâncias do tipo intra-sentencial unitário:

Letícia - Sí estos baxitos sí, porque son los únicos, tres y noventa

Letícia - Sí, sí, sí, yo te trouxe una treinta y ocho brasilera

Letícia – Sí, sí, porque la horma es grande

É interessante notar, que no primeiro caso, Letícia, conhece a formação do diminutivo em espanhol o sufixo *-ito*, e como não conhece a palavra em espanhol *bajito*, a vendedora lança mão da adaptação, da espanholização da palavra baixo do português e diz *baxito*.

Na segunda ocasião, o problema de Letícia é na conjugação verbal em espanhol, como não sabe conjugar o verbo *traer* na língua espanhola, ela faz o *code-switching* utilizando-o na língua portuguesa, sem qualquer adaptação.

No terceiro momento, Letícia simplesmente passa para a língua portuguesa, talvez uma opção, preferência da vendedora que fala [grandi] fazendo uma elevação da vogal /e/.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário:

Letícia - A senhora quer probar alguna. ¿Qué talle seria?

Letícia - Treinta y nueve, you trazer para a senhora

Letícia - Y así con tampones, estes quinhentos pesos dá para fazer.

Letícia - Acá perto del espelho, a senhora pode mirar melhor

Letícia – Duzentos e noventa, diez pesos a senhora não teria

Letícia - Duzentos e noventa pesos, em reales vinte y nueve reales

Neste tipo de *code-switching* fica claro que os segmentos em português são maiores que os de espanhol. Esta é uma característica do grupo, falam mais em português e inserem alguns segmentos em espanhol. Este tipo de alternância é influenciado por duas de nossas variantes controladas, a primeira é o tempo de serviço e a segunda, o fato de não terem estudado espanhol.

Como o grupo é muito recente no comércio fronteiriço, trabalha há menos de dez anos, a alternância pode ocorrer por dois motivos, o primeiro seria cognitivo, há uma falta de vocabulário, um lapso de memória do sujeito, que o faz trocar o código. O segundo motivo seria a preferência pelo português, que é a sua língua materna.

Alternâncias do tipo intersentencial

Letícia - Sí, dan una estiradita, sí. A senhora quiere levar?

Letícia - Sí estos baxitos sí, porque son los únicos, tres y noventa. Y así con tampones estes quinhentos pesos dá para fazer .

Letícia - Eu que agradeço. Hasta luego.

É interessante notar, na fala de Letícia especificamente, que o pronome de tratamento senhora é sempre utilizado em português e com a cliente que fala espanhol. No entanto, com a cliente uruguaia que fala português, Letícia é mais descontraída e a chama de ‘meu anjo’. A língua é uma barreira, por isso também o distanciamento entre a comerciante e a cliente que só fala espanhol. Ainda tratando dessa primeira fala, percebemos que a troca de idiomas ainda se dá por um fator cognitivo, por não lembrar ou desconhecer a palavra ‘llevar’ em espanhol, a vendedora utiliza a palavra em português ‘levar’.

Nas duas falas seguintes a troca de códigos possivelmente ocorre por preferência de idioma, visto que são segmentos longos, assim há uma clara preferência em voltar a falar o idioma materno.

Alternância do tipo entre enunciados

Cliente- Yo quería blanca pero no encontré aquí, mi pie no hay mi tamaño

Cliente uruguaia falando português- Quanto tá essa aqui?

Letícia – Trinta e nove, meu anjo.

Cliente uruguaia- Tem trinta e sete?

Letícia - Vou ver na numeração, aquela ali?

Cliente – (incompreensível)

Letícia - Sí estás baxitos sí, porque son los únicos, tres y noventa. Y así con tampones estes quinientos pesos dá para fazer .

Cliente uruguaia para Cliente- Hay que comprar por acá que es barato, por ahí... me llevo estas acá

Cliente – ah! es uruguaya, yo creí que eras brasileña

Cliente uruguaia- Sí

Letícia - É professora tem que... (Risos)

Cliente uruguaia- Logo eu volto para levar aquelas ali. Hasta

Cliente - Hasta Luego

Letícia - Tchau

O *code-switching* do tipo entre sentenças ocorre geralmente quando temos a presença de uma terceira pessoa na comercialização, assim como no grupo anterior. Esse excerto selecionado é muito interessante, pois mostra uma das realidades dos falantes fronteirços. Enquanto Letícia atende sua cliente, chega à loja uma segunda cliente, aparentemente brasileira, aí ocorre a alternância de códigos: Letícia, que falava espanhol, passa para o português para atender sua cliente ‘brasileira’. Na sequência, a vendedora passa a falar espanhol para prosseguir o atendimento da primeira cliente e acaba informando um preço. A até então cliente brasileira toma o turno e passa a falar espanhol, comentando que o estabelecimento era bom para comprar.

A conversa passa então a ser em espanhol, após a confirmação de que as duas clientes são uruguaias, quando ocorre o *code-switching* feito por Letícia ‘É professora tem que...’, a partir desse momento a cliente uruguaia passa a falar português e combina a compra para mais tarde e alterna o idioma se despedindo em espanhol da outra cliente. Letícia opta pelo português, sua língua materna, visto que a cliente domina bem português e espanhol e a outra cliente opta ao despedir-se pelo espanhol, sua língua materna.

Essa venda esclarece bem o que realmente, em nossa opinião, ocorre na fronteira: há uma intercompreensão entre as pessoas, há um bilinguismo na fronteira, do desequilibrado de todos os níveis até chegar ao equilibrado.

6.2.3 Madruga TS1 x EE (Anexo 5)

Para representar o grupo de homens que estudaram a língua espanhola e que trabalham na fronteira entre zero e dez anos, escolhemos Madruga. Esse grupo possui muitas semelhanças com o falar do grupo feminino de mesmo período de trabalho e que estudaram espanhol. Nota-se que o grupo, assim como o feminino, tenta utilizar mais a língua espanhola.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

Madruga- Sí, qual tamanho?

Madruga- Agora já pergunto a la muchacha quanto ella puede hacer

Aqui a troca de idiomas ocorre por preferência pessoal do locutor, não há nada que indique outra motivação por parte do vendedor.

Alternância do tipo intersentencial

Madruga- Quanto são essas aqui Katia?

Kátia- Cento e setenta

Madruga- Ciento y setenta cada.

Madruga para Kátia- Quando dá pra fazer essa aqui?

Kátia- Cento e cinquenta pesos

Madruga- Ciento cincuenta

Nos trechos acima podemos perceber que a alternância ocorre quando Madruga pede a Kátia auxílio com o preço. Como faz pouco tempo que começou na loja, nosso sujeito ainda não está habituado com todos os preços. Sabendo que a língua materna de Kátia, nossa informante também, é o português, ele se dirige a ela nesse idioma e, ao responder o preço ao cliente uruguaio, Madruga faz mais um *code-switching* passando

para o espanhol. Neste excerto, como na venda de Camila, percebemos a interferência da língua materna do vendedor em sua segunda língua, pois em espanhol não usamos a conjunção aditiva ‘y’ entre os numerais (centena e dezena). Em espanhol seria ‘ciento setenta’, a adição da conjunção é típica do português: ‘cento e setenta’.

Atitudes como a de Madruga são encontradas em todos os grupos, inclusive no grupo de Camila, há uma tentativa de sempre falar espanhol com o cliente, de manter a venda na língua de quem possui o poder de compra.

Alternância do tipo entre enunciados

Madruga- ¿Cuál de ellas?

Cliente- Así

Madruga- Quanto são essas aqui Katia?

Novamente, esse tipo de *code-switching* aparece com o surgimento de uma terceira pessoa. Até o momento Madruga vinha falando em espanhol, mas faz alternância para o português quando necessita de uma informação da dona do estabelecimento.

6.2.4 José TS1x NEE (Anexo 6)

O grupo de homens iniciantes no serviço na fronteira e que não estudaram espanhol está representado pelo comerciante José. Caracteriza-se igualmente ao grupo das mulheres que não estudaram espanhol de igual período, por utilizarem mais o idioma materno e a insegurança em falarem sua segunda língua.

José - Todo lo mesmo, cuatrocientos y dez pesos.”,

José - Depois tenho de ese acá, curto”.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

Nessas duas situações, José faz uma adaptação do léxico, ele espanholiza o “mesmo” em que fala com a vogal “e” fechada. E o contrário também ocorre quando o vendedor faz um aportuguesamento de “pesos”, pois produz o som de [z]. E há palavras ditas em português como “dez, depois tenho, curto”. Essas são motivações linguísticas e devem-se à falta do vocábulo na hora da enunciação.

Alternâncias do tipo intersentencial

José - Depois tiene esa bermudita acá, acá también tem. Depois tem esse aqui, ó.

José - Esse macacão aí? Cuatrocientos y dez pesos. Tem ese otro modelo acá, ó

Nessa sentença José faz o *code-switching* da língua espanhola para a língua portuguesa. No primeiro caso, acreditamos que essa mudança de códigos ocorra por uma preferência pessoal, visto que o comerciante mantinha a conversação em espanhol e de repente trocou para o português. Temos no segundo caso motivações cognitivas, essas alternâncias ocorrem pois o locutor desconhece a palavra ou a expressão na língua em que o locutor deve seguir falando. José se pergunta, “esse macacão aí?”, por desconhecer que em espanhol macacão é *enterizo*.

Os fatos de José não ter estudado a língua espanhola e de estar há pouco tempo trabalhando na fronteira na faixa de TS1, contribuem para a sua insegurança na hora de atender o cliente uruguaio, característica notada em todo o grupo. Podemos perceber que a abordagem do comerciante começa em português algumas vezes:

José- Procurava algo em especial?

Cliente- ¿Cómo?

José- Procurava algo em especial?

Mesmo alertando através do *cómo* que é uruguaio, José parece não se importar e retorna a fazer a pergunta em português.

6.2.5 Maria da Glória TS2/2 (Anexo 3) e Maria TS2/1 (Anexo 7)

Nesse grupo dos vendedores a médio prazo na fronteira, entre 11 e 20 anos, temos duas representantes M^a da Glória e Maria. Optamos por duas para não deixar as

vendas de M^a da Glória no (Anexo 1) sem análise. A partir desse grupo só controlaremos duas variáveis, gênero e tempo de serviço, pois não conseguimos encontrar informantes que tivessem estudado espanhol.

As mulheres do grupo TS2/1 possuem características semelhantes às das mulheres e homens de tempo de serviço iniciante e que estudaram espanhol. Nota-se uma maior tentativa de manter a conversação em espanhol, elas arriscam mais e, mesmo não tendo estudado espanhol, mostram um conhecimento da língua semelhante ao de quem estudou.

Alternâncias do tipo intra-sentencial unitário

M^a da Glória para Camila- Faz um descuentito.

Nesta ocasião, a vendedora começa falando com sua funcionária, por isso usa o português, mas faz a alternância de código para o espanhol, justamente para enfatizar a possibilidade de um desconto, para chamar a atenção da cliente.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

M^a da Glória- Pera aí, que vou te fazer um poquito menos

Maria- Ciento trinta, noventa, setenta e cinco

Percebendo que a venda está sendo perdida, pois a cliente diz que vai dar uma volta, a dona da loja acaba apelando para a língua materna e ao final, mais consciente, passa ao espanhol novamente. Já Maria começa mencionando os preços em espanhol e termina em português, aparentemente por uma preferência linguística, visto que no restante da conversação ela falou todos os outros preços em espanhol.

Alternâncias do tipo entre enunciados

Maria- Grande, así

Cliente- Después ¿qué otros tipos tienes?

Maria- Depois aquele com elástico em cima

Maria- Cuarenta y cinco cada una

Cliente- Da lo mismo

Maria- Depois tenho assim, boxer

Nesses casos, a mudança para o português é inesperada, pois Maria mantém a conversação em espanhol, e de repente passa a falar português, motivo pelo qual acreditamos que a alternância de códigos se dê pela preferência em usar o português ou falta de domínio comunicativo.

6.2.6 Cesar TS2/1 (Anexo 8)

Para representar o grupo masculino de tempo médio de serviço na fronteira brasileira, elegemos Cesar. Esse grupo, assim como o anterior, é muito semelhante aos grupos iniciais que estudaram espanhol, tentam manter a diálogo na língua do cliente.

Alternâncias do tipo intra-sentencial unitário

Cesar- Quieres mirar más alguno ahí, pode mirar

Cesar vem mantendo a comunicação em espanhol, mas, ao chegar no verbo ‘poder’, o vendedor faz a alternância para o português, provavelmente por não saber conjugar tal verbo em espanhol, em que ficaria ‘puedes’.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

Cesar- Aquí tá el espejo....

Cesar- No, ¿no te gusta?. Ah mi dios, to aprendendo a hablar español, viu?

Cesar- Y piercing de umbigo no quer mirar uno

Cesar- Gracias usted, as ordens sempre

Na primeira sentença, o vendedor começa falando em português e depois faz a alternância para a língua espanhola. Nesse caso acreditamos que a motivação seja

linguística pelo fato de nosso informante demonstrar dificuldades na conjugação verbal em espanhol. Na segunda oração, o vendedor começa em espanhol, ao avistar a pesquisadora, ele faz uma brincadeira e é na brincadeira que alterna para o português espanholizando a perífrase verbal ‘tô aprendendo’ quando na verdade em espanhol teríamos ‘estoy aprendiendo’. Ao fim da frase o comerciante alterna o idioma novamente para o português, ainda dirigindo-se à pesquisadora e fala ‘viu’. Na tentativa de obter uma resposta, obteve um sorriso.

Na terceira sentença, fica claro que o *code-switching* para o português ocorre porque o vendedor não sabe como mencionar ‘piercing no umbigo’ em espanhol, e a última alternância para o português ocorre porque a venda terminou. Primeiramente, Cesar se despede em espanhol e, ao relaxar, troca o idioma falando em português ‘sempre às ordens’, é do tipo de ato comunicativo.

Alternâncias do tipo intersentencial

Cesar- Para usted? Esse aqui ta na moda, assim

Cesar- Prova este. Ah! Tá muito lindo esse aí! Si queda muy grande vai queda muy grande pra ti, una cara chiquita. Éste te quedo lindo heim!?

Cesar- Ciento veinte pesos. Y piercing de umbigo no quer mirar uno. Ta bonito heim, tem de nariz também, no quiseste poner no nariz

Nas três sentenças é possível observar que o *code-switching* é efetuado pelo vendedor quando ele expressa sua opinião, seu sentimento. Usa-o para mencionar que o produto está na moda, que a cliente está bonita ou que os produtos estão bonitos, com exceção do piercing no umbigo, pois já vimos que a alternância é efetuada pelo fato de o comerciante desconhecer a expressão em espanhol.

Fica clara, através de Cesar, a busca do atendimento em língua espanhola, fato notado em todo o grupo. Percebemos que realmente a frequência, o tempo de trabalho desses indivíduos na fronteira faz diferença em comparação tanto ao grupo feminino quanto ao masculino iniciante no serviço na fronteira e que não estudaram espanhol. Os iniciantes têm uma tendência a falar muito mais em português, pois ainda não adquiriram segurança e isso vem com o tempo.

O grupo de Cesar, M^a da Glória e Maria se assemelha ao grupo de iniciantes na fronteira que estudaram espanhol, pois, embora não tenham estudado formalmente a língua espanhola, se desempenham muito bem, possuem certo domínio sobre o idioma. Assim, percebemos que os fatores externos como pressão e frequência, bem como os internos de memória, de idade de aquisição da língua e de inteligência são realmente importantes, como advoga Mackey (2000). Embora não tenhamos como precisar o papel de cada um desses fatores na aquisição da segunda língua desse grupo masculino e do feminino de igual período, fica evidente que eles agem nos sujeitos.

6.2.7 Karen TS2/2 (Anexo 9) e Negra TS2/2 (Anexo 10)

Para representar o grupo mais antigo da fronteira, com mais de 21 anos de serviço no comércio, escolhemos duas mulheres: a primeira é Karen, que representa o falar do grupo em geral e a segunda é Negra, que foge à regra do grupo, como já havíamos comentado.

Alternância do tipo intra-sentencial unitário

Karen- Sí usted seguí aquí, no es nos quiosco, es una tenda

Nesta oração, Karen faz a alternância de idiomas do espanhol para o português por três vezes, a primeira é no verbo, o qual usa em português sem adaptação, provavelmente por não saber conjugá-lo em espanhol - ‘sigue’-, na segunda, a comerciante faz a apócope de ‘nos’, quando em espanhol seria ‘en los’, e na terceira há uma tentativa do uso da palavra em espanhol, mas a vendedora esquece-se de ditongar a palavra, que em espanhol seria ‘tienda’, alternando com o português.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

Karen- No mi amor, não tenho nada.

Karen - Bueno, de nada

Nas duas orações acreditamos que o *code-switching* do espanhol para o português seja feito por motivo de preferência linguística do locutor, visto que não há nada que indique uma motivação.

Alternâncias do tipo intersentencial

Cliente- Sí, pregunte a la muchacha

Karen- Não, mas olha bem

Cliente 2- Decime, yo quiero un pantalón , fino

Karen- O único que tenho fino é ese assim ó, esse é tela fina. Allí en la (A²¹) usted no fue?

Cliente 2- ¿Dónde?

Karen- Aqui, na loja da esquina, eu acho que ela tem esse tipo de calça fina.

Nessa sequência, percebemos a alteração de código do espanhol falado pela cliente para o português falado pela comerciante. Há um momento em que a vendedora pede uma informação e assim passa para a língua espanhola, mas já na próxima oração retoma o português. A comerciante fala em português por uma opção linguística, vemos que há uma intercompreensão entre Karen e os clientes, tanto que ela fala em português o que o cliente pediu em espanhol ‘pantalón – calça’.

É essa mesma intercompreensão que notamos nas vendas de Negra, que fala exclusivamente português com seus clientes, como podemos ver no anexo 10.

Cliente - Hola

Negra- Oi

Cliente- Bermudita para una nena de un año

Negra- Bermuda?

Cliente- Sí, de jeans

Negra- Tenho conjuntinho, aqui ó

Jaguarão-Río Branco é uma comunidade bilíngue, há esse entendimento entre os fronteiriços, a prova é que Negra fala em português e a cliente em espanhol e a

²¹ Nome alterado para não identificar o estabelecimento.

comunicação ocorre, se efetua cada uma falando seu idioma materno. No mínimo podemos dizer que Negra é uma bilíngue passiva, só compreende o espanhol, não consegue produzi-lo, mas isto é uma hipótese, pois Negra trabalha na fronteira há 48 anos, deve haver outros fatores que a façam falar somente português.

A tendência ao uso do português, alias, é uma característica desse grupo feminino. Vimos através de Karen que as mulheres com mais de 21 anos de serviço na fronteira, tendem a utilizar mais o português em sua comunicação do que o espanhol, certamente um dos fatores é a idade de aquisição, como podemos observar na Tabela 6. 40% dessas informantes são bilíngues adultas, adquiriram a língua espanhola com mais de 18 anos de idade e 60% se diz bilíngue infantil, que tem contato com a língua espanhola desde a tenra infância, mas o detalhe está no Gráfico 4, no qual podemos observar, através da frequência das participantes, que todas começaram a trabalhar entre a adolescência e a vida adulta, fato que talvez justifique o maior uso da língua portuguesa.

É interessante notar que esse grupo se aproxima muito do grupo iniciante na fronteira dos que não estudaram espanhol, por usarem mais a língua portuguesa do que a língua espanhola. Contudo, eles não possuem a insegurança dos iniciantes, talvez mais de 20 anos no comércio seja um bom motivo para a insegurança desaparecer.

6.2.8 Paulinho TS2/2 (Anexo 11) e Pablo TS2/2 (Anexo 12)

Como representantes de nosso último grupo de trabalhadores na fronteira, homens com mais de 21 anos de serviço, temos a exemplo do grupo anterior dois representantes: um é Paulinho, que representa a maioria do grupo (três integrantes) e Pablo, que reproduz a minoria do grupo (dois integrantes).

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

Paulinho- Esta tava seis e noventa ayer, hoy tá por quatro e noventa, con repartición.

Paulinho- Tudo mesmo precio tudo em quatro e noventa hoy tá en promoción, era seis e noventa tá em promoción quatro e noventa chamar la doña pra ver, para mirar

Nesses enunciados, Paulinho começa falando português, faz alternância para espanhol e posteriormente português e espanhol novamente. Não há uma motivação específica que leve nosso vendedor a fazer o *code-switching*, por isso nos leva a crer que é a opção linguística por uma das línguas, Paulinho fala em espanhol palavras não semelhantes com o português como ‘ayer = ontem’ para ter certeza de que seu interlocutor irá compreendê-lo, inclusive ele diz ‘pra ver’ e logo em seguida traduz para o espanhol ‘para mirar’.

Alternâncias do tipo intersentencial

Paulinho- Esta tava seis y noventa ayer, hoy tá por quatro e noventa, con repartición. Com repartição por dentro, com duas, duas, duas alça e todas las colores también que quieras.

A primeira oração já analisamos, temos um code-switching intra-sentencial, mas na sequência, o vendedor, que tentava falar espanhol, muda o código para o português, para explicar como é a carteira. Ele até tenta voltar a falar espanhol, vemos que ele fala repetidamente ‘duas, duas’, certamente buscando uma palavra em espanhol para ‘alça’, mas, como não obteve sucesso, prosseguiu falando português.

Ao contrário do grupo representado por Paulinho que, assim como o grupo anterior de mulheres na mesma faixa de tempo de serviço, tende a falar mais sua língua materna, temos Pablo, que mantém a conversação com o cliente praticamente na língua espanhola.

Alternâncias do tipo intra-sentencial unitário

Pablo - Tengo en varios colores, en verde, tengo en azul, tengo en rojo, todos ciento cincuenta los grandes, doscientos y cincuenta pesos los grandes y doscientos pesos los chicos, tengo mochilas, bolso de viaje, alguna cosita más quería saber?

No enunciado, Pablo vem mantendo toda a venda em espanhol, quando faz uma alternância para o português, falando mochila de forma aportuguesada, por não saber na hora o som fônico utilizado no espanhol para /ch/.

Alternâncias do tipo intra-sentencial segmentário

Pablo – A bolsa? Lo bolso te sale, este doscientos y cincuenta pesos y este acá seiscientos y cincuenta pesos .

Pablo começa falando português e, ao notar isso, rapidamente alterna o código começando pelo espanhol e utiliza o artigo neutro ‘lo’ do espanhol ao invés do artigo masculino definido ‘el’.

Esse grupo possui semelhanças e diferenças com o grupo feminino de mesmo tempo de serviço. Entre as semelhanças está a tendência à maior utilização da língua portuguesa, por homens e mulheres, sendo a principal motivação a preferência linguística. O grupo é muito parecido com os informantes iniciantes que não estudaram espanhol e que também fazem um uso maior do português.

Já no sentido oposto de Negra, que fala exclusivamente português, temos Pablo, que mantém a conversação praticamente em espanhol e em um bom nível. Novamente nossa explicação para esses fatos são a frequência e a idade de aquisição, 60% se dizem bilíngues adultos, adquiriram o espanhol com mais de 18 anos, 20% se identificam como bilíngues adolescentes e outros 20% como infantis. Se repararmos no Gráfico 4, perceberemos que há dois indivíduos com a frequência próxima à duração. São Pablo e Leandro, que começaram a trabalhar na fronteira respectivamente adolescente e criança, tendo esse contato diário com falantes nativos desde novos, o que lhes permitiu conseguir desenvolver o espanhol com uma boa fluência.

6.2.9 – A prática linguística da fronteira brasileira jaguareense: *code-switching* ou DPU?

Após a análise dos dados acima, cruzando todas as variantes propostas, podemos afirmar que a prática linguística da fronteira brasileira jaguareense é realmente o *code-switching*, uma alternância de códigos feita entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Como levantamos em nossa hipótese 1 de trabalho, essa prática não é a mesma dos Dialetos Portugueses do Uruguai que ocorrem na fronteira norte uruguaia.

O que temos em nossos dados são alternâncias de códigos, uma prática comum entre sujeitos bilíngues, que podem ocorrer, como vimos, de forma intra-sentencial

unitário ou segmentário, intersentencial ou entre enunciados, e pelas mais diversas motivações. Já os DPU são uma variante do português brasileiro, com forte influência da língua espanhola, como mencionam Elizaincín, Behares & Barrios (1987), que possuem uma variabilidade externa e simplificações da língua.

O *code-switching*, embora na compreensão de leigos, como nossos informantes, seja visto como uma mistura de idiomas, no caso em questão uma mistura do português e espanhol, não o é. Milroy & Muysken (1995) e Appel & Muysken (1996) ressaltam que o *code-switching* não é uma mistura de idiomas ou um conhecimento deficiente da língua por parte dos bilíngues, não se trata de uma incapacidade linguística dos falantes. A alternância de códigos é antes de tudo um recurso inteligente, do qual os falantes bilíngues podem lançar mão a qualquer momento da conversação.

Contudo, os DPU são, nas palavras dos investigadores uruguaios, “formas mixtas o dialectos bilingües de base preponderantemente portuguesa, las que, sin embargo, evidencian fuerte influencia del español” (ELIZAINCÍN, BEHARES & BARRIOS, 1987 : 14) ou ainda “resultado de la mezcla del castellano hablado en el Uruguay y del portugués hablado en la parte meridional de Rio Grande do Sul” (RONA, 1965: 5), que, no entanto, “no es ni portugués, ni español, y resulta con frecuencia ininteligible tanto para los brasileños como para los uruguayos” (RONA, 1965:7).

Em suma, o produto linguístico de nossos informantes não é uma mescla nem soa ininteligível. Fica comprovado nos protótipos de venda apresentados que há uma compreensão entre comerciantes e clientes, não há uma variação ou simplificação da língua, pois não se trata de uma variedade linguística como são os DPU, e sim duas línguas nacionais, português e espanhol, faladas com *code-switching* por bilíngues que dominam de forma desequilibrada o seu segundo idioma, que é o espanhol.

6.3 Atitude linguística dos comerciantes em relação ao seu produto linguístico

A língua é visada como um elemento de identificação, de pertença a um determinado grupo, a uma determinada nação, a um determinado país. A atitude linguística em relação a uma língua constitui-se de forma subjetiva, através de discursos que vão se moldando conforme a estrutura organizacional da própria sociedade.

A fronteira de Jaguarão-Río Branco é uma fronteira integradora, com trânsito de pessoas, mercadorias e culturas, uma fronteira com inter-relações pessoais e

linguísticas. É nesse âmbito que se constituem as narrativas sobre as práticas linguísticas da fronteira.

Os comerciantes, ao serem questionados na pergunta 35 (Anexo 1) “Para você que língua se fala aqui na fronteira de Jaguarão-Río Branco?”, responderam: “aqui se fala portunhol”, “aqui se fala brasiguaio”, “aqui se fala misturado”, “aqui se fala português e espanhol”. Embora haja algumas divergências na denominação, Kersch (2011) explica que avaliações desse tipo são subjetivas, linguisticamente o sentido de todas essas subjetivações converge. Optamos, então, por utilizar a denominação dada pela maioria de nossos informantes “Aqui se fala portunhol”.

Na Figura 1, da página 12, foi possível observar que, nas situações de fronteira com acidente geográfico como é o caso de Jaguarão-Río Branco, cada cidade possui sua língua, e, ao passarem para o território vizinho, como fazem jaguarenses e riobranquenses desde 1802, vêm ocorrendo interações interlinguísticas, que acabam convergindo linguisticamente, como é o caso do portunhol. O portunhol é, como vimos na seção anterior, a alternância de códigos feita por comerciantes brasileiros bilíngues, com clientes uruguaios também bilíngues em português e em espanhol.

A comunidade fronteira norte uruguaia é comprovadamente, segundo Behares (2010) e Carvalho (2003), uma comunidade bilíngue diglósica, ou seja, suas duas línguas em questão - o espanhol e os DPU - possuem funções distintas na comunidade, bem como um prestígio diferenciado. Enquanto o espanhol é falado nas escolas, repartições públicas e nas igrejas, os DPU são relegados ao ambiente doméstico. Seus falantes desprestigiam essa variedade, a atitude linguística dos fronteirizos uruguaios em relação aos DPU é negativa.

O estado uruguaio tem grande parcela de contribuição nessas atitudes linguísticas negativas por parte dos fronteirizos, já que vários planos de nacionalização foram pensados com o intuito de impedir o progresso e o domínio do português. O primeiro foi o de José Pedro Varela em 1877, que planejava a escolarização dos uruguaios no idioma nacional, sem sequer mencionar um plano de ensino voltado para a fronteira, pois a ideia era justamente extinguir os DPU. Durante a ditadura militar no Uruguai, mais uma vez a língua foi o alvo: os uruguaios do sul defendiam uma unidade nacional e linguística e, portanto, todo uruguaio deveria falar espanhol.

Diferentemente do norte uruguaio, nosso grupo de informantes possui um significado social distinto para as práticas comunicativas que coexistem na fronteira: o português, o espanhol e o portunhol, *code-switching* do português com o espanhol.

Na tabela 7, página 56, 82,5% de nossos informantes consideram sua relação com a língua portuguesa ótima ou boa:

Stefane TS1XEE- “Eu acho a melhor que tem, porque tu entendes, essas outras tu não entendes nada.”

Maria da Gloria TS2/1- “É muito boa, eu nasci brasileira, sou nata brasileira tenho que falar português.”

João TS2/2 – “É boa, eu gosto. Não gosto de escutar aquele como é que é? Cantemo, falemo, isso me faz mal.”

Mateus TS2/1- “Eu gosto, é a minha língua é a que eu sei falar.”

Podemos perceber, pela resposta de nossos sujeitos, que a língua portuguesa é a que os identifica como brasileiros, Segundo o pensamento de que se nascemos no Brasil, temos que falar português e não outra língua, um mito linguístico reproduzido por muitas pessoas. A língua portuguesa é vista por nossos entrevistados como uma língua maravilhosa, pois existe compreensão, há também uma valorização da forma padrão no falar.

Em contrapartida, 5% de nossos entrevistados acham ruim.

Paulinho TS2/2 - “É a língua mais complicada que tem, é o que todo mundo diz, né?”

Veja que o discurso de Paulinho é uma reprodução de um pensamento nacional, um mito linguístico de que o português é complicado. Talvez sua resposta vá nessa direção também em função de sua escolarização: Paulinho possui o ensino fundamental incompleto e talvez ache que não tem conhecimento suficiente de sua língua materna.

Quando perguntamos ao contrário, a relação de nossos informantes com sua segunda língua, o espanhol, a resposta também é positiva, nossos comerciantes possuem uma atitude linguística afirmativa. Como podemos observar na Tabela 8, página 56, 75% do grupo acha ótimo ou bom falar espanhol como:

Karen TS2/2- “Ah! Uma maravilha adoro. Acho que eu me identifico muito com eles, que eu gosto muito da língua deles.”

Maria da Gloria TS2/1 - “É muito bom, lidar com os nossos irmãos uruguaio, uma divisa uma fronteira é muito bom.”

Santinho TS2/2 - “O espanhol é tranquilo, desenrolo ele bem.”

Mateus TS2/1- “Olha, gosto. O espanhol é uma língua muita falada, fácil de entender.”

Camila TS1 x EE- “Eu acho bonitinho eles falarem”

Há por parte de alguns de nossos entrevistados um sentimento de pertença, de identificação, de irmandade, outros acham a língua bonita, fácil de entender, possuem a consciência de que é uma das línguas mais faladas e, por isso, têm atitudes positivas.

Contudo, essa atitude afirmativa em relação ao espanhol não faz parte do pensamento de todo o grupo: há 17,5% que têm uma atitude negativa, achando ruim ou péssimo o espanhol tal como:

Stefane TS1 x EE - “Péssimo, horrível, tudo enrolado a língua deles.”

Edson TS1 x NEE- “É brabíssimo, alguma coisa até se entende, mas é brabo.”

Micaela TS2/1- “É difícil, eu acho difícil. Muitas coisas são diferentes da gente, licença é *permiso*, assim, né?”

Podemos perceber que Stefane e Edson fazem parte de um tempo iniciante de serviço na fronteira, e que renegam bastante a língua espanhola, acham difícil por não conseguirem compreender. O que chama a atenção é que Stefane faz parte do grupo que estudou espanhol e causa certa estranheza o fato de ela não se sentir à vontade com o idioma. Em suma, esse grupo possui uma relação negativa com o espanhol, pois lhe acarreta a dificuldade da compreensão, por ser o léxico distinto.

Por fim, a atitude de nossos sujeitos relativa à prática linguística efetuada na fronteira também é positiva. Embora haja uma queda em comparação à atitude linguística em relação ao português e ao espanhol, o portunhol mantém uma grande aceitação entre nossos comerciantes, como vimos na Tabela 9. 67,5% acham o falar fronteiriço ótimo ou bom:

Camila TS1 x EE - “Dá pra se comunicar tranquilo, a gente consegue se comunicar, eles (uruguaios) me entendem e eu entendo eles. Eles às vezes arriscam bem no português também.”

Maria da Gloria TS2/2 - “Essa mistura é o que teria de ser, é uma fronteira, é uma divisa. No caso eu não moro lá, mas se eu tivesse que ter um comércio ou uma casa lá eu ia lidar a mesma coisa, como se fosse normal. A única coisa que mistura é a língua, mas demais a gente entende tudo do mesmo jeito, entende o que eles querem, o que a gente quer, a gente faz uma troca de língua e de comércio eles entendem o que a gente fala e a gente entende eles.”

Karen TS2/2 - Bom, porque se tu falar muito fechado o português, o espanhol não vai entender quase nada, a pessoa que vem comprar. E se tu falar só espanhol, claro que

eles vão entender. Então, não sabendo muito o espanhol e misturando com o português eles entendem, por isso que tem que ser assim na fronteira, assim essa mistura.

Paulinho TS2/2- “O portunhol é o que facilita o entendimento entre o cliente e o brasileiro. Eu gosto do portunhol, acostumei é mais divertido.”

Cesar TS2/1 - “Dá pra se entender, eu gosto, às vezes eu falo as coisas em espanhol e eles não entendem aí eu falo em português e eles entendem.”

Nota-se pela resposta do grupo, que o portunhol é importante, pois facilita a comunicação, o importante é a compreensão, o importante é vender, comercializar, por isso a atitude em relação ao portunhol é positiva. Essa prática linguística permite que clientes e vendedores se entendam, efetuem suas vendas e compras.

No entanto, uma parcela de 12,5% acha ruim o portunhol:

Madrugá TS1xEE- “É mais fácil para entender, mas cada um tem que falar a sua língua.”

Stefane TSExEE- “Não me sinto a vontade, ah sei lá... Eu acho que vou errar alguma palavra, vou alguma coisa que... eu não gosto.”

Temos nesses dois últimos informantes o mito da língua pura, do não poder errar, do não poder misturar, de a mistura ser vista como algo funesto, pesado. Cabe lembrar que esses informantes são iniciantes no comércio, estudaram a língua espanhola e são jovens. Talvez o conhecimento formal do espanhol colabore para esse pensamento.

Nossos comerciantes possuem uma atitude linguística positiva em relação ao português, espanhol e portunhol, respectivamente 82,5%, 75% e 67,5%. Notamos esse positivismo através da análise qualitativa das respostas que recebemos, mas por trás dessas afirmações e negações dos idiomas está incutida a política linguística do governo brasileiro, ainda que velada, mas perceptível nas entrelinhas dos discursos de nossos fronteirios.

Essa política linguística tem uma só finalidade: regular os idiomas. A nacionalização a que se propôs o Estado Novo, através do idioma, banindo as línguas de imigração e incentivando o uso do português repercute até os dias hoje quando Maria da Graça TS2/1 se diz brasileira nata e que tem que falar o português, o que ilustra a cultura monolíngue. Também no caso de João TS2/2, que diz que não gosta dos “falemo, cantemo”, prestigiando uma variedade padrão do português em detrimento de outras

variedades. Ainda temos Paulinho TS2/2, que afirma que o português é complicado, pois as pessoas o dizem complexo.

Discursos como esses, formulados por Maria, João e Paulinho, são resquícios do que vem se reproduzindo no Brasil desde a era Vargas e infelizmente vem se perpetuando até os dias atuais. Um país que reconhece institucionalmente apenas duas línguas oficiais, quando na verdade possui aproximadamente 200 que são faladas como línguas maternas. Somos um país que exige o ensino em língua portuguesa, que defende o direito do índio aprender em sua língua materna, mas que não possui nenhuma política linguística para comunidades bilíngues de Blumenau, de Santa Roma do Sul ou de Jaguarão.

O que vem se pondo em prática são políticas linguísticas para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. A língua espanhola é ensinada nas escolas jaguarenses, como língua estrangeira, o que de fato já vimos que não é. O espanhol é uma língua natural, uma segunda língua, está a poucos metros de distância, mas a barreira política, o entendimento de fronteira como divisa, fazem dela para as autoridades uma língua estrangeira e não uma segunda lingual, como a considera a comunidade fronteiriça de comerciantes brasileiros.

O espanhol é visto positivamente na fronteira, alguns como Karen e Maria da Gloria sentem um sentimento de pertença também ao Uruguai, pois para elas Jaguarão e Ríó Branco é uma fronteira, não no sentido separatista, mas no sentido integrador. Claro que o fato de o espanhol ser valorizado do lado fronteiriço uruguaio e o respeito mútuo entre as duas comunidades ajudam muito as avaliações feitas à língua espanhola.

Por fim, o portunhol, nome dado por nossos sujeitos à prática de *code-switching* existente nessa fronteira. Uma vez que as avaliações do português e do espanhol são boas, não haveria motivo para o portunhol não ser avaliado positivamente.

Nosso grupo de comerciantes forma uma comunidade bilíngue não diglósica, pois seus idiomas coexistem em harmonia: não há neste grupo restrição da função das línguas, que Ferguson (1959) defende que há na diglossia, pois os idiomas são falados indistintamente. As línguas gozam de amplo prestígio entre os brasileiros. Inclusive o portunhol é um alerta do que ocorre nesse tipo de comunidade, Fishman (1982, citado por BARRIOS, 2008) menciona que é possível observar nas comunidades que apresentam o bilinguismo sem diglossia uma mescla das variedades A e B, principalmente se as línguas em questão são semelhantes, próximas.

7. Considerações Finais

Através da presente pesquisa, é possível apresentar algumas constatações sobre o bilinguismo dos comerciantes fronteiriços brasileiros jaguarenses.

Primeiramente, quanto ao grau de bilinguismo, nossos sujeitos são bilíngues desequilibrados, pois dominam como nativos o português, sua língua materna, e em grau incipiente, intermediário ou avançado sua segunda língua, o espanhol.

Em grau incipiente podemos considerar os grupos iniciantes TS1 x NEE, entre zero e dez anos de serviço que não estudaram espanhol e fazem uma maior utilização da língua portuguesa. Justamente por não dominarem bem a língua espanhola, falam com muito sotaque, fazem a utilização de alguns heterossemânticos. Também colocamos aqui alguns integrantes do TS2/2, com exceção de Negra, Pablo e Leandro. O restante do grupo TS2/2 pode ser considerado incipiente pelos mesmos motivos que os do TS1 x NEE, pois utilizam em suas vendas muito mais sua língua materna e, mesmo com mais de 21 anos de serviço na fronteira, falam com sotaque forte. Também a idade de aquisição do espanhol, como vimos através das frequências nos gráficos 2 e 4, ocorreram tardiamente.

Temos ainda Negra do grupo TS2/2 que, ao que tudo indica, é uma bilíngue passiva, compreende perfeitamente o espanhol, afinal são 48 anos no comércio fronteiriço, no entanto não consegue reproduzi-lo, o que seria uma hipótese, não há como afirmar sem uma investigação mais profunda.

Em grau intermediário, é possível colocar os grupos TS1 x EE e o TS2/1, tais grupos, embora sejam de faixas distintas de tempo na fronteira, - o primeiro concentra sujeitos de zero a dez anos de serviço e o segundo de onze a vinte anos -, possuem a fala muito semelhante. Percebe-se que desenvolvem o espanhol melhor que o grupo anterior e que possuem segurança ao falar. O diferencial está em que o grupo TS1 estudou a língua espanhola formalmente na escola, enquanto que o grupo TS2/1 não, ou seja o estudo ou não do espanhol faz diferença entre os nossos falantes, os distancia significativamente do falar do grupo iniciante TS1 x NEE, que não estudou espanhol e os aproxima do grupo TS2/1, que também não estudou espanhol, mas que possui uma relação de frequência com a língua espanhola entre 11 e 20 anos.

Num grau avançado, temos dois sujeitos do gênero masculino do grupo TS2/2, Pablo e Leandro, que dominam o espanhol em um bom nível de utilização do léxico, de

conjugação verbal, de sistema fonético e fonológico. Poderíamos pensar talvez que a variante de gênero possui diferenças, no entanto defendemos que não há variação de gênero e que tal variação possa ocorrer pela idade de aquisição da língua espanhola por nossos informantes somada à frequência, um dos fatores internos citados por Mackey (2000), que fazem com que o grau de bilinguismo varie.

Fica impossível determinar se essa variante é realmente o motivo de um bom nível de proficiência de nossos comerciantes, pois não tivemos a possibilidade de controlar como variante a idade de aquisição por dois motivos: teríamos o dobro de informantes ou mais e muitas células vazias, e pela dificuldade de encontrar pessoas que tivessem estudado espanhol. A nossa estimativa é que pela idade de aquisição somada à frequência resulte nessa boa desenvoltura da língua espanhola

Secundariamente, refutamos a ideia de que a prática linguística dos comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros corresponda à prática linguística dos fronteiriços uruguaios. Tendo em vista que o que foi encontrado em nossos dados não se revela como sendo os DPUs, não se tratam de formas mistas ou de dialetos bilíngues de base lusitana, como afirmam Elizaincín, Behares & Barrios (1987), ou uma forma mista ininteligível, como explica Rona (1965). O que realmente é notório nos dados é o *code-switching*, a alternância de códigos efetuada pelos nossos sujeitos, que vivem em uma sociedade bilíngue e utilizam a alternância como uma estratégia linguística de comunicação, confirmando nossa hipótese (i) de trabalho.

Outra hipótese que se confirma é a (ii): os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros identificam a existência de outra prática linguística na fronteira diferente das línguas nacionais, português e espanhol; eles a nomeiam de português e espanhol, portunhol, misturado e brasiguaio. No entanto, utilizamos ao longo do trabalho a forma *portunhol*, por ser como a maioria de nossos informantes nomearam o *code-switching* praticado por eles nas comercializações com os clientes uruguaios.

Nossa última hipótese de trabalho, a (iii) é verificada em partes. A grande maioria dos nossos informantes, 75% de acordo com a Tabela 4, se identifica com esse terceiro modo de falar na fronteira com *code-switching*. Em nossa hipótese, eles não se identificariam como falantes de portunhol, misturado, brasiguaio ou português e espanhol, no entanto acordávamos que nossos informantes não considerariam seu produto linguístico pejorativo, como de fato aconteceu, pois 67,5% dos informantes, como mostra a Tabela 9, acham ótimo ou bom falar o portunhol.

Encontramos algumas dificuldades ao realizar esta investigação. Embora estivéssemos trabalhando com gravadores de alta qualidade, algumas gravações ficaram prejudicadas, pois os comerciantes faziam a utilização de rádios em suas lojas, o que reduziu o corpus de cada informante e resultou em algumas transcrições com palavras incompreensíveis.

Outro fato que cremos que foi prejudicial foi o de não poder controlar outras variáveis que haviam sido pensadas como idade de aquisição e um menor intervalo de tempo de serviço. No entanto, entendemos que caso controlássemos essas variantes, seria extremamente dificultoso realizar o trabalho proposto pelo elevado número de informantes que atingiríamos e pela grande quantidade de células vazias por conta da variante controlada de ter ou não estudado a língua espanhola. Como o ensino formal de espanhol é recente nas escolas, não há informantes com mais de 11 anos de fronteira que tenham estudado espanhol, até poderia se ver pela idade deles, mas ocorre que muitos dos nossos informantes a partir dos 11 anos de trabalho na fronteira possuem apenas o ensino fundamental completo ou incompleto.

Por fim, foi muito gratificante podermos realizar este trabalho, que representa um pedaço mínimo da fronteira Brasil-Uruguaí, mais especificamente da fronteira brasileira da cidade de Jaguarão, que vem a somar com outros trabalhos de grande gabarito como os de Sturza (2006, 2009, 2011), Mota (2009), Alvarez (2009) Espiga (2006) Amaral (2006, 2009), Couto (2009, 2011) nos quais se analisa a realidade linguística da fronteira Brasil-Uruguaí, com ênfase no lado fronteiriço brasileiro.

8. Referências

AMARAL, L. I. C. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular e suas implicações linguísticas e sociais.** (Tese de doutorado). Porto Alegre, RS: [s.n] 2003.

ALBUQUERQUE, J. L. Pesquisas em Zonas de Fronteiras: Contextos, Temas e Abordagens Interdisciplinares. IN: COSTA, E. A; COSTA, G. V. L; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.) **Fronteira em foco.** Campo Grande: Editora UFMS, 2011. p. 71- 91.

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, Frankfurt A.M., v. 3, p. 83-93, 2004.

APPEL, R; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas.** Barcelona: Ariel, 1996.

ATX, G. Iluminando divisas. In: GARCIA, F. C. d. **Fronteira Iluminada.** História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920). 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 333p.

BARRIOS, G. El tratamiento de la diversidad lingüística en el debate educativo: paradigmas teóricos, representaciones y políticas lingüísticas. In: ALONSO, C. M. (Org.). **IV Encontro internacional de pesquisadores de políticas lingüísticas.** Santa Maria: Pallotti, 2009. p.23-31.

BARRIOS, G. **Etnicidad y Lenguaje** la aculturación sociolingüística de los inmigrantes italianos en Montevideo. Montevideo: Departamento de publicaciones da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2008.

BARRIOS, G.; PUGLIESE, L. Política lingüística en el Uruguay: las campañas de defensa de la lengua. In: MOZZILLO, I. *et al* (orgs.). **O plurilinguismo no contexto educacional.** III Fórum Internacional de ensino de línguas estrangeiras. Pelotas: Ed. da UFPel, 2005, p. 23-37.

BEHARES, L. E. Historia y discurso sobre educación en zonas de frontera. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração.** Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.3, pág. 25-33.

_____. **Uruguai / Brasil: contribuição ao estudo da heterogeneidade linguístico-cultural da fronteira sul.** Acessado em 17 jun. 2011. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/3/02.pdf>.

_____. Educação fronteiriça Brasil/Uruguai, línguas e sujeitos. **Pro-Posições.** Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 17-24, set./dez. 2010.

_____. Principios Rectores de las políticas lingüísticas en la educación pública uruguaya. In: BROVETTO, C. **Primer foro nacional de lenguas de ANEP.** Montevideo: A. Monteverde & Cía S.A, 2009, p. 23- 48.

_____. Historia y discurso sobre educación en zonas de frontera. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.3, pág. 25-33.

BRAGA, M. L. Variáveis discursivas sob a perspectiva da teoria da variação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística** - o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 12, pág. 101-115.

BRESCIANI, S. Apresentação. In: CAMPOS, C. M. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. São Paulo: Editora Unicamp, 2006. p. 13-16.

CALVET, L-J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 170.

CAMPOS, C. M. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. São Paulo: Editora Unicamp, 2006. p. 354.

CARVALHO, A. M. Diagnóstico sociolinguístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (orgs) **Portugués del Uruguay y educación bilingüe**. Montevideo: ANEP, 2007. Cap.2, pág. 49-98.

CARVALHO, A. M. Políticas linguísticas de séculos passados nos dias de hoje: O dilema sobre a educação bilíngue no norte do Uruguai. In: **Language problem, Language planning**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 149-171.

CARVALHO, A. M. Rumo a uma definição do Português uruguaio. In: **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**. V.1 2003. Disponível em <http://www.iai.spk-berlin.de/pt/publicacoes/rili.html>; Acesso em 23 nov. 2012. P 125-149.

CATAIA, M. Uso do território e fronteiras políticas no período da globalização. IN: COSTA, E. A; COSTA, G. V. L; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.) **Fronteira em foco**. Campo Grande: Editora UFMS, 2011. p. 13-32.

CECHIN, N. S. **Jaguarão: ontem e hoje**. Jaguarão: Companhia rio-grandense de artes gráficas, 1979.

COUTO, H. H. d. Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguaí. In: MELLO, H; ALTENHOFEN, C. V; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 369-395.

COUTO, H. H. d. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009. págs. 190.

DABÈNE, L; MOORE, D. Bilingual speech of migrant people. In: MILROY, L; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge, Cambridge Press, 1995, p.17-44.

ELIZAINCÍN, A. As pesquisas nas áreas de fronteira: Brasil/Uruguai. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.2, pág. 13-24.

ELIZAINCIN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. **Nos falemo Brasileiro: Dialectos portugueses en Uruguay**. Montevideo: Amesur, 1987.

FASOLD, R. **La sociolingüística de la sociedad**: Introducción a la sociolingüística. Madrid: Visor Livros, 1996. Tradução Margarita España Villasante, Joaquín Mejía Alberdi.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: FONSECA, Maria Stella Vieira de. NEVES, Moema Facure. (orgs.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. (1959) pág. 99-118.

FERREIRA, Aurélio. Buarque De Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRANCO, S. C. **Origens de Jaguarão (1790 – 1833)**. Caxias do Sul: Instituto Estadual do Livro, 1980.

GARCIA, F. C. **Fronteira Iluminada**. História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920). 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 333p.

GOLIN, T. **A fronteira**. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM, 2011. Vol 1.

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística** - o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 9, pág. 73-80

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. An introduction to Bilingualism. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

GRYNER, E.; OMENA, N. P. A interferencia das variáveis semânticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística**- o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 11, pág. 89-100.

GUY, G.; ZILLES, A. **A sociolingüística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola 2007.

HAMERS, J. F; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2ed. Londres: Cambridge University Press, 2000. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=ata9IBT5euwC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 5 jan. 2013.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 26 de março de 2012.

INE. Disponível em: <http://www.ine.gub.uy/>. Acesso em 20 jan. 2013

KERSCH, D. F. Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir dos dados do ADDU. In: MELLO, H; ALTENHOFEN, C. V; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p.397 – 422.

KÜHN, F. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011. 152p.

LABOV, W. A motivação social de uma mudança sonora. In: LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. Cap. 1, pág. 19-62.

_____. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nona York. In: LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. Cap. 2, pág. 63-90.

LAURELLI, E. Reestructuración económica en América Latina: ¿integración o fractura de los territorios fronterizos?. In: CASTELLO, I. R. *et AL (Orgs) Fronteiras na América Latina espaços em transformação*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1997. p. 172 – 186.

LDB. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 20 jan. 2013.

MACKAY, W. The description of bilingualism In: WEI, L. (Org). **The bilingualism reader**. London: Routledge, 2000. p. 22-50

MIDES. Disponível em: <http://www.mides.gub.uy/>. Acesso em 20 jan. 2013.

MILROY, L; MUYSKEN, P. Introduction: code-switching and bilingualism research. In: MILROY, L; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages**. Cross-disciplinary perspectives on code-switching. London: Cambridge University Press, 1995.

MOZZILLO, I. Oportunidade da fronteira Brasil-Uruguai: fenômeno de *code-mixing*? In: CORTAZZO, U.; MOZZILLO, I. et alii.(orgs.) **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Ed. da UFPel, 2011. (no prelo)

MOZZILLO DE MOURA, I. **Traição linguística e lealdade cultural - A alternância de código no discurso bilíngue**. (Dissertação de mestrado). Pelotas, RS: [s.n], 1997.

MOTA, S. S. Projeto *Braguay* e uma proposta de re-significação da fronteira: do limite à integração. In: **RAÍDO**. Revista do Programa de Pós- Graduação em Letras da UFDG. Dourados, MS: UFDG, 2009. V.3 P. 9-20.

OLIVEIRA, M. A. M. Estudos de fronteira: estudos de lógica. IN: COSTA, E. A; COSTA, G. V. L; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.) **Fronteira em foco**. Campo Grande: Editora UFMS, 2011. p. 57- 69.

OLIVEIRA, G. M. Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 7-10.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: SILVA, F. L; MELO MOURA, H. M (orgs). **O direito à fala. A questão do preconceito linguístico**. 2ª Ed. Florianópolis: Insular, 2002, p. 83-92.

OMENA, N. P.; DUARTE, M. E. L. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística**- o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 10, pág. 81-88

Prefeitura de Jaguarão. Disponível em: <http://www.jaguarao.rs.gov.br/>. Acesso em 20 nov. 2012.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2ª Ed. Oxford: Blackwell, 1997.

RONA, J. P. **El dialecto “Fronterizo” del norte del Uruguay**. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.

SELINKER, L. (1972). La Interlengua. Tradutora: Juana Liceras. In: LICERAS, J. **La adquisición de las lenguas extranjeras**. Madrid, 1992.

SILVA, V. L. P. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística- o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. Cap. 8, pág. 65-71.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas**. (Tese de doutorado). Campinas, SP : [s.n.], 2006.

_____. **Interface português/ espanhol: a constituição de um espaço de enunciação fronteiriço**. Acessado em: 17 jun. 2011. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_25023078/Interface%20portugu%EAAs.pdf.

WEI, L. Dimensions of bilingualism. In: WEI, L. (Org). **The bilingualism reader**. London: Routledge, 2000. p. 2-21.

Anexos

Anexo1**Questionário de Identificação****Informante:** _____**Loja:** _____

1. Nome: _____
2. Sexo:
 - a- Feminino.
 - b- Masculino.
3. Data de Nascimento: _____ Idade: _____
4. Cidade Natal:
 - a- Jaguarão
 - b- Rio Branco
 - c- Outra. Qual? _____
5. Há quanto tempo vive em Jaguarão? (Se você respondeu que nasceu em Jaguarão, passe à pergunta nº6.) _____
6. Quais são as suas línguas maternas? _____
7. Qual a sua relação com a Língua Portuguesa? O que você pensa a respeito de falar esta língua?
8. Qual a cidade natal da sua mãe?
 - a- Jaguarão
 - b- Rio Branco
 - c- Outra. Qual? _____
9. Em que língua você fala com a sua mãe?

10. Qual a cidade natal do seu pai?
 - a- Jaguarão
 - b- Rio Branco
 - c- Outra. Qual? _____
11. Em que língua você fala com seu pai?

12. Qual a cidade natal do seu cônjuge/companheiro(a)?

- a- () Jaguarão
- b- () Rio Branco
- c- () Outra. Qual? _____
- d- () Não sou casado (a)

13. Em que língua você fala com o seu cônjuge/companheiro (a)? (Se você respondeu que não é casado (a), passe à pergunta nº13.)

14. Quantos filhos você tem?

- a- () 1
- b- () 2
- c- () 3
- d- () 4
- e- () Mais que quatro. Quantos? _____
- f- () Não tenho filhos

15. Qual a cidade natal do seu filho 1? (Se você respondeu que não têm filhos, passe à pergunta nº. 23)

- a- () Jaguarão
- b- () Rio Branco
- c- () Outra. Qual? _____

16. Em que língua você fala com o seu filho 1?

17. Qual a cidade natal do seu filho 2? (Se você respondeu que só tem um filho, passe à pergunta nº. 23)

- a- () Jaguarão
- b- () Rio Branco
- c- () Outra. Qual? _____

18. Em que língua você fala com o seu filho 2?

19. Qual a cidade natal do seu filho 3? (Se você respondeu que só têm dois filhos, passe à pergunta nº. 22)

- a- () Jaguarão
- b- () Rio Branco

c- () Outra. Qual? _____

20. Em que língua você fala com o seu filho 3?

21. Qual a cidade natal do seu filho 4? (Se você respondeu que só têm três filhos, passe à pergunta nº. 22)

a- () Jaguarão

b- () Rio Branco

c- () Outra. Qual? _____

22. Em que língua você fala com o seu filho 4?

23. Em que línguas seus filhos falam entre si?

24. Há quanto tempo você trabalha na fronteira brasileira?

a- () 0- 5 anos

b- () 6-10 anos

c- () 11-15 anos

d- () 16-20 anos

e- () 21- 25 anos

f- () 26 – 30 anos

g- () mais de 30 anos. Quanto tempo? _____

25. Você é o dono ou o empregado da loja?

26. Que idioma você fala para atender os clientes uruguaios?

27. Qual a sua relação com a Língua Espanhola? O que você pensa a respeito de falar esta língua?

28. O seu contato com a Língua Espanhola é anterior ao seu começo de trabalho na fronteira?

29. Qual o seu nível de instrução:

- a- Ensino Fundamental incompleto.
- b- Ensino Fundamental completo.
- c- Ensino Médio incompleto.
- d- Ensino Médio completo.
- e- Ensino Superior Incompleto.
- f- Ensino Superior Completo.

30. Quantos anos você tinha quando entrou em contato com a Língua Espanhola?

31. Você já estudou ou estuda a Língua Espanhola de maneira formal?

- a- sim
- b- não

32. Como você aprendeu a Língua Espanhola? (Caso sua resposta anterior tenha sido **sim**, passe à pergunta nº 32)

33. Onde você estudou ou estuda espanhol? (Caso a sua resposta da questão 30 tenha sido **não**, passe à pergunta nº 34).

- a- Em um curso de idiomas.
- b- Na escola no Ensino Fundamental.
- c- Na escola no Ensino Médio.
- d- Na escola no Ensino Fundamental e Médio.
- e- Na Universidade no curso de Letras Português Espanhol.
- f- Na Universidade na disciplina de Espanhol Instrumental .

34. Quanto tempo você estudou ou há quanto tempo estuda a língua espanhola?

- | | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|---|
| a- <input type="checkbox"/> 1 ano | f- <input type="checkbox"/> 6 anos | k- <input type="checkbox"/> 11 anos |
| b- <input type="checkbox"/> 2 anos | g- <input type="checkbox"/> 7 anos | l- <input type="checkbox"/> 12 anos |
| c- <input type="checkbox"/> 3 anos | h- <input type="checkbox"/> 8 anos | m- <input type="checkbox"/> mais de 12 anos |
| d- <input type="checkbox"/> 4 anos | i- <input type="checkbox"/> 9 anos | n- <input type="checkbox"/> não lembra |
| e- <input type="checkbox"/> 5 anos | j- <input type="checkbox"/> 10 anos | |

35. Para você que língua se fala aqui na fronteira de Jaguarão- Rio Branco?

36. Qual seu pensamento sobre o modo de se falar na fronteira?

Anexo 2

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós- Graduação em Letras- Mestrado
Estudos da Linguagem

Pesquisadora: Lic. Dania Pinto Gonçalves
Orientadora da Pesquisa: Prof^a. Dr^a. Isabella Ferreira Mozzillo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As informações contidas neste termo de consentimento livre e esclarecido foram fornecidas pelas pesquisadoras Prof^a. Dr^a. Isabella Ferreira Mozzillo e Prof^a Lic. Dania Pinto Gonçalves com o objetivo de obter a autorização, por escrito, do participante que participará de um estudo sobre a Linguística Fronteiriça. O participante terá conhecimento do que será realizado no projeto e dará sua autorização por livre vontade.

Título provisório do estudo: O falar do comerciante e comerciário fronteiriço brasileiro na fronteira de Jaguarão/Rio Branco e sua identidade linguística.

Justificativa: Esse projeto justifica-se por querer ajudar a inserir um panorama brasileiro sobre a linguística fronteiriça. No Brasil não encontramos muitos estudos sobre o Fronteiriço, com exceção da investigadora Sturza que possui ampla bibliografia na área. Entretanto, do lado uruguaio encontramos grande diversidade de trabalhos, pois tais investigadores têm uma inquietação muito grande com o português do Uruguai, e perpassam essa temática pela culinária, *Na frontera nós fizemos assim: lengua y cocina en el Uruguay fronterizo* (2003); literatura (poesia, música, piadas), *Noite nu norte* (2008); políticas de educação, *Portugués del Uruguay y educación bilingüe* (2007) etc.

Essas investigações tem ajudado o Uruguai a expandir suas políticas de educação, fazendo com que o Estado reconheça o país como multilíngue, e expandindo suas políticas educacionais para o ensinamento bilíngue Espanhol/Português em suas fronteiras com o Brasil.

Este trabalho justifica-se ainda por querer analisar como o comerciante e comerciário fronteiriço brasileiro se comunica quando quer falar espanhol, a fim de verificar se essa prática linguística fronteiriço brasileiro corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia descrita por Behares, Elizaincín e Barrios (1987). Pretende-se verificar ainda se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros identificam a existência de uma terceira língua, dialeto e/ou variedade linguística na fronteira e se eles se identificam como falantes dessa variedade e como percebem seu produto linguístico.

O que se quer nessa pesquisa é sair da escola, de um ensino formal e velado rumo à língua viva, falada pelos comerciantes e comerciários da fronteira brasileira de Jaguarão/Rio Branco. E a partir, dos *Dialectos Portugueses del Uruguay*, doravante (DPU), da linguística fronteiriça uruguaia, para colaborar a traçar a linguística fronteiriça brasileira, que não é muito difundida.

Objetivos: a- Analisar como o comerciante e comerciário fronteiriço brasileiro se comunica quando quer falar espanhol; b- Analisar se a prática linguística do comerciante e comerciário fronteiriço brasileiro corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia descrita por Behares, Elizaincín e Barrios (1987); c- Verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros identificam a existência de uma terceira língua, dialeto e/ou variedade linguística na fronteira; d- Verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros se identificam como falantes dessa terceira língua, dialeto e/ou variedade linguística da fronteira; e- Verificar se os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros vêm seu produto linguístico de forma depreciativa.

Procedimentos: Proceder-se-á, primeiro, à aplicação de um questionário contendo perguntas a respeito da língua materna do comerciante e comerciário e a respeito do conhecimento, sobre o dialeto fronteiriço, qual seu pensamento sobre ele, com dois objetivos, primeiro de selecionar o grupo que fará parte do estudo e posteriormente para análise dos dados. Após a realização do questionário, que será elaborado pela pesquisadora, serão realizadas gravações das vendas de cada informante por quatro dias, para se obter dados significativos de cada sujeito, a fim de verificar, se na prática brasileira há o português como língua de base com code-switching ao espanhol. Após essa coleta, a pesquisadora selecionará trechos da venda de cada indivíduo e mostrará a outro sujeito da pesquisa, para que este classifique a língua que está sendo enunciada no trecho apresentado.

Desconfortos e riscos esperados: as atividades não apresentarão risco ao participante.

Informações Adicionais: não haverá identificação do nome dos participantes nas gravações realizadas, sendo os dados utilizados única e exclusivamente em eventos científicos da área ou áreas afins. É permitido aos participantes desistirem da pesquisa em qualquer momento. Além disso, o participante poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos objetivos e resultados do estudo realizado. Não haverá despesas financeiras decorrentes da participação na pesquisa.

Eu, _____, portador (a) da carteira de identidade nº _____, certifico que após a leitura deste documento e outras explicações fornecidas pelas professoras Isabella Ferreira Mozzillo e Dania Pinto Gonçalves (53) 3231-3535, sobre os itens acima, estou de acordo com a realização deste estudo e autorizo a minha participação.

Participante

Prof^a. Dr^a Isabella Ferreira Mozzillo

Prof^a. Lic. Dania Pinto Gonçalves

Jaguarão, ____ de _____ de 2012

Anexo 3**Camila TS1 x EE e Maria da Glória TS2/2**

Cliente- ¿A cuánto tienes el vaquero?

Camila- Vaquero, quinientos y noventa tem de todo preço

Camila- Quieres te provar este también (um tempo depois) ¿Cómo quedó?

Cliente- Me quedó grande, viste

Camila- ¿Grande?

Cliente- Sí, ¿no tienes más chico? (um tempo depois) a ver cómo queda...

Camila- Só tem uma coisinha no bolso só (tempo depois). ¿Cómo quedó?

Cliente- Hmm, voy a dar una vuelta

M^a da Glória- Não serviu esse aí, muchacha?

Camila- Sólo este

M^a da Glória- ¿Quedó bien?

Cliente- Éste. Voy a dar una vuelta

M^a da Glória para Camila- Quanto tu fez pra ela?

Camila- Quatro e noventa

M^a da Glória para Camila- Faz um descuentito.

M^a da Glória para Cliente- Queres que te faça?

Cliente- Voy dar una vuelta, si no encuentro llevo ése.

M^a da Glória- Pera aí, que vou te fazer um poquito menos

Cliente- No, no, después vuelvo

M^a da Glória- Cualquier cosa, tá

Anexo 4
Letícia TS1 x NEE

Letícia - A senhora quer probar alguna. ¿Qué talle seria?

Cliente - Treinta y ocho (tempo depois) Hay treinta y nueve.

Letícia - Treinta y nueve, vou trazer para a senhora

Cliente- Yo quería blanca pero no encontré aquí, mi pie no hay mi tamaño

Cliente uruguaia falando português- Quanto tá essa aqui?

Letícia – Trinta e nove, meu anjo.

Cliente uruguaia- Tem trinta e sete?

Letícia - Vou ver na numeração, aquela ali?

Cliente – (incomprensível)

Letícia - Sí estos baxitos sí, porque son los únicos, tres y noventa. Y así con tampones estes quinhentos pesos dá para fazer.

Cliente uruguaia para Cliente- Hay que comprar por acá que es barato, por ahí... me llevo estas acá

Cliente – Ah! eres uruguaya, yo creí que eras brasileña

Cliente uruguaia- Sí

Letícia - É professora tem que... (Risos)

Cliente uruguaia- Logo eu volto para levar aquelas ali. Hasta

Cliente - Hasta Luego

Letícia - Tchau

Cliente - Treinta y ocho tienes? Porque aquélla me quedó larga

Letícia - Sí, sí, sí , yo te trouxe una treinta y ocho brasilera

Cliente - Viste que está mejor

Letícia – Sí, sí, porque la horma es grande

Cliente-¿ Puedes traerme una treinta y siete?

Letícia - Sí

Cliente- Me encantó este color

Letícia - Treinta y siete

Cliente- Está linda

Letícia – Sí, puedes caminar con ella

Cliente- Yo me voy con ella

Letícia – (risos)

Cliente- Me encantaron éstas, el problema es que estiran

Letícia - Sí, dan una estiradita, sí. A senhora quiere levar?

Cliente- No, no, una bolsita para poner las chinelas. Son preciosas

Letícia - Acá perto del espelho, a senhora pode mirar melhor

Cliente- Ahh me encantó... ¿cuánto sale?

Letícia - Duzentos e noventa, diez pesos a senhora no teria

Cliente- Dos noventa reales?

Letícia - Duzentos e noventa pesos, em reales vinte y nueve reales

Cliente- Bueno, muchas gracias- hasta luego

Letícia - Eu que agradeço, hasta luego

Anexo 5
Madruga TS1 x EE

Cliente- Havaiana blanca, tienes?

Madruga- Sí, qual tamanho?

Cliente- Cuarenta y tres, cuarenta y cuatro

Madruga- Cuarenta y tres, cuarenta y cuatro sale ciento y treinta pesos

Cliente- (Incomprensível)

Madruga- ¿Cuál de ellas?

Cliente- Así

Madruga- Quanto são essas aqui Kátia?

Katia- Cento e setenta

Madruga- Ciento y setenta cada.

Madruga para Kátia- Quarenta e quatro tu não tens branca aqui?

Katia- No deposito (tempo depois)

Madruga- Cuarenta y tres, cuarenta y cuatro

Cliente- -Ciento treinta

Madruga- Ciento treinta

Cliente- - No pesa nada, es liviana

Madruga- Claro

Cliente- - Mayor cuánto me haces

Madruga- Agora já pergunto a la muchacha quanto ella puede hacer

Madruga para Kátia- Quando dá pra fazer essa aqui?

Kátia- Cento e cinquenta pesos

Madruga- Ciento cincuenta

A cliente foi embora

Anexo 6
José TS1xNEE

Venda 1

Cliente - Hola. ¿Cuánto sale?

José - Esse macacão aí? Cuatrocientos y dez pesos. Tem ese otro modelo acá, ó!

Cliente - ¿Todo lo mismo?

José - Todo lo mesmo, cuatrocientos y dez pesos.

José - Depois tenho de ese acá, curto

Cliente - Lo mismo, así. ? Cuatrocientos y diez?

José - Cuatrocientos dez

Cliente- Gracias

Venda 2

José - Procurava algo em especial?

Cliente- ¿Cómo?

José - Procurava algo em especial?

Cliente - ¡No!

José - Depois tiene esa bermudita acá, acá también tem. Depois tem esse aqui, ó.

Anexo 7
Maria TS2/1

Cliente- Hola

Maria- Hola

Cliente-¿Cuánto sale el calzoncillo? Tipo estos así, más grande.

Maria-¿Qué talle?

Cliente- Hmm grande

Maria- Grande, así

Cliente- Después ¿qué otros tipos tienes?

Maria- Depois aquele com elástico em cima

Cliente- Aham, y un jueguito así a ¿cuánto tienes?

Maria- Ciento treinta

Cliente-¿Y estos?

Maria- Ciento veinte

Cliente- Vienen tres

Maria- Três

Cliente-¿Y estos?

Maria- Cuarenta y cinco cada una

Cliente- Da lo mismo

Maria- Depois tenho assim, boxer

Cliente-¿Cuánto?

Maria- Ciento treinta, noventa, setenta e cinco

Cliente- Y las medias finas

Maria- Cuarenta y cinco

Cliente- Gracias

Maria- Sempre às ordens

Anexo 8
Cesar TS2/1

Cesar- Pra ti é?

Cliente - Sí

Cesar- Para usted? Esse aqui tá na moda, assim

Cliente - Sí, está precioso

Cesar- Así también

Cliente - Ése tá bueno

Cesar- Aquí tá el espejo.... ¿muy chiquito?

Cliente - Sí

Cesar- ¿Quieres más grande? ¿Te gusta más grande? Así negro, ¿no?

Cliente - Sí,

Cesar- El negro es más chico ainda. Ahh! muy chico este negro

Cliente - Pero está tan bonito

Cesar- Y este acá cromado

Cliente - No

Cesar- No, ¿no te gusta? Ah mi dios, tô aprendendo a hablar español viu (brincadeira com a investigadora que havia ido verificar as pilhas do gravador)

Cliente e Cesar- (risos)

Cliente - Este acá me queda estirado para arriba

Cesar- Pois é. Quieres mirar más alguno ahí, pode mirar

Cliente - Alguno que no sea tan chiquito

Cesar- Prova este. Ah! Tá muito lindo esse aí! Si queda muy grande vai quedar muy grande para ti, una cara chiquita. Éste te quedó lindo heim!?

Cliente - Sí

Cesar- Ese acá, ¿no te gustó?

Cliente - Me llevo éste, ¿cuánto es?

Cesar- Ciento veinte pesos. Y piercing de umbigo no quer mirar uno. Tá bonito heim, tem de nariz también, no quiseste poner no nariz

Cliente - No, no gracias

Cesar- Gracias ustedes, às ordens sempre

Anexo 9
Karen TS2/2

Karen- Hola

Cliente- Hola, pollera de jeans, ¿como para mí?

Karen- No mi amor, não tenho nada. Ahí al lado no buscaste?

Cliente- Sí, pregunté a la muchacha

Karen- Não, mas olha bem

Cliente 2- Decime, yo quiero un pantalón, fino

Karen- O único que tenho fino é esse assim ó, esse é tela fina, allí en la (A²²) usted no fue?

Cliente 2- ¿Dónde?

Karen- Aqui, na loja da esquina, eu acho que ela tem esse tipo de calça fina

Cliente 2- ¿Para dónde?

Karen- Si usted sigui aqui, no es nos quiosco, es una tenda

Cliente 2- Gracias

Karen - Bueno, de nada

²² Nome alterado para não identificar o estabelecimento

Anexo 10
Negra TS2/2

Cliente - Hola

Negra- Oi

Cliente- Bermudita para una nena de un año

Negra- Bermuda?

Cliente- Sí, de jeans

Negra- Tenho conjuntinho, aqui ó

Negra para Baixinha- Bermudinha pequenininha não tem, né, Baixinha?

Baixinha- Não tem mais

Negra para Baixinha- Tem uma aí, mas é grande, né?

Cliente- ¿Cuánto sale?

Negra- O conjuntinho trezentos e cinquenta

Cliente- Tá

Negra- Bermudinha não tenho

Cliente- Gracias

Anexo 11
Paulinho TS2/2

Cliente- ¿Cuánto me haces esta cartera?

Paulinho- Esta tava seis y noventa ayer, hoy tá por quatro e noventa, con repartición. Toda com repartição por dentro, con duas, duas, duas alça e todas las colores también que quieras

Cliente- Todo lo mismo precio

Paulinho- Tudo mesmo precio tudo em quatro e noventa hoy tá en promoción, era seis e noventa tá em promoción quatro y noventa chamar la doña pra ver, para mirar

Cliente- No, no gracias

Anexo 12
Pablo TS2/2

Cliente- Buen día, quería saber cuánto sale?

Pablo – A bolsa? Lo bolso te sale, este doscientos y cincuenta pesos y este acá seiscientos y cincuenta pesos

Cliente- Bueno

Pablo -Quiere ver algún color, algo, hay colores variados, hay tamaños

Cliente- ¿Qué tipo de color tienes?

Pablo - Tengo en varios colores, en verde, tengo en azul, tengo en rojo, todos ciento cincuenta los grandes, doscientos y cincuenta pesos los grandes y doscientos pesos los chicos, tengo mochilas, bolso de viaje, ¿alguna cosita más quería saber?

Cliente- No, por ahora

Pablo - Bueno, gracias igual